O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO

VERSÍCULO POR VERSÍCULO

Autor
R. N. Champlin, Ph. D.

ESDRAS

HAGNOS

ESDRAS

O Livro que Descreve os Erros do Povo que Voltou do Cativeiro Babilônico – O Segundo Templo Construído

Muitos dos sacerdotes e levitas e cabeças de famílias já idosos, que viram a primeira casa, choraram em alta voz quando à sua vista foram lançados os alicerces desta casa; muitos, no entanto, levantaram as vozes com gritos de alegria. Esdras 3.12

Esdras

10 Capítulos
280 Versículos

INTRODUÇÃO

Esboço:
I. Pano de Fundo Histórico
II. Esdras, o Homem e a sua História
III. Relações e Características Literárias
IV. Autoria e Data
V. Cânon
VI. Alguns Problemas
VII. Esboço do Conteúdo
VIII. Bibliografia

I. Pano de Fundo Histórico

O ataque dos exércitos assírios resultara na queda de Samaria, capital do reino do norte, em 722 A.C. Disso proveio o *cativeiro assírio* (ver a respeito no *Dicionário*). A dominação assíria de Judá começou em 721 A.C., quando caiu o reino do norte; mas Judá nunca se tornou realmente uma província assíria. Todavia, Judá teve de pagar tributo aos monarcas assírios. Com o surgimento da Caldéia, sob Nabucodonosor (605-562 A.C.), a situação de Judá deteriorou-se rapidamente. Em 592 A.C., Nabucodonosor invadiu Judá e levou para o cativeiro o seu rei, Jeoaquim, e os principais líderes da nação. O trecho de II Reis 24.15 mostra-nos que Ezequiel estava entre os cativos. Presumivelmente, uma deportação anterior já ocorrera. Então veio a deportação na qual Ezequiel esteve envolvido. Na Babilônia, ele predisse a destruição de Jerusalém e de seu templo, o que seria seguido ainda por uma terceira deportação. Em 586 A.C., Nabucodonosor, segundo Ezequiel havia predito, deixou Judá em ruínas, abafando a revolta nacionalista que havia arrebentado ali. Isso completou a destruição de Judá, e mais habitantes de Jerusalém foram levados para a Babilônia. Ver a narrativa completa no artigo sobre o *Cativeiro Babilônico.*

Após relatar a história da monarquia e do templo, até o exílio, o autor do livro de Esdras passa por cima do período em que o templo ficou arruinado, quando os principais homens de Judá encontravam-se na Babilônia, e registrou o retorno predito, o que, finalmente, levaria à reconstrução do templo, sob as ordens de Zorobabel (da linhagem de Davi) e de Josué (da linhagem de Arão). Em seguida, o autor sagrado descreveu o estabelecimento da nova comunidade judaica, durante o período de 538-433 A.C.

A sorte mudou, e os judeus, no cativeiro, caíram sob o domínio da Pérsia, quando Ciro conquistou a Babilônia, em 539 A.C. O livro de Esdras alista certo número de reis persas. Se considerarmos os livros de Esdras e Neemias como uma unidade, então acharemos ali os nomes de Ciro (539-530 A.C.), que permitiu que alguns cativos judeus retornassem à Palestina; Cambises (530-522 A.C.); Gaumata (pseudo Esmerdis, 522 A.C), que foi um usurpador; Dario I (522-486 A.C.), citado nos capítulos quinto e sexto do livro de Esdras; Xerxes I (486-465 A.C.), referido em Esdras 4.6; Assuero, da rainha Ester; Dario e Xerxes que invadiram a Grécia, mas sem sucesso (a história narrada por Heródoto); Artaxerxes I (464-424 A.C.), aludido em Esd. 4.7-23 e 7.1 - 10.44. O ministério inteiro de Neemias cabe dentro desse último período. Mas alguns estudiosos situam Esdras na época de Artaxerxes II, o que transferiria as suas atividades para cinqüenta anos mais tarde.

II. Esdras, o Homem e a sua História

Este tópico é manuseado em um artigo separado. Ver no *Dicionário* sobre *Esdras (Pessoa),* terceiro ponto. Esse artigo, além de mostrar ao leitor o que se sabe acerca de Esdras, também presta informações sobre o passado histórico do livro, suplementando a primeira seção do presente artigo.

III. Relações e Características Literárias

O livro de Esdras fazia parte original de uma obra literária mais extensa, que incluía os dois livros de Crônicas e o livro de Neemias. Por isso, os eruditos falam sobre o *cronista* como o autor ou compilador de todo esse material. Ver sobre *Autoria.* É evidente que a unidade Esdras-Neemias tem o intuito de dar prosseguimento à narrativa iniciada nos livros de Crônicas. Comparar os versículos finais de II Crônicas com os versículos iniciais do livro de Esdras. Esdras-Neemias foi preparado para suplementar os livros de Crônicas, com base em documentos aramaicos e hebraicos então existentes. Esses documentos continham as memórias de Neemias e as de Esdras. Os livros de Crônicas terminam com a destruição de Jerusalém e a conseqüente deportação dos judeus para a Babilônia. Esdras dá prosseguimento a esse propósito, narrando como um remanescente retornou, a fim de restabelecer a nação judaica em torno de Jerusalém. O cronista, pois, via aqueles pioneiros como um remanescente piedoso, dotado de uma missão espiritual. E a história tem confirmado essa avaliação.

Os intérpretes vêem algumas deslocações cronológicas na unidade Esdras-Neemias, pelo que a leitura contínua desses dois livros não fornece a devida seqüência dos acontecimentos. O livro apócrifo de I Esdras com freqüência preserva melhor a ordem histórica dos eventos. Se alguém ler as porções seguintes, na ordem aqui apresentada, obterá melhor seqüência cronológica: Esd. 1.1 - 2.70; Nee. 7.7 - 73a; Esd. 3.1 - 4.6; 4.24 - 6.22, 4.7-23; Nee. 1.1 - 7:5; Nee. 11 - 13; 9.38 - 10.39; Esd 7 - 10; Nee. 8.1 - 9.37. Certo editor, ao tentar evitar essa confusão cronológica, procurou melhorar a situação mediante várias inserções, como aquela em que colocava o nome de Neemias em Nee. 8.9, e o de Esdras em Nee. 12:26 e 36.

O livro de Esdras é complexo, constituído por uma porção em aramaico (Esd. 4.7 - 6.18; 7.12-26) e uma porção em hebraico (7.1 - 10; 7.27 - 10.44). Alguns eruditos supõem que as duas porções antes existissem separadas, mas um editor qualquer as reuniu; ou então a porção hebraica foi unida à porção aramaica, a fim de compor uma única narrativa. O decreto real (Esd. 7.12-26) provavelmente consistia em um documento separado, que foi anexado à história. A própria narrativa é complexa, porquanto parte dela consiste em autobiografia (Esd. 7.27 - 9.15), ao passo que a outra parte é biográfica (7.1-26; cap. 10). Além disso, parte do material pertencente a Esdras foi transplantado para o livro de Neemias, como porções do capítulo sétimo, até o nono capítulo.

Nos tempos antigos, vários livros circularam sob o nome de Esdras. Ver os artigos separados sobre I e II Esdras, que são livros apócrifos.

O livro canônico de Esdras faz parte da terceira divisão do cânon hebraico, chamada *Escritos ou Hagiógrafos* (ver a respeito no *Dicionário*). No hebraico, aparecia originalmente combinado com Neemias, formando uma unidade. A tradição judaica atribui o livro de Esdras a Esdras. Pelo menos, suas memórias estão incluídas no livro.

IV. Autoria e Data

Questões como estilo, abordagem, propósito comum e repetição de usos verbais apontam para um compilador que trabalhou sobre os livros de Crônicas, Esdras e Neemias, como se formassem uma só unidade. Várias fontes informativas podem ser percebidas; portanto, se Esdras foi o autor, então ele atuou quase sempre como mero compilador de materiais já existentes. Precisamos reunir em um único bloco os seguintes materiais:

1. *As memórias de Esdras* (Esd. 7.27 - 9.15). O emprego da primeira pessoa do singular nessa seção não significa, necessariamente, que Esdras, e somente ele, tenha escrito a unidade inteira, conforme alguns pensadores têm dito. 2. *As memórias de Neemias* (Nee. 1.1 - 7.5; 11.27-43; 13.4-30). 3. *Os documentos em aramaico* (sendo esse o idioma diplomático da época, Esd. 4.8-24), que, evidentemente, pertencem, em ordem cronológica, a um período um pouco anterior ao primeiro capítulo do livro de Neemias. Cf. Esd. 4.21 com Nee. 1.3. No aramaico, temos a carta a Dario I e sua resposta (Esd. 5.1 - 6.18). Além disso, nesse idioma, temos a autorização de Artaxerxes para que os judeus

retornassem do cativeiro à sua terra (Esd. 7.12-26). 4. Em seguida, várias listas de nomes foram inseridas com certa variedade de propósitos: *a.* os exilados que retornaram (Esd. 2; comparar com Nee. 7); *b.* aqueles que se tinham casado com mulheres gentias e tiveram de divorciar-se delas quando da reforma religiosa de Esdras (Esd. 10.18-43); *c.* os construtores das muralhas de Jerusalém e os trechos onde eles trabalharam (Nee. 3); *d.* os líderes que apuseram seu selo ao pacto estabelecido em torno da restauração de Israel e seus novos começos (Nee. 10.1-27); *e.* a alocação do povo, em Jerusalém e nas circunvizinhanças (Nee. 11); *f.* as listas de sacerdotes e levitas, até Jadua (Nee. 12.1-26). Talvez esse tenha sido o Jadua que foi sumo sacerdote durante o reinado de Dario II (338-331 A.C.). Supomos que listas como essas estivessem guardadas nos arquivos do templo. Um autor qualquer dificilmente poderia tê-las arranjado sozinho. 5. Depois disso, temos a porção *narrativa* do próprio autor-compilador, procurando reunir todo esse material e unificar as diversas inserções feitas. A tradição judaica piedosa atribui a obra inteira a Esdras, mas a maioria dos eruditos modernos pensa que algum compilador desconhecido se mostrou ativo. O próprio livro é anônimo, pelo que não há como chegar a conclusões indubitáveis sobre a questão da autoria.

Data. As várias datas atribuídas ao livro dependem da identidade do rei Artaxerxes, referido no livro, isto é, se foi Artaxerxes I ou Artaxerxes II. Isso cria uma diferença de cinqüenta anos, de 458 A.C. para 397 A.C. Alguns estudiosos supõem que a escrita real pudesse ter ocorrido cem anos ou mais após eventos descritos. Se o Jadua de Nee. 12.11,22 fosse identificado com o sumo sacerdote desse nome, do reinado de Dario III (338-331 A.C), então o livro de Esdras, em sua forma final, poderia datar dessa época. Uma cópia atualizada, entretanto, pode ter sido feita com base nessa adição, e o restante pode ter sido preparado algum tempo antes.

V. Cânon

A canonicidade de Esdras-Neemias nunca foi posta seriamente em dúvida. Esdras, uma espécie de segundo Moisés, foi o fundador da segunda república judaica, por assim dizer, pelo que também tinha enorme prestígio dentro das tradições judaicas. Ver no *Dicionário* o artigo geral sobre o *Cânon do Antigo Testamento.* A unidade Esdras-Neemias aparece no terceiro grupo do *cânon* hebraico, intitulado *Escritos ou Hagiógrafos* (ver a respeito também no *Dicionário*). Ilogicamente, antecede os livros de Crônicas, naquela coletânea hebraica; mas, provavelmente, isso se deve ao fato de que os livros de Crônicas são paralelos aos livros históricos de Samuel e Reis, pelo que poderiam ser lidos como um suplemento, e não como uma continuação histórica desses escritos.

VI. Alguns Problemas

Os informes históricos existentes no livro de Esdras nem sempre concordam com aquilo que se sabe, através da história secular. Além disso, alguns estudiosos vêem certas discrepâncias internas entre as várias fontes informativas incorporadas pelo livro. Consideremos os três pontos seguintes:

1. Ciro, em Esd. 1, reconheceu o Deus dos judeus, Yahweh. Mas um monarca pagão faria tal coisa? Qualquer político teria o cuidado de tratar respeitosamente as crenças religiosas de um povo. Os registros contemporâneos que envolvem Ciro ilustram precisamente isso, por parte dos decretos reais.
2. Em Esd. 3.8 lemos que Zorobabel lançou os alicerces do templo de Jerusalém, mas em Esd. 5.16 isso é atribuído a Sesbazar, referido ali como alguém que já havia falecido. Alguns estudiosos pensam que a construção se processou em dois estágios: um iniciado por Sesbazar, e outro por Zorobabel. Ou então Sesbazar foi o líder oficial, ao passo que Zorobabel foi um entusiasta ativo, tanto em 536 A.C., como posteriormente; em 520 A.C.
3. Com base em Ageu 2.18, aprende-se que os alicerces do templo foram lançados em 520 A.C.; mas Esd. 3.10 parece indicar que isso aconteceu em 536 A.C. Alguns supõem que ambos os informes digam a verdade, e que o intervalo de dezesseis anos, entre a primeira e a segunda arrancadas, seja considerado um começo. E possível que isso tenha acontecido, e que mais de uma pedra oficial de fundação tenha sido lançada, cada qual assinalando um esforço específico de reconstrução.

Explicações como essas são apenas conjecturas, embora não se revelem questões importantes para a fé, mesmo que sejam encontradas algumas discrepâncias. Os próprios livros sagrados não reivindicam perfeição. Essa é a reivindicação de teólogos, que injetam nas Escrituras idéias que elas mesmas não exprimem. Já vimos que a compilação da unidade Esdras-Neemias foi feita com algum defeito de arranjo cronológico. As deslocações cronológicas também formam um problema nos evangelhos; mas isso não envolve questões de fé, exceto para os harmonizadores que querem obter perfeição a qualquer preço.

VII. Esboço do Conteúdo

O livro de Esdras divide-se em duas partes principais, a saber:

I. *O Retorno dos Exilados sob Zorobabel* (1.1 – 6.22)
  1. Retorno dos primeiros cativos (1.1 – 2.70)
    a. Ciro favorece os judeus com seu decreto (1.1-11)
    b. A lista dos exilados (2.1-70)
  2. A adoração judaica é restaurada (3.1 – 6.22)
    a. O templo é reconstruído (3.1 – 6.15)
    b. A dedicação do templo (6.16-22)

II. *Reformas de Esdras - O Reinício de Israel* (7.1 – 10.44)
  1. A segunda leva de exilados (7.1 – 8.36)
  2. Divórcio forçado das esposas estrangeiras: a purificação (9.1 – 10.44)

VIII. Bibliografia

AM E I IB ID JBL (xl, 1921, "The Date and Personality of the Chronicle") TOR WBC WES YO Z.

Ao Leitor

O *leitor sério*, ao examinar o livro de Esdras, preparará o caminho para seu estudo lendo a *Introdução* ao livro. A introdução aborda as seguintes questões: pano de fundo histórico; Esdras, o homem e sua história; relações e características literárias; autoria e data; cânon; alguns problemas; esboço do conteúdo.

Características Gerais. "Esdras, o primeiro dos livros dos tempos do pós-cativeiro (Esdras, Neemias, Ester, Ageu, Zacarias e Malaquias), registra o retorno à Palestina, sob Zorobabel, por decreto de Ciro, de um remanescente judeu que lançou os alicerces do templo em cerca de 536 A.C. Mais tarde ainda (458 A.C.), Esdras também voltou à Terra Prometida e restaurou a lei e o ritual. Mas a grande maioria da nação, bem como a maioria dos príncipes, permaneceu, por preferência pessoal, na Babilônia e na Assíria, onde estava prosperando. Os livros do pós-cativeiro tratam do débil remanescente que tinha o coração voltado para Deus" (*Scofield Reference Bible*).

Cronologia:

1. O retorno do primeiro destacamento de judeus foi feito sob a liderança de Zorobabel e Josué (Esdras 1 – 6; 536 A.C.). Os livros de Zacarias e Ageu foram escritos durante esse período.
2. A expedição de Esdras (458 A.C.), setenta e oito anos mais tarde (Esdras 7 – 10).
3. A comissão de Neemias (444 A.C.), catorze anos após a expedição de Esdras (Neemias 2.1-5).

A Unidade: *Esdras e Neemias*, na Bíblia hebraica, formam um único volume. A separação em dois livros ocorreu primeiro na tradução da Septuaginta, e esse arranjo foi seguido por traduções posteriores em outras línguas.

A Literatura de Esdras: Esdras e Neemias são, vez por outra, intitulados I e II Esdras. Além desses, há entre os não-canônicos e apócrifos o livro chamado I Esdras, também conhecido como III Esdras; e então há It Esdras, também denominado IV Esdras. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os verbetes chamados *I e II Esdras*. O livro de II Esdras, além de receber o nome de IV Esdras, também é citado como *Apocalipse de Esdras*. Como é claro, Esdras não escreveu nenhum desses livros, mas os materiais históricos genuínos saídos da pena de Esdras sem dúvida estão contidos no livro original de Esdras-Neemias.

A Coletânea Canônica. Os livros de I e II Crônicas, Esdras e Neemias podem ter sido escritos por um mesmo autor-compilador, que os eruditos chamam de *o cronista*. As tentativas de fazer de Esdras o autor dos livros de Esdras e Neemias não têm sido bem acolhidas, mas isso não significa que ele não tenha contribuído com materiais (entre outros) que o autor-compilador empregou em seus livros. Note que o trecho de II Crônicas 36.22,23 é essencialmente reproduzido em Esdras 1.1-3. Para a maioria dos eruditos, isso indica um autor comum. Entretanto, questões como estilo, abordagem, propósito comum e repetição de usos verbais apontam para um único compilador, que trabalhou nos livros de Crônicas, Esdras e Neemias, como se formassem uma só *unidade literária*.

Fontes de Material. Cerca de metade do volume de I e II Crônicas baseou-se em I e II Samuel e em I e II Reis. Quanto ao restante do material, o autor sagrado contou com várias fontes informativas que identifico com as seguintes referências: I Reis 14.19; II Crônicas 9.29; 12.15; 20.34; 26.22 e 32.25.

Uma Filosofia da História. A *unidade literária* formada por I e II Crônicas e Esdras-Neemias foi, em certo sentido, uma história idealista e didática, e não meramente uma história de eventos. O cronista tinha uma filosofia da história toda especial. Ele acreditava que a história é guiada teisticamente: Yahweh estaria por trás de tudo, recompensando os bons e punindo os maus, e guiando as nações a seus destinos, sobretudo a nação escolhida, Israel-Judá. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Teísmo* quanto ao significado desse conceito, o âmago da filosofia da história do cronista. Quanto a notas adicionais sobre essa questão, ver os comentários de introdução a I Crônicas, após a introdução principal, imediatamente antes dos comentários de I Crônicas 1.1. Ver os cinco princípios normativos usados na história narrada pelo cronista.

Como Israel-Judá Foi Preservado pelo Minúsculo Fragmento de Judá que Retornou do Cativeiro Babilônico. Embora minúsculo em números, um fragmento de Judá foi capaz de continuar a história de Israel. O autor sacro começou a chamar esse fragmento de *Israel*, desprezando o fato de que houvera antes Israel (as tribos do norte) e Judá (as tribos do sul). Em 722 A. C., as dez tribos do norte perderam-se para sempre no cativeiro assírio. Outro tanto poderia ter acontecido ao sul, Judá, por ocasião do cativeiro babilônico (597 A.C. e posteriormente). Ver sobre ambos os assuntos no *Dicionário*. O minúsculo fragmento de Judá que voltou tinha *autoridade política* porquanto *Zorobabel* (ver a respeito no *Dicionário*) pertencia à linhagem de Davi, de maneira que a dinastia davídica foi preservada. E a *autoridade espiritual* foi garantida na minúscula Nova Israel no retorno de levitas e sacerdotes (da família de Arão) qualificados. Embora Zorobabel não fosse rei, era o governador oficialmente nomeado pelo governo babilônico, pelo que tinha uma espécie de autoridade real sobre o remanescente judeu que retornou.

Livros Separados? A Bíblia hebraica, bem como Josefo (*Contra Apion* 1.8) e Jerônimo, além do Talmude, consideravam os livros de Esdras e Neemias um único volume. As listas similares, embora levemente diferentes, apresentadas no segundo capítulo de Esdras e no sétimo capítulo de Neemias, poderiam significar que esses livros foram originalmente volumes separados. Mas é difícil entender por que um mesmo autor-compilador teria apresentado ambas as listas. Por outra parte, um autor-compilador pode ter incluído ambos os trechos de fontes informativas separadas, não querendo sacrificar o material, a despeito de isso ter criado possíveis problemas de harmonização.

O Texto. Quase uma quarta parte do livro de Esdras foi escrita em aramaico, o idioma semita irmão do hebraico. As seções escritas em aramaico constituem vinte e sete dentre duzentos e oitenta versículos. Essas seções são Esdras 4.8 - 6.18 e 7.12-26. O material desses versículos foi copiado principalmente da correspondência oficial, em que o aramaico era a linguagem padrão (língua franca) da época. Naturalmente, o povo hebreu acabou adotando esse idioma como sua própria língua, que talvez fosse tão próxima do hebraico quanto o espanhol é parecido com o português.

Escopo Histórico. A unidade de Esdras-Neemias cobre o período de 538 A.C. até cerca de 430 A.C.

Quanto ao restante dos materiais introdutórios, o leitor deveria consultar a *Introdução* geral, anteriormente.

Capítulo Um

Retorno dos Exilados sob Zorobabel (1.1 – 6.22)

Retorno dos Primeiros Cativos (1.1 – 2.70)

Ciro Favorece os Judeus com Seu Decreto (1.1-11)

Esdras 1.1-3a reproduz o trecho de II Crônicas 36.22,23, mas adiciona alguns detalhes quanto ao decreto do rei Ciro. Um decreto ainda mais extenso é dado em I Esdras (também chamado III Esdras; Esdras e Neemias são chamados de I e II Esdras) 1.1-58, embora não saibamos dizer quão autêntico é esse material. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *I Esdras*.

1.1-3

No primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia. Quanto à *exposição essencial* desses versículos, comparar com o trecho quase idêntico de II Crônicas 36.22,23. O cronista adiciona aqui algumas informações e refaz um pouco o fraseado. Ofereço notas detalhadas sobre essa questão, incluindo a introdução aos vss. 22 e 23, de modo que não repito o material aqui. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Ciro* e *Pérsia*. No livro de Esdras, o cronista presta-nos a informação, da qual não necessitamos (mas de que talvez outros leitores precisem), de que o templo a ser construído estaria em Jerusalém, capital de Judá. Ademais, o templo foi chamado de casa de Yahweh-Elohim, o Deus de Israel, a quem Ciro tanto respeitava, conforme anotei no trecho paralelo.

Para a maioria dos eruditos, o fato de Esdras 1.1-3 reproduzir o paralelo de II Crônicas 66.22,23 indica uma autoria comum. Isso, entretanto, é negado por certos estudiosos, mas outras questões parecem dar apoio a essa reivindicação. Ver anteriormente, sob o título *Coletânea Canônica*, uma discussão a respeito.

No primeiro ano. A nota cronológica (vs. 1) refere-se não ao primeiro ano de Ciro como rei da Pérsia (isso aconteceu em 559 A. C.), mas ao seu primeiro ano como governador da Babilônia, a saber, 538 A. C. Esse foi o ano em que os judeus tiveram seu primeiro contato com Ciro (ver Esdras 5.13).

Rei da Pérsia. Alguns eruditos pensavam anteriormente que essa expressão seria uma observação anacrônica do cronista, mas evidências têm demonstrado que o título era mais antigo do que antes se pensara. Está contido nas *Crônicas de Nabonido*, col. 2,1.15, que a arqueologia trouxe ao nosso conhecimento.

O edito de Ciro aparece tanto no hebraico (ver Esdras 1.2-4) como em aramaico (ver Esdras 6.3-5). Talvez a primeira menção a esse decreto seja uma forma oral, ao passo que a segunda seja a versão escrita. De qualquer modo, nenhum relato sobre esse decreto ficou preservado *verbatim*. Mas a *essência* está ali, em ambas as versões.

Deus dos céus. Um título comum para indicar Yahweh, que aparece no livro de Esdras por nove vezes: 1.2; 5.11,12; 6.9,10; 7.12; 7.21,23 (duas vezes). O mesmo título aparece outras dez vezes em outros livros exílicos e pós-exílicos: II Crônicas 36.23; Neemias 1.4,5; 2.4,20; Daniel 2.18,19,28,37,44. Em outros lugares do Antigo Testamento, aparece somente por mais quatro vezes: Gênesis 24.3,7; Salmo 136.26 e Jonas I.9. Esse título enfatiza a soberania de Deus. Ver minhas notas sobre esse título em II Crônicas 36.23. Ver também no *Dicionário* o verbete intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de*.

1.4

Todo aquele que restar em alguns lugares em que habita. As *adições* ao edito, conforme este aparece em II Crônicas 36.22,23, evidenciam-se mais neste versículo. É provável que em nenhuma de suas versões haja uma transcrição palavra por palavra, segundo a maneira como o decreto foi falado ou escrito; mas temos a sua essência em vários lugares em II Crônicas-Esdras e I Esdras. Ciro tinha o coração fixo no projeto do templo, em Jerusalém, e até proveu fundos e transporte para facilitar o trabalho. Os sobreviventes (aqueles que tinham escapado à matança em Jerusalém; ver II Crônicas 36.20) receberam um convite especial, por parte do rei da Pérsia, para participar do retorno do cativeiro babilônico e ocupar-se da construção do segundo templo de Jerusalém. Mas os judeus que tinham criado fortes raízes na Babilônia (ver Jeremias 29.4-10) não se interessaram em retornar àquela terra violenta, onde somente a tristeza tinha reinado por tanto tempo.

Um *novo êxodo* estava sendo efetuado, e aqueles que quisessem voltar para Jerusalém teriam dinheiro suficiente, animais domesticados e a ajuda de que porventura precisassem para um novo começo. O rei cuidaria desse aspecto da questão, e também haveria oferendas voluntárias para a construção do templo, e, presumivelmente, sobraria algo para os construtores sob a forma de salários.

Cronologia (todas as datas são A. C.):

1. *558-529*: Ciro tornou-se rei dos medos e dos persas, depois de ter derrotado a Astiages.
2. *541*: Belsazar, vice-rei da Babilônia (Daniel 7).
3. *538*: O império babilônico chega ao fim. O império medo-persa foi estabelecido por Ciro. Dario, o medo, foi feito rei da Babilônia.
4. *536*: Primeiro ano de Ciro como rei da Babilônia. Seu decreto liberava os cativos judeus para retornarem a Jerusalém. Volta de judeus sob o comando de Zorobabel.
5. *535*: Fundação do segundo templo de Jerusalém (Esdras 3.8).
6. *529*: Oposição dos samaritanos (Esdras 4.6).
7. *522*: A construção do templo cessa temporariamente (Esdras 4.7).
8. *521-486*: Dario I, filho de Histaspes, rei da Pérsia (Esdras 4.5-24; 5.5; 6.1). Ageu e Zacarias começam a profetizar.
9. *515*: Termina a construção do segundo templo (Esdras 6.15).
10. *486-465*: Xerxes (o Assuero de Ester) sobe ao trono da Pérsia.
11. *465-425*: Artaxerxes Longimano (Esdras 7; Neemias 2.1).
12. *445*: Neemias vai a Jerusalém (Neemias 2.1; 5.14). Construção das muralhas de Jerusalém.
13. *433*: Neemias retorna a Jerusalém (Neemias 13.6).
14. *401-399*: Últimas predições de Malaquias. (Morte de Ciro, o Jovem.) Tempo de Tucídides e Sócrates na Grécia.

1.5

Então se levantaram os cabeças de famílias de Judá e de Benjamim. *A Liderança Desperta.* Tirando vantagem da generosidade de Ciro, e sentindo o despertar do nacionalismo e o impulso interior de Yahweh, os principais líderes ergueram-se para conduzir o povo de Judá de volta à Terra Prometida. Entre os líderes, havia sobreviventes proeminentes de Judá e de Benjamim, além de certo número de sacerdotes e levitas. Notemos que foi um remanescente do sul (Judá-Benjamim) que reiniciou a *nação* de Israel, em sua Terra Prometida. Esse remanescente tinha a autoridade política de Zorobabel (2.2), descendente de Davi, bem como a autoridade espiritual de sacerdotes e levitas qualificados, ou seja, eles contavam com todos os requisitos da legislação mosaica. O minúsculo fragmento de Judá tornou-se assim o Novo Israel, e as coisas recomeçaram. E agora, mesmo depois da grande dispersão romana ocorrida em 132 A. C., na era atual, as coisas continuam. Naturalmente, a dinastia davídica (que o cronista nunca se cansou de exaltar) perdeu-se, exceto pelo fato de que continua na pessoa de Jesus, o Cristo, o Filho de Davi, o Rei dos reis.

Com todos aqueles. Ou seja, o povo comum. Um total de 49.897 pessoas retornaram à Terra Prometida (ver Esdras 2.64,65).

Jerusalém e Judá Jaziam Desolados. Nada havia que acolhesse os recém-chegados à Terra Prometida. Eles se estabeleceram em clãs e grupos familiares. Ciro os ajudou, como fizeram seus vizinhos babilônicos (vs. 6). Com grande coragem, iniciaram uma nova vida.

> *Por muitas vezes, a prova da coragem*
> *não é morrer, mas viver.*
>
> (Vittorio Alfieri)

> *A mais forte, mais generosa e mais orgulhosa*
> *de todas as virtudes é a verdadeira coragem.*
>
> (Michel de Montaigne)

> *Coragem, pois! O que não pode ser evitado*
> *é a fraqueza das crianças, que se lamentam ou temem.*
>
> (Shakespeare)

1.6

Todos os que habitavam nos arredores. Os vizinhos saíram em socorro dos judeus recém-chegados, suprindo-lhes dinheiro e materiais necessários, além dos animais que proveriam transporte. Houve grandes ofertas *voluntárias*. Os doadores não foram identificados, porém o mais provável é que tanto os judeus que não planejavam voltar à Terra Prometida quanto houve pagãos que contribuíram. E talvez alguns dos judeus que ficaram tivessem contribuído, somente para irem para a Terra Prometida mais tarde. Mas a maioria dos judeus contentou-se em permanecer na Babilônia, onde se tinha adaptado à nova vida. I Esdras diz graficamente que os judeus que voltaram foram ajudados "em todas as coisas". Nada lhes faltou para a viagem.

Cousas preciosas. Temos no original hebraico uma palavra rara, que usualmente refere-se a metais preciosos. Houve certa *riqueza* nas doações recebidas, para que, tendo toda a abundância em todas as coisas, fossem capazes de abundar em toda boa obra (ver II Coríntios 9.8).

> *A coisa mais importante em qualquer relacionamento pessoal não é o que se recebe, mas o que se dá.*
>
> (Eleanor Roosevelt)
>
> *Mais bem-aventurado é dar que receber.*
>
> (Atos 20.35)

Ciro Devolve os Vasos do Templo (Esdras 1.7-11)

1.7

Também o rei Ciro tirou os utensílios da casa do Senhor. *A Contribuição Real.* Ciro deu o exemplo de liberalidade e doação. Além de Ter oferecido provisões sob a forma de animais e dinheiro para o retorno dos exilados a Jerusalém, também devolveu os vasos do templo, que haviam feito parte do saque de Nabucodonosor. O trecho de II Reis 24.13 diz-nos que esses vasos foram cortados em pedaços, de maneira que devemos presumir que alguns, mas não todos, tenham sido despedaçados. Parte desses vasos foi reduzido a seu valor em metal, por meio da dissolvência.

Por assim dizer, Ciro roubou o templo de Belus, na Babilônia (ver II Crônicas 36.7; Daniel 1.2), e devolveu os vasos a Yahweh, pois eram coisas que, realmente, Lhe tinham sido furtadas.

Tinha Posto na Casa de Seus Deuses. O principal desses deuses era Marduque ou Merodaque, a quem ele chamava de seu "senhor" (Daniel 1.2). O trecho de II Reis 25.13-17 indica que grande parte tinha sido tirada do templo de Jerusalém, e que Ciro não foi capaz de localizar. Coisa alguma é dita acerca das grandes peças do mobiliário, os principais itens do templo, incluindo a arca da aliança. Não tendo sido mencionados, presumimos que esses itens não tenham sido devolvidos. O que aconteceu a esses itens, não sabemos dizê-lo. Assim sendo, de certo modo, o *crime* de Nabucodonosor, por ter pilhado o templo e a cidade de Jerusalém (586 A. C.), foi revertido por Ciro, em 536 A. C., ou seja, cinquenta anos mais tarde.

1.8

Tirou-os Ciro, rei da Pérsia. Isso Ciro fez através de seu tesoureiro, *Midredate* (*Mitredate*), o qual entregou os vasos nas mãos de *Sesbazar*, príncipe de Judá. Ver no *Dicionário* os verbetes sobre esses nomes próprios. Note-se que o delegado de Ciro tinha um nome que incorporava o título do deus Mitra, um deus comum entre os persas. Ele tinha um nome religioso e foi posto a trabalhar em uma causa piedosa. Mitra era o deus-sol dos persas. Alguns crêem que *Sesbazar* seja o mesmo Daniel (conforme pensava Jarchi), mas isso não passa de uma invenção. Não há nenhuma evidência de que Daniel tenha ido a Jerusalém nesse período. Outros estudiosos supõem que *Sesbazar* tenha sido o nome persa de Zorobabel. Ele era o herdeiro legal de Jeoaquim, sendo filho de Pedaías (ver I Crônicas 3.19) e sucessor natural ao trono de Judá. Mas, na realidade, ele se tornou *governador* do Estado títere de Judá, e não tinha autoridade própria, exceto a que lhe fora dada pelos poderes superiores da Babilônia. Mais provavelmente, o homem era o tio de Zorobabel, que o sucedeu. I Esdras 6.18 distingue Sesbazar e Zorobabel. Quanto a informações sobre *I Esdras*, ver a *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.*

Enumeração dos Vasos Sagrados (1.9-11)

1.9-11

Conspícuas por sua ausência são as peças nobres do mobiliário que tinham feito parte dos itens guardados no templo de Salomão. Nada ouvimos falar sobre o altar do incenso, sobre a arca da aliança ou sobre as mesas (dez delas) dos pães da proposição. Por conseguinte, o que temos nestes versículos são vasos relativamente menores e itens de valor, como bacias e vasos de ouro e de prata. O número *total* desses vasos, de acordo com a presente seção, era de cinco mil e quatrocentos. Contudo, quando adicionamos os itens listados, com seus números, obtemos somente dois mil, quatrocentos e noventa e nove itens:

Bacias de ouro	30
Bacias de prata	1.000
Facas	29
Taças de ouro	30
Taças de prata	410
Outros vasos	1.000
	2.499

Os *harmonizadores* mostram-se frenéticos aqui, na tentativa de encontrar uma resposta para a discrepância. Seria a matemática do cronista tão ruim assim? Adam Clarke simplesmente apresentou o argumento de que houve alguma corrupção no texto sagrado, quanto aos números oferecidos. Ellicott, por sua vez, supõe que tenha havido alguma falta de informação, e não uma contradição. Mais vasos, em outra ocasião qualquer, teriam sido enviados a Jerusalém, dando o grande total de cinco mil e quatrocentos. Outra explicação é que esses dois mil, quatrocentos e noventa e nove itens do texto de Esdras seriam os vasos mais importantes, e houve outros vasos de valor menor. Adicionando os vasos aqui enumerados com essa "lista fantasma", obteríamos os cinco mil e quatrocentos vasos. Essa é a explicação essencial de Eugene H. Merrill. Os críticos, por sua vez, sugerem que o cronista não estava interessado na exatidão matemática, e tomou o total de cinco mil e quatrocentos de uma fonte informativa, e os dois mil, quatrocentos e noventa e nove de outra, envolvendo tudo isso em seu relato e deixando-nos uma discrepância. Somente se pudéssemos perguntar ao cronista: "Que aconteceu?", seria possível explicar essa discrepância. Mas não se reveste de importância explicá-la. Erros matemáticos, reais ou alegados, nada têm que ver com a fé religiosa, nem com qualquer sã teoria da inspiração das Escrituras. Somente os céticos e os ultraconservadores preocupam-se com tais questões.

A lista em I Esdras é como segue:

Taças de ouro	1.000
Taças de prata	1.000
Incensários de prata	29
Frascos de ouro	30
Frascos de prata	2.410
Outros vasos	1.000
	5.469

Portanto, esse total difere em apenas sessenta e nove unidades do total dado pelo cronista, de forma que um total entre cinco mil e seis mil vasos está essencialmente correto. Não precisamos rebuscar mais do que isso.

Tentar solucionar o problema numérico serve apenas para obscurecer o ensino do texto sagrado: Yahweh inspirou a generosidade do povo em geral e do monarca persa, para que o cativeiro babilônico fosse revertido e Israel começasse de novo no minúsculo remanescente de Judá. Isso concorda com a filosofia da história do autor sagrado. De acordo com essa filosofia, a história da humanidade é teisticamente orientada. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Teísmo.* Ver também o título *Filosofia da História*, nas notas imediatamente anteriores à exposição sobre Esdras 1.1.

Sesbazar (vs. 11) cumpriu a sua missão e trouxe os vasos devolvidos para Jerusalém. E o povo (talvez tantos quantos cinqüenta mil; Esdras 2.64,65) o acompanhou. Com esse remanescente de cativos, o Novo Israel teve seu começo. Yahweh recebeu de volta as coisas que Lhe pertenciam, e Israel recebeu de volta a Terra Prometida.

Capítulo Dois

Lista dos Exilados (2.1-70)

Caracterização Geral. Este capítulo lista laboriosamente aqueles que retornaram da Babilônia para Jerusalém, a fim de formarem o Novo Israel e iniciarem o trabalho de construção do segundo templo:

1. Os líderes, principais homens, príncipes e sacerdotes (vss. 1,2).
2. O povo em geral, listado por famílias, aldeias e cidades (vss. 3-35).
3. Os sacerdotes, levitas e servidores do templo (vss. 36-58).
4. O povo que não podia provar sua descendência genealogicamente, povo comum e sacerdotes (vss. 59-63).
5. O grande total (vs. 64).
6. Homens e mulheres escravos, cantores e animais domesticados (vss. 65-67).

É dado o grande total dos seres humanos; em seguida, o grande total dos animais. Grande total das pessoas: 49.897. Animais: 8.136.

A *jornada* de Babilônia a Jerusalém foi de cerca de mil quatrocentos e cinqüenta quilômetros e exigiu quatro meses para processar-se (cf. Esdras 7.8,9). Esdras não fala na quilometragem gasta, mas supomos que o número dado aqui seja regularmente exato. Sucedeu, pois, que *Israel estava de volta.*

As Cinco Classes de Listas. "Um recenseamento do primeiro grupo é dado em Neemias 7.6-73. Cinco grupos são ali cobertos: líderes, leigos, oficiais do templo, aqueles de genealogia duvidosa, escravos e animais" (Oxford Annotated *Bible, in loc.*).

As comparações com os números fornecidos no livro de Neemias revelam várias discrepâncias que não têm importância alguma para a realidade histórica do evento descrito.

Propósitos da Lista:

1. *Judá* tornar-se-ia o Novo Israel. A *autoridade política* foi dada ao remanescente de Judá na pessoa de Zorobabel, descendente de Davi (ver Esdras 2.2). Assim sendo, em certo sentido, a dinastia davídica foi restaurada. E a *autoridade espiritual* foi dada ao remanescente no retorno de sacerdotes e levitas autenticados, que podiam reiniciar o culto a Yahweh em concordância com os requisitos da legislação mosaica. Portanto, doravante, em vez de ouvirmos falar no norte (Israel) e no sul (Judá), simplesmente ouviremos acerca de Israel. Naturalmente, havia entre o remanescente um pequeno número de pessoas provenientes das tribos do norte, mas muito poucas para serem mencionadas. Os judeus de hoje são descendentes daquele remanescente da tribo de Judá. O restante perdeu-se.
2. *O exemplo de coragem.* Um minúsculo remanescente fez um grande movimento e realizou uma grande missão.
3. *O fator teísta.* Yahweh cuidou para que um remanescente representativo de Judá retornasse, incluindo sacerdotes e levitas (pertencentes a Levi). Deus também proveu a liderança apropriada. A história humana estava sendo guiada teisticamente.
4. *Jesus Cristo*, descendente de Davi, dependia fisicamente daquele retorno, e outro tanto sucedeu à Igreja cristã.
5. "Embora tal lista de nomes e de localizações pareça algo desnecessário para alguns leitores modernos, teria sido de *grande encorajamento* para os leitores originais, que viam evidências de que suas próprias famílias e cidades estavam representadas" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Assim também hoje em dia, em Salt Lake City, estado de Utah, nos Estados Unidos, ainda existe uma organização chamada "Filhas dos Pioneiros de Utah", que se reúne regularmente e promove funções cívicas e religiosas. Elas se orgulham de ser descendentes diretas das cerca de vinte mil pessoas que Brigham Young levou para oeste, até o vale do Grande Lago Salgado, para colonizar a área e edificar o seu reino. É interessante observar que uma das primeiras atividades daqueles pioneiros foi construir um templo de rocha granítica das Montanhas Rochosas próximas, um edifício realmente magnificente, que continua sendo usado até hoje.

Cf. a lista paralela de Neemias 7.6-72, que não é exatamente igual. I Esdras 5.7-46 é outro trecho paralelo, contendo uma lista similar, também com variações.

Ver o gráfico de comparação, que é provido no capítulo sétimo de Neemias.

2.1

São estes os filhos da província. Cf. Esdras 2.1,2 com Neemias 7.7 e I Esdras 5.8.

Província. Está em foco Judá, que se tornara uma subdivisão da quinta satrapia persa. O ponto de vista é do período pós-exílico. É um ponto de vista palestínico e pós-exílico. Judá, como *reino*, não mais existia. Essa província, entretanto, tornar-se-ia o Novo Israel, revivido pelo simples remanescente da tribo isolada de Judá. Cf. Esdras 5.8, onde encontramos, especificamente, a expressão "província de Judá". Judá fora, uma vez, um poderoso e florescente reino. A que estado miserável o cativeiro havia reduzido aquele lugar! A ira de Yahweh provocara isso, por causa das abominações na idolatria pagã, em multidão. Ver II Crônicas 36.14 ss.

O *Cativeiro Babilônico* (ver no *Dicionário*) tinha resultado na principal deportação dos judeus de Judá. Ao chegarem ao reino da Babilônia, as pessoas deportadas receberam cidades para habitar, ou, conforme poderíamos supor, fazendas trabalhar. Quando os exilados retornaram à Judéia, a situação foi revertida. Jerusalém, arruinada como estava, não podia receber as quase cinqüenta mil pessoas, de modo que a maioria teve de ser enviada a outras cidades, provavelmente aquelas das quais tinham originalmente saído, sempre que isso fosse possível. Cf. Neemias 11.1 ss.

2.2

Os quais vieram com Zorobabel. Este versículo nos fornece uma lista dos mais importantes líderes que voltaram com o povo. Eles seriam os estadistas do Novo Israel. Zorobabel seria o governador nomeado. Talvez, estritamente falando, ele tenha sido o segundo governador, e seu tio, Sesbazar (se é que, realmente, ele era seu tio), o primeiro governador. Seja como for, havia uma liderança política e uma liderança religiosa. Apresentei artigos separados no *Dicionário* sobre esses líderes, descrevendo o pouco que se sabe sobre cada uma dessas personagens. Dez desses homens eram os principais conselheiros de Zorobabel. Tendo dado os nomes dos líderes principais, o cronista prossegue para listar o povo, de acordo com as suas famílias (vss. 3 ss.).

Josué era o sumo sacerdote (Ageu 1.1). Alguns estudiosos identificam-no com Neemias, mas essa identificação é duvidosa para dizermos o mínimo. Sesbazar não foi incluído na lista, provavelmente por causa de sua identificação com Zorobabel. Cf. Neemias 7.7.

Neemias. Este homem, naturalmente, não foi o mesmo homem do livro que tem esse nome. Esse Neemias retornou a Jerusalém cerca de noventa anos mais tarde (444 A. C.) e dificilmente poderia ter estado com o grupo de pioneiros originais.

Mordecai. Esse homem, naturalmente, não foi o primo de Ester (Ester 2.5-7). Ele viveu em Susa, cerca de sessenta anos mais tarde.

Comparação com Neemias. Neemias 7.7 registra doze nomes em lugar de onze (Esdras 2.2). Três desses nomes eram soletrados de forma diferente (ou foram pessoas diferentes). Naamani é deixado de fora por Esdras. É inútil tentar buscar uma harmonia absoluta. Talvez diferentes tradições (que variavam quanto a alguns detalhes) tenham sido empregadas na formação dessas listas. Provavelmente os *doze nomes* que aparecem no livro de Neemias representem as *doze tribos* de Israel, embora simbolicamente, posto que não biologicamente.

Há muitas dificuldades quando comparamos as três listas: Esdras 2.2-63; Neemias 7.6-69 e I Esdras 5.7-43. Nenhuma tentativa manipulação tem conseguido chegar a uma harmonia perfeita, nem é importante alcançar harmonia em tais coisas. O fato é que várias fontes informativas foram usadas nessas compilações, e as próprias fontes informativas variavam. Aqueles que copiaram essas fontes não estavam interessados em paralelismos perfeitos, nem tentaram harmonizar as listas.

Alguns Problemas nas Listas (2.3-35)

2.3

Os filhos de Parós. A partir deste versículo, o cronista lista os que retornaram. Nos versículos 3 a 20 estão envolvidas dezoito famílias ou clãs. Em seguida, o cronista deu os nomes de vinte e uma cidades e aldeias onde eles (ou outros) deveriam viver (vss. 21-35). Mas não fica claro por que os vss. 3 a 20 dão nomes de *clãs*, e em seguida aparecem os vss. 21 a 35, que oferecem nomes de *cidades*. Talvez vivessem naquelas cidades pessoas diferentes do que aquelas mencionadas nos versículos anteriores. Keil supunha que a primeira lista seja dos novos cidadãos de Jerusalém, e então aparecesse a lista de cidadãos de outras cidades. Ou então os vss. 3 a 20 dão os nomes de famílias com terras, e a outra lista é das massas pobres, destituídas de terras, que não tinham em boa ordem seus registros genealógicos. Não temos respostas para esses problemas.

2.4-35

"Nas instâncias seguintes notamos quando duas ou três autoridades concordam. *No vs. 6*, Esdras é confirmado por I Esdras, mas não por Neemias, que fala em 2.818 pessoas. No *vs. 8*, há uma discrepância com as 945 pessoas. No *vs. 11*, há uma discrepância com as 628 pessoas. No *vs. 15*, há uma discrepância com as 655 pessoas. No *vs. 17*, há uma discrepância com as 324 pessoas. No *vs. 33*, há uma discrepância com as 721 pessoas. No *vs. 10*, os filhos de Bani ou Binui são 642, mas I Esdras concorda com Neemias, quanto ao número de 648 pessoas. No *vs. 14*, as duas últimas obras corrigem 666 pessoas para 667. No *vs. 20*, cabeças de famílias tornam-se lugares. Neemias substituiu Gibeom por Gibar. O *vs. 30* não tem representantes em Neemias. No *vs. 31*, o "outro Elão" tem o mesmo número que o Elão referido no versículo sétimo. O Nebo do *vs. 29* é chamado, em Neemias, de "o outro Nebo", a despeito do fato que o primeiro Nebo não é mencionado" (Ellicott, *in loc.*).

Esses exemplos são suficientes para ilustrar como as três listas diferem, e como devem ter tido fontes informativas diferentes, que já haviam emprestado variações quanto a algumas questões.

Os Nomes Próprios. A vasta maioria das pessoas mencionadas nesses versículos nos é desconhecida, exceto pelo fato de que são mencionadas nas listas. Ver os artigos no *Dicionário* quanto ao pouco que pode ser dito a respeito delas.

Sacerdotes que Retornaram (2.36-39)

2.36-39

Temos aqui a lista dos *sacerdotes*. A volta à Palestina de alguns dos descendentes de Arão garantiu que o segundo templo seria administrado corretamente, de acordo com a legislação mosaica. Isso emprestava autoridade espiritual ao minúsculo fragmento de Judá que se tornou a Nova Israel. As antigas tradições podiam ser efetuadas sem dúvida quanto à autoridade dos ministros e à propriedade de seu serviço. Os sacerdotes aparecem aqui segundo seus nomes de família. Estão representados apenas três turnos sacerdotais de Davi (ver I Crônicas 24.7,8,14). Além desses temos *Pasur* (vs. 38) um nome mencionado algures como parte da classe sacerdotal, não estando entre os vinte e quatro turnos que figuram no livro de Crônicas. Ver I Crônicas 23-26.

"Somente quatro clãs de sacerdotes são listados no segundo capítulo do livro de Esdras, mas o número dos indivíduos é, proporcionalmente, muito grande (4.289), aproximadamente a décima parte dos israelitas que voltaram. Durante o exílio, os sacerdotes, mais do que os demais de Israel, devem ter esperado ansiosamente pela oportunidade de retornar e reconstruir o templo, e participar do culto" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*).

Um Problema. Jedaías (vs. 36) é identificado com a casa de Jesua, presumivelmente o sumo sacerdote (vs. 2). Mas tal identificação da casa de Jesua, como se fosse do clã de Jedaías, deve ter sido uma inserção posterior, feita após o retorno de Jesua e de seu estabelecimento como sumo sacerdote. E visto que *Jesua*, e não Jedaías, ocorre em Esdras 10.18 ss., parece que o cronista equiparou os nomes.

Imer (vs. 37) pertencia ao décimo sexto turno de sacerdotes do templo de Davi (I Crônicas 24.14).

Harim (vs. 39) era um sacerdote pertencente ao terceiro turno (I Crônicas 24.8).

Pasur. Sobre ele já discutimos anteriormente. Um sacerdote com esse nome é mencionado em Neemias 11.12 (cf. I Crônicas 9.12). É possível que ele pertencesse ao clã de Malquias. Seu distinguido e remoto antepassado, Malquias, era membro do quinto curso de sacerdotes, dentro do sistema de Davi (ver I Crônicas 24.9). O cronista escreveu o que escreveu, sem estar interessado em satisfazer nossa curiosidade sobre todas as coisas, mesmo que soubesse como fazê-lo. Sem dúvida, ele ignorava alguns detalhes.

Levitas que Retornaram (2.40-42)

2.40-42

A execução apropriada do ministério requeria a colaboração dos levitas, que eram os ajudantes dos sacerdotes, dentro e fora do templo de Jerusalém. A *autoridade espiritual* do Novo Israel dependia deles quando o remanescente de Judá voltou.

Conforme alguns críticos supõem, talvez originalmente não houvesse distinção entre os sacerdotes e os levitas (ver Deuteronômio 18.6-8), mas com o tempo eles foram separados em duas classes distintas, e os levitas (que não pertenciam à família de Arão) tornaram-se servos daquela família.

Dentre os levitas que foram levados para o cativeiro, duas famílias (na pessoa de seus representantes) tornaram-se auxiliares dos sacerdotes: também havia seis famílias de porteiros, mas somente uma família de cantores. Porém isso foi o suficiente para que o segundo templo pudesse funcionar. Ver os nomes próprios quanto a identificação e referências em outras porções do Antigo Testamento. Note-se que maior foi o número de sacerdotes do que o número dos levitas que voltaram. As três fontes informativas de Esdras, I Esdras e Neemias oferecem números diferentes sobre eles. Ver no versículo terceiro os problemas numéricos das listas.

Os Servos do Templo (2.43-54)

2.43-54

Quanto a detalhes sobre essa classe, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Netinim*. O termo significa "dados" ou "dedicados", isto é, consagrados ao serviço do templo. Várias traduções traduzem essa palavra por "servos", para evitar a brutal palavra "escravos", mas essa classe estava sujeita a trabalhos forçados, fazendo todo trabalho sujo e recebendo ordens dos sacerdotes e dos levitas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Escravo (Escravidão)*.

A maioria dos *escravos do templo*, ou *netinim*, vinha dos gibeonitas escravizados, um povo estrangeiro que preferiu a escravidão ao extermínio. A classe era formada, essencialmente, por pessoas nascidas como estrangeiros. Naturalmente, eles se tornaram hebreus. Mas ter acesso ao templo (sendo estrangeiros) era uma exceção à regra, porquanto somente levitas e sacerdotes possuíam tal privilégio. É provável, contudo, que pelo menos alguns deles fossem hebreus (I Samuel 1.11,24-28). Eles eram lenhadores, carregadores de água, transportadores de pesos e faxineiros. Ver Josué 9.27 quanto à caracterização geral. Os nomes deles são estrangeiros em sua maior parte. Também é provável que alguns deles tenham mudado seus nomes para nomes tipicamente hebraicos.

Josefo (*Antiq.* 11.5,1) dispensou eufemismos e simplesmente chamava os netinins de "escravos". Na cultura hebraica, bem como em toda aquela região antiga do mundo, a escravidão era parte comum e constante da vida. Muitos prisioneiros de guerra eram transformados em "labor barato", ao serem reduzidos à escravidão. É errado cristianizarmos condições antigas, supondo que poderiam ser uma parte da respeitada e antiga fé dos hebreus. O total desses escravos do templo, que sobreviveram ao cativeiro babilônico retornaram a Jerusalém, foi o pequeno número de trezentos e noventa e dois. Mas a origem deles conservou-os como escravos. Portanto, embora tenham sido livrados da Babilônia, foram escravizados em Jerusalém. Quiçá, conforme disse John Gill (*in loc.*), eles estivessem felizes por servir no templo, valorizando a si mesmos naquela posição. Talvez sim, talvez não.

Eles eram os *hieroduli* (usando um termo grego), ou escravos do templo, conhecidos como *netinim* nos livros finais do Antigo Testamento (I Crônicas 9.2). Faziam parte da classe mais inferior do ministério sagrado, aqueles que tinham os deveres mais laboriosos. Ver sua nomeação original por Moisés (Números 31.47). Quanto a completos detalhes acerca deles, ver o artigo do *Dicionário* chamado *Netinim (Servos do Templo)*.

O cronista teve o cuidado de informar-nos que todas as classes do ministério estavam qualificadas para suas respectivas tarefas. Todos eles, até os humildes netinim, tinham genealogias que provavam seu direito de trabalhar no Novo Israel, embora este fosse constituído somente por um minúsculo fragmento da tribo de Judá.

Resumindo, as cinco classes das listas e das genealogias eram: os líderes (governantes); os leigos notórios; os oficiais do templo; aqueles que não puderam traçar seus verdadeiros registros genealógicos; os servos (escravos do templo) e os animais.

Descendentes dos Escravos do Templo de Salomão (2.55-58)

2.55-58

Essa gente era uma espécie de subdivisão dos escravos do templo, descendentes diretos daqueles que, conforme se sabe, trabalhavam no templo de Salomão; tinham certo prestígio exatamente por esse motivo. Eles eram descendentes dos *escravos reais* e faziam parte dos trezentos e noventa e dois (vs. 58). Ver Neemias 10.28. Não sabemos dizer qual era a história deles, nem de quem descendiam, racialmente falando. Alguns eruditos supõem que, originalmente, fossem cananeus prisioneiros de guerra, e, talvez, descendentes dos gibeonitas (ver Josué 9.27; I Reis 9.20,21 e I Crônicas 8.7-9). Eram "escravos do Estado", cheios de prestígio Seus nomes, na maior parte, têm derivação popular, e não sagrada. Por exemplo, *Soferete* (vs. 55) quer dizer "professor"; *Darcom* significa "bruto" (vs. 56); *Hatil* (vs. 57) significa "falador"; *Poquerete-Hazebaim* (vs. 58) significa "caçador de gazelas". Dez famílias são mencionadas dentre essa gente, mas somente alguns poucos membros de cada família sobreviveram. O número médio de sobreviventes dos *netinim*, por família, era cerca de oito. O restante dessas famílias tinha sido morto ou preferiu continuar na Babilônia.

Classes sem Confirmação Genealógica (2.59-63)

2.59-63

Em sua maior parte, os hebreus mostravam-se muito cuidadosos com seus registros genealógicos. Mas na tempestade do cativeiro babilônico, algumas famílias perderam os seus registros. Talvez alguns poucos judeus descuidados nunca os tivessem mantido em ordem. Isso só poderia resultar em registros maus na cultura dos hebreus. "Os judeus de sangue puro eram chamados de 'manjares finos', mas os outros eram chamados de 'massa misturada'... Usualmente supõe-se que essa consciência racial e essa busca pela *pureza* não tenha existido senão a partir das reformas de Esdras (9.1-10.44) e de Neemias (13.23-31). As grandes listas de nome dos livros de Esdras, Neemias e I Esdras subentendem a estrita observância de registros genealógicos durante o exílio. Essa preocupação deve ter sido mantida ao mínimo na Palestina, mas era evidente que tal interesse era forte fora da Palestina, especialmente entre gente conservadora como aqueles que retornaram a Jerusalém" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*). Aqueles a que faltavam confirmações genealógicas formavam uma classe mista, com muitos casamentos com os pagãos. Portanto, eles formavam uma classe de prestígio secundário. O texto à nossa frente, pois, está falando sobre gente da *massa misturada*, também chamada de *mischehen*, os *ilegítimos*, aqueles cujos pais ou cujas mães eram pagãos, embora tivessem parte da descendência hebréia.

Seis clãs, três de leigos e três sacerdotais, compunham o grupo dos duvidosos, e essa gente pobre meramente foi acrescentada à lista anterior. Muitos deles provavelmente descendiam de prosélitos, não sendo hebreus de nascimento, nem pelo lado paterno nem pelo lado materno. Provinham de cinco cidades babilônias que não foram designadas. Os leigos duvidosos tiveram permissão de viver em comunidades hebréias de Judá, mas os sacerdotes duvidosos apresentavam outro problema. De fato, eles não podiam participar das funções sacerdotais, por receio de contaminar ou poluir o culto sagrado (vs. 62). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Limpo e Imundo*, quanto ao número interminável de coisas que poluíam ou tornavam alguém imundo.

Houve um total de seiscentos e cinqüenta e duas pessoas que voltaram à Palestina, às quais faltava a autenticação genealógica.

A exclusão de um sacerdote não-autorizado poderia ser revertida pelo uso do *Urim* e do *Tumim* (vs. 63; ver no *Dicionário*), uma forma de adivinhação efetuada pelo sumo sacerdote, que poderia dizer: "Este homem, embora sem a genealogia apropriada, é um sacerdote puro e verdadeiro, e pode participar dos cultos sagrados". Talvez isso não acontecesse com grande freqüência, mas era um modo de permitir que alguns poucos sacerdotes não-autorizados tivessem o direito de exercer seus ofícios.

Os sacerdotes duvidosos não tinham o direito de participar dos sacrifícios o principal sustento alimentar da casta sacerdotal (vs. 63). Ver sobre as oito porções dos sacrifícios dadas aos sacerdotes, em Levítico 6.26; 7.11-24,28-38; Números 18.8; Deuteronômio 12.17,18. Portanto, ter sido excluído do sacerdócio não era degradante apenas social e espiritualmente, mas também envolvia um *prejuízo financeiro.* O pobre sacerdote teria de sair do ministério e conseguir um emprego secular para sustentar a sua família.

Uma Interpretação Radical. Rabinos posteriores não apreciavam a idéia de que o uso do Urim e do Tumim pudesse autorizar a função de um sacerdote sem confirmação genealógica. Portanto, eles interpretavam que o uso desse modo teria de *esperar até que um "sacerdote"* (a saber, alguma autoridade futura) estivesse em cena para dar permissão. Isso posto, eles interpretavam a menção ao Urim e ao Tumim como se significasse "até que os mortos ressuscitem" ou "até a vinda de Elias" (assim dizem *Tosepheta Sota* XIII.1; *Sota*, 48b; *Ketuboth*, 24b; *Shebuoth*, 16a; Jerusalém *Kiddushim*, IV.1 e *Tosaphoth Yoma*, 21b). As tradições rabínicas listam o uso das sortes sagradas (Urim e Tumim) como uma das coisas que estavam *faltando* no templo pós-exílico (*Tosepheta Sota* XIII.2; *Yalkut*, II.150.568; *Yoma*, 21b). Mesmo assim, não existe razão para duvidarmos da exceção possível, apresentada no vs. 63. Devemos lembrar-nos de que até coisas que estivessem faltando poderiam ser supridas, em certas ocasiões, pelo sumo sacerdote, se ele assim desejasse fazê-lo. Talvez os sumos sacerdotes nunca tivessem desejado fazê-lo. Nesse caso, a interpretação rabínica está sendo fiel aos fatos históricos. Ver Êxodo 28.30 quanto às sortes sagradas.

Quanto aos vss. 59-63, ver também Neemias 7.61-65 e I Esdras 5.36-40.

Sumários (2.64-67)

(O paralelo é Neemias 7.66-69; I Esdras 5.41-43).

2.64-67

Devemos *observar* que os totais das várias listas não concordam entre si. Ver sobre o versículo terceiro quanto às espécies típicas de discrepâncias dos números, e quanto a notas sobre a falta de importância desse fato. "Tal como em Esdras 1.9-11, o total não concorda em todas as versões, e há certa discrepância entre o *grande total* e aquele obtido por meio da adição. Através uma emenda (vss. 12,16,31), Bower (*Der Text des Buches Ezra*, pág. 33) deriva uma soma de 32.360, ou seja, dez mil a menos do que o total que se vê no vs. 64. Rudolph supõe que essa diferença se deva à inclusão de mulheres no *total* dado no vs. 65. Adicionando aqueles "de doze anos para cima", I Esdras 5.41 exclui as crianças, visto que o indivíduo adulto era considerado a partir daquela idade (cf. Lucas 2.42)" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*).

Por conseguinte, afirmo que, se o próprio cronista foi bastante descuidado com as questões matemáticas, não buscando obter exatidão e harmonia absoluta, por que os intérpretes cristãos modernos insistem nessa exatidão? Tais questões por certo nada têm que ver com a espiritualidade, nem qualquer sã teoria da inspiração das Escrituras requer tal exatidão. Ver meu artigo do *Dicionário* chamado *Inspiração.* E ver também o verbete intitulado *Revelação (Inspiração).*

"Quando adicionamos os números dos vss. 2-42,58 e 60, que listam os números dos que voltaram do exílio, encontramos um total de 29.829 (incluindo os onze homens proeminentes do segundo versículo). Entretanto, o total dado pelos vss. 64 e 65, a 'congregação junta', é de 49.897. O número maior pode ter incluído as mulheres e as crianças. Também pode ter incluído judeus das dez tribos do norte, que se juntaram ao remanescente das duas tribos do sul, Judá e Benjamim (ver o vs. 15). Também pode ter incluído os sacerdotes que não encontravam suas genealogias (ver Esdras 2.61,62). O grande total de Esdras — 49.897 — está bem próximo do total de Neemias — 49.942 (ver Neemias 7.66,67). O número extra de quarenta e cinco pessoas são os cantores (Esdras fala em duzentos, mas Neemias referiu-se a duzentos e quarenta e cinco). Isso pode ter sido um erro escribal, um erro que não figurava nos manuscritos originais, mas nas numerosas cópias do texto, em sua transmissão" (Eugene H. Merrill, *in loc.*, sempre ansioso por harmonizar tudo, por causa de sua rígida teoria da inspiração das Escrituras). Mas o repetido uso da palavra *talvez* dificilmente pode remover as discrepâncias, nem é importante que elas sejam removidas. Também faz parte dos maus hábitos dos harmonistas supor que qualquer erro *deva ter sido feito* por escribas subseqüentes, e não conste do original. Mas isso é "argumentar de modo capenga". Pois como podemos julgar o que o original dizia, exceto pelas cópias que possuímos dizem? O argumento baseado no silêncio é sempre um mau argumento. Nesses casos, é melhor não argumentar de forma alguma.

Vss. 66,67. Os próprios animais foram contados. Eles representavam riquezas e sustento alimentar. Formavam o balanço bancário de um povo agrícola. Havia 8.136 animais, porém a maioria compunha-se de jumentos, bons para o trabalho, mas inúteis com propósitos sacrificiais. Ver sobre os cinco tipos de animais que serviam para serem sacrificados, em Levítico 1.14-16.

"Os animais (vss. 66 e 67) eram necessários para as caravanas. As mulas, algumas vezes, eram usadas para transportar cargas (II Reis 5.17; Judite 2.17 e 15.8), mas geralmente eram mais usadas para viagens (ver II Samuel 13.29 e 18.9), enquanto os jumentos eram usados como animais de carga (ver II Samuel 16.1). O trecho de I Esdras 5.43 chama-os de 'animais de carga'" (Raymond A. Bowman).

Doações para o Templo (2.68-70)

(O paralelo é Neemias 7.70-73; I Esdras 5.44-46.)

Alguns críticos afirmam que esses versículos foram deslocados de seu verdadeiro lugar, e deveriam seguir 1.11 ou 8.36. Seja como for, muito dinheiro era necessário para construir o segundo templo e para reiniciar o ministério do yahwismo. As pessoas estavam sensíveis ao problema. Por conseguinte, os chefes de clãs estabeleceram o exemplo, doando liberalmente. Ver no *Dicionário* o artigo chamado Liberalidade e Generosidade.

2.68

Alguns dos cabeças de famílias. É provável que os cabeças de clãs tivessem recolhido as oferendas dentre as famílias que retornaram do cativeiro para Jerusalém, e essas oferendas foram entregues às autoridades constituídas para serem usadas na construção do segundo templo de Jerusalém.

2.69

Segundo os seus recursos deram para o tesouro da obra. Novamente, o relato do livro de Esdras (por razões que nos são desconhecidas) difere do paralelo em Neemias 7.70-73. A lista dos metais preciosos doados para o projeto de construção do segundo templo diz que o povo deu sessenta e uma mil dracmas de ouro (em Esdras), ao passo que Neemias fala em quarenta e uma mil dracmas de ouro. Além disso, Esdras tem cinco mil arráteis de prata, ao passo que Neemias fala em quatro mil e duzentos arráteis. Esdras fala em cem vestes sacerdotais, mas Neemias fala em quinhentas e noventa e sete vestes sacerdotais. John A. Martin (*in loc.*) tenta obter harmonia entre esses dados, e culpa copistas subseqüentes das diferenças, supondo que os manuscritos originais de Esdras e Neemias estivessem em perfeita harmonia. Uma vez mais afirmo: existem discrepâncias, mas e daí? A fé religiosa não depende de tais coisas, e não nos devemos ocupar em harmonizações a qualquer preço, que com freqüência chegam a ser o preço da honestidade. Somente os céticos e os ultraconservadores vêem alguma importância nisso, mas nenhuma sã teoria da inspiração das Escrituras precisa preocupar-se com tais discrepâncias.

A *dracma* era uma moeda de ouro da Pérsia; e o *arrátel* era um peso mesopotâmico para metais preciosos. As autoridades não concordam quanto aos valores, os quais, além disso, modificaram-se com a passagem do tempo. É inútil tentar calcular os valores em termos modernos. A única coisa que podemos dizer é que a generosidade estava no controle de toda essa questão das doações. Ver as notas em Esdras 8.27 quanto à dracma.

Você deve estar preparado a dar, antes de receber.

(James Stephens)

Deus nunca fecha uma porta sem abrir outra.

(Provérbio irlandês)

Assim, pois, aconteceu que uma nova porta foi aberta. O cativeiro babilônico tinha fechado uma porta. Mas a nação de Israel continuou sob a forma do minúsculo remanescente da tribo de Judá. E os judeus mostraram-se generosos com seus bens materiais, para que o projeto de construção do templo se tornasse um sucesso.

2.70

Os sacerdotes, os levitas e alguns do povo. O cativeiro babilônico foi revertido com amplo sucesso. Um remanescente de Judá tinha voltado. Jerusalém e várias cidades judaicas foram reocupadas. Casas foram construídas. Cada homem era um proprietário, conforme a lei mosaica sempre tinha garantido. Aqueles que haviam voltado em breve reverteriam a perda do templo de Salomão com o segundo templo. Esse segundo templo era mais humilde que o primeiro, a bem da verdade, mas era *funcional.* Tanto quanto possível, os que voltaram receberam lugares nas cidades de seus ancestrais e foram capazes de reivindicar terras interioranas de suas famílias. Assim houve, em termos menores, uma *restauração nacional.* Israel haveria de crescer novamente e tornar-se um poder a ser levado em conta.

Quando Israel entrou na Terra Prometida, sob a liderança de Josué, a população de Israel era de cerca de seis milhões, incluindo homens e mulheres. Agora, voltando do cativeiro babilônico, para reiniciar tudo, havia somente cerca de 50 mil pessoas, ou seja, apenas 1,2%. Entretanto, ainda que extremamente humilde, um novo dia tinha raiado.

Capítulo Três

Israel estava destinado a ter *três templos*: o de Salomão; o da volta depois do cativeiro babilônico; e o de Herodes, já nos dias de Jesus. E alguns intérpretes pensam que haverá ainda outro, o quarto templo, como parte das preparações para o *milênio*. Ver os artigos no *Dicionário*: *Templos*; *Templo de Jerusalém*; *Templo de Zorobabel* (o templo do livro presente, seção VI de *Templo de Jerusalém*). Ver também *Templo Espiritual*, sob o título *Templo de Deus, a Igreja como*, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. O artigo chamado *Templo de Jerusalém* trata do templo de Jerusalém.

A Adoração Judaica é Restaurada (3.1 – 6.22)

O Templo é Reconstruído (3.1 – 6.15).

Construção do Altar (3.1-3) Cf. I Esdras 5.47-50. A comunidade da Nova Israel, embora apequenada e aflita, não perdeu tempo para restabelecer o aparelho e o *modus operandi* de sua fé. Em cada coração havia o feroz desejo de *reverter* o indescritível mal que os babilônios haviam perpetrado contra Judá e sua fé. Sem dúvida alguma, essa foi a motivação que levou um povo fraco tornar-se forte o bastante para fazer avançar a obra da construção do templo em um tempo relativamente tão curto. O templo era uma necessidade absoluta para a continuação do fragmento de Judá como o Novo Israel. Não poderia haver Israel sem o templo. É verdade que Davi tivera um altar em Jerusalém, antes do templo de Jerusalém, e também tivera seu *tabernáculo provisório* em Jerusalém, que o templo veio substituir. Ver II Samuel 6.17. Mas esse tipo de instituição não mais podia satisfazer o culto de Yahweh, uma vez que Israel estabelecera o seu templo. *Note o primeiro versículo*: Por poucas vezes, na história de Israel-Judá, o povo esteve tão unido em torno de um propósito.

3.1

Em chegando o sétimo mês. Cf. este versículo com I Esdras 5.47 e Neemias 7.73. A reconstrução havia sido iniciada sob *Sesbazar* (ver Esdras 5.14-16), mas tinha cessado. Zorobabel reiniciou a construção, o líder do *segundo retornou*, ou, pelo menos, isso é o que alguns intérpretes pensam. O sétimo mês foi um tempo de começo (ou de reinício). Corria o mês de tisri (nosso setembro-outubro). O ano foi 520 A. C., o segundo ano do governo de Dario I (Ageu 2.1-4). Mas aqueles que identificam *Sesbazar* com *Zorobabel* pensam em termos de um só começo, sem interrupções, ou dois começos liderados por um mesmo indivíduo. Ver sobre os dois nomes no *Dicionário* quanto a maiores esclarecimentos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Dario*.

Se tivéssemos somente os escritos do cronista, seríamos levados a acreditar que Dario I era o rei quando a construção começou. Examinando os paralelos, também vemos Dario no poder. "É óbvio que o cronista identificava Sesbazar com Zorobabel e pensava que os dias de Dario I estavam em vista, conforme se vê em I Esdras 5.2,6" (Raymond A. Bowman, *in loc.*). Ver Ageu 2.1, que nos diz isso, especificamente.

O *sétimo mês* era sagrado por causa dos feriados religiosos. Três festividades religiosas aconteciam nesse sétimo mês: a festa das trombetas (no primeiro dia do mês; ver Levítico 23.23-25); o dia da expiação (no décimo dia do mês; ver Levítico 23.26-32); e a festa dos tabernáculos (nos dias 15 a 21 desse mês; ver Levítico 23.33-36,39-43; Esdras 3.4). Ver sobre essas festas no artigo geral intitulado *Festas (Festividades) Judaicas*, no *Dicionário*.

Como um só homem. A comunidade inteira do Novo Israel tinha uma só mente, e essa mente estava determinada a reverter o dano causado pelo cativeiro babilônico. Por poucas vezes na história de Israel-Judá, houve consentimento tão unânime em torno de um propósito.

Nota ao Leitor. Pode revestir-se de interesse aos leitores saber que um dos autores citados no versículo primeiro deste capítulo, *Raymond A. Bowman*, foi um de meus professores na universidade de Chicago, em 1960-1961, quando fiz trabalho de pós-graduação ali, especializando-me no Novo Testamento. Ele foi meu professor de hebraico, e um dos melhores eruditos naquele idioma nos Estados Unidos. Era homem de grande erudição, e, apesar disso, de fácil acesso aos seus estudantes. Lembro-me de minha associação com ele, como se fosse ontem. Como o tempo passa!

3.2

Levantou-se Jesua. Seu nome também é grafado com a forma de Jesué. Ver a respeito dele no *Dicionário*. Como sumo sacerdote e líder dos sacerdotes e levitas, naturalmente assumiu a liderança da construção do segundo templo de Jerusalém. Era a *autoridade espiritual* que autenticava o Novo Israel em formação. E também havia Zorobabel, o *poder político*, que, como descendente direto de Davi, era, em certo sentido, o continuador da dinastia davídica após o cativeiro. Ver detalhes completos sobre ele no *Dicionário*. Sob a liderança desses dois homens, primeiramente foi construído o *altar* como a entidade central do segundo templo. Mas não ouvimos mais falar sobre a arca da aliança, a qual, aparentemente, se perdera na Babilônia. Portanto, essa era uma das peças dos móveis que faltavam no segundo templo, a qual fora o item central no templo de Salomão. O tempo foi o de Dario I, e não o de Ciro, uma informação que nos é dada especificamente em Ageu 2.1-4. O título de Jesua, *sumo sacerdote*, está ausente em Neemias 12.10 ss. e Ageu 1.1,4 e 2.2. O versículo 6 diz-nos que o altar foi apressadamente construído em menos de um dia. Pedras do campo foram empregadas, o modo original de construir altares (ver Êxodo 20.25; Deuteronômio 27.6). Hecataeus de Abdera descreveu a construção desse altar, o qual altar perdurou até os tempos dos Macabeus e então foi substituído (Josefo, *Contra Apion*, I.22).

Moisés, homem de Deus. Essa adjetivação foi aplicada a alguns poucos indivíduos seletos, como Moisés (Deuteronômio 33.1; Josué 14.6; I Crônicas 23.14). Foi também aplicada a Samuel (I Samuel 9.6): Elias (I Reis 17.18); Eliseu (II Reis 4.7); Davi (Neemias 12.24) e citada em II Timóteo 3.17.

3.3

Firmaram o altar sobre as suas bases. Assim foi renovado o *sistema de sacrifícios*, incluindo os sacrifícios regulares matinais e vespertinos. O Pacto Mosaico foi reiniciado. Ver sobre isso na introdução ao capítulo 19 de Êxodo. Ver no *Dicionário* o artigo geral chamado *Pactos*. Com a renovação das tradições antigas, o Novo Israel começou com o pé direito, com as bênçãos de Yahweh. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Sacrifícios e Ofertas*.

O altar tinha uma espécie de alicerce, visto que era erigido sobre uma plataforma ou pavimento (ver Ezequiel 43.13,14,17). Josefo (*Antiq.* XI.4.1) diz-nos que esse altar foi erigido no mesmo lugar em que estava o altar do templo de Salomão. Mas não sabemos informar se essa declaração do general e historiador judeu é ou não exata.

Sob o terror dos povos de outras terras. O povo judeu apressou-se a construir o altar em primeiro lugar, reiniciando o sistema de sacrifícios, por temer que a ira de Yahweh traria contra eles alguma espécie de calamidade. Foi assim que eles tentaram aplacar a Yahweh, que lhes aplicara tal castigo como foi o cativeiro babilônico. Nenhum sacrifício tinha sido oferecido em Jerusalém pelo espaço de cerca de cinqüenta anos, e as coisas não podiam continuar desse modo. O povo de Israel temia também os povos das terras circunvizinhas. A nova e pequena comunidade poderia ser atacada. Eles também temiam a corrupção interior dos povos que habitavam entre eles, devido a todos aqueles casamentos mistos com pagãos, que poderiam provocar a ira de Yahweh. Portanto, pareciam-lhes que era necessário oferecer sacrifícios pelos seus pecados, para estarem isentos de retaliação por parte do poder divino.

3.4

Celebraram a festa dos tabernáculos como está escrito. A *renovação* também incluía o reinício da celebração das antigas festas e festividades, que faziam de Israel um povo distintivo. A *festa dos tabernáculos* era uma dessas três festas principais que requeriam peregrinações à capital. As outras duas eram a *páscoa* e o *pentecoste*. A festa dos tabernáculos ocorria no sétimo mês do calendário judaico, cinco dias após o dia da *expiação*, e prosseguia por sete dias (ver Êxodo 23.16,17; 34.22). Ver no *Dicionário*, quanto a detalhes, o verbete intitulado *Festas (Festividades) Judaicas*. Ver também Levítico 23.33-36,39-43; Números 29.12,13. Ver ainda *Calendário Judaico*. "Durante todos os oito dias da festa, houve certo número de sacrifícios. Eles os realizaram em consonância com a lei. Ver Números 19.12-22" (John Gill, *in loc.*).

3.5

E depois disto o holocausto contínuo. A *declaração geral* deste versículo faz-nos entender que "todas as outras oferendas e sacrifícios" também foram observadas de acordo com a legislação mosaica, tal como acontecera na festa dos tabernáculos. Houve os holocaustos, todos os dias e em ocasiões especiais; houve as *luas novas*, as celebrações e os sacrifícios periódicos; todas as espécies de ordenanças foram seguidas à risca. "Os sacrifícios demonstravam que o povo queria mostrar-se responsivo para com a lei de Deus" (John A. Martin, *in loc.*).

OS JUDEUS QUE VOLTARAM DO CATIVEIRO BABILÔNICO

Comparações das Listas de Esdras 2 e Neemias 7

Famílias-Clãs	Esdras 2.3-60	Neemias 7.8-62	Diferenças
Parós	2.172	2.172	—
Setatias	372	372	—
Ara	775	652	- 123
Paate-Moabe	2.812	2.818	+ 6
Elão	1.254	1.254	—
Zatu	945	845	- 100
Zacai	760	760	—
Bani (Binui)	642	648	+ 6
Bebai	623	628	+ 5
Azgade	1.222	2.322	+ 1.100
Adonicão	666	667	+ 1
Bigvai	2.056	2.067	+ 11
Adim	454	655	+ 201
Ater	98	98	—
Bezai	323	324	+ 1
Jora (Harife)	112	112	—
Hasum	223	328	+ 105
Gibar (Gibeom)	95	95	—
Habitantes de Cidades			
Belém e Netofa	179	188	+ 9
Anatote	128	128	—
Azmavete (Beth-Azmavete)	42	42	—
Quiriate-Arim, Querifa e Beerote	743	743	—
Rama e Geba	621	621	—
Micmás	122	122	—
Betel e Ai	223	123	- 100
Nebo	52	52	—
Magbis	156	omitido	- 156
Elão (outra cidade)	1.254	1.254	—
Harim	320	320	—
Lode, Hadide e Ono	725	721	- 4
Jerico	345	345	—
Senaá	3.630	3.930	+ 300
Sacerdotes, Filhos ou Casa de:			
Jedaias	973	973	—
Imer	1.052	1.052	—
Pasur	1.247	1.247	—
Harim	1.017	1.017	—
Levitas	74	74	—
Cantores de Asafe	128	148	+ 20
Porteiros	139	138	- 1
Servidores do Templo	392	392	—
Descendentes de Delaias	652	642	- 10
Tobias e Necoda			
TOTAIS	29.818	31.089	+ 1.271

Observações:
Somente 30.000 pessoas voltaram do cativeiro babilônico. A nação judaica foi praticamente extinta. É inútil tentar harmonizar os números. Essa harmonização não tem a mínima importância. Os nomes próprios em parênteses representam as variantes de Neemias.

Contínuo. Ou seja, os sacrifícios regulares a cada manhã e a cada tarde, a expressão *diária* das leis sobre os sacrifícios.

"Nas oferendas anteriores ao exílio, havia um holocausto a cada manhã e uma oferta de cereais a cada tarde (ver I Reis 18.29,30; II Reis 16.15). Porém, mais tarde, a legislação sacerdotal requereu *dois holocaustos*, cada qual acompanhado por sua oferta de cereais subordinada (ver Números 28.3-8). Este último *modus operandi* prevalecia nos dias do cronista (cf. I Crônicas 16.40; II Crônicas 13.11 e 31.3)" (Raymond A. Bowman, *in loc.*).

Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Lua Nova.* Essas ocasiões eram chamadas de "sábados".

3.6

Desde o primeiro dia do sétimo mês. Esse dia era não somente uma lua nova, mas também uma grande festividade, a saber, a festa das trombetas (ver Levítico 23.24,25). Não há que duvidar de que eles também observavam o décimo dia daquele mês, com todos os ritos a ele pertencentes, que era o dia da expiação (ver Levítico 23.27-32). Meu artigo no *Dicionário*, intitulado *Festas (Festividades) Judaicas* anota todas essas festas na segunda seção, de modo que não repito aqui essas informações.

A renovação *começava* primeiramente com os sacrifícios e as festividades antes de os alicerces do templo terem sido construídos. O altar, no entanto, já estava em uso, conforme vimos nos primeiros versículos deste capítulo.

3.7

Deram, pois, o dinheiro aos pedreiros e aos carpinteiros. *Provisões.* Aos operários foram pagos salários justos, e começou a importação de materiais, conforme sucedera no caso da construção do templo de Jerusalém. "Houve um período de preparação para o levantamento dos alicerces do templo, pois o trabalho não começou senão já no segundo mês do segundo ano após sua chegada (maio-junho de 536 A. C., exatamente setenta anos após a primeira deportação, ocorrida em 605 A. C.). Por que essa demora de sete meses? Porque eles precisavam estar organizados, tendo em segurança os materiais de construção. A madeira (o cedro) vinha do Líbano, sendo despachada costa do Mediterrâneo abaixo até Jope, e dali por terra até Jerusalém. O Líbano era bem conhecido por suas florestas de cedro e por seus excelentes madeireiros. Para o primeiro templo, quatrocentos e trinta anos antes (em 966 A. C.), Salomão havia recebido grande parte do material de construção (madeiras de cedro, pinheiro e cipreste) e muitos operários especializados do Líbano (ver I Reis 5.1-10,18; II Crônicas 2.1-16). Salomão também começou o seu projeto no segundo mês (maio-junho; I Reis 6.1). Visto que Tiro e Sidom, no Líbano, faziam agora parte do império persa, Ciro tivera de autorizar a transação (cf. Esdras 6.3,4), segundo a qual a madeira, tal como nos dias de Salomão, era paga a dinheiro, alimentos e bebidas e azeite" (John A. Martin, *in loc.*). Note-se o equívoco cometido pelo cronista. Ele disse que Ciro dera a ordem, mas na verdade estava no trono da Pérsia Dario I. Ver Ageu 2.1-4. Josefo cortou o nó górdio ao explicar que Ciro baixara a ordem, mas fora Dario que a executara, chegado o tempo apropriado (*Antiq.* XI.411). O edito de Ciro não menciona nenhuma informação como esta, mas ele pode ter baixado outra ordem, suplementar. Ver Esdras 1.2-4 e 6.3-5 quanto a esse decreto.

3.8

No segundo ano da sua vinda à casa de Deus. O *começo* do levantamento dos alicerces do segundo templo de Jerusalém ocorreu sete meses depois da chegada dos judeus deportados em Jerusalém. Sobre esse elemento tempo já comentei no versículo anterior, e não preciso reiterar aqui a questão. Os principais líderes espirituais e políticos (repetição com base no versículo 2, ver as notas expositivas ali) estiveram ativos no projeto, obtendo ainda a ajuda de subordinados, chefes, subchefes e operários. Afinal de contas, o templo era o local do culto sagrado, e os levitas eram os profissionais que cuidavam desse culto. Portanto, a edificação não foi supervisionada por chefes seculares, o que poderia ser visto como uma profanação do templo, desde os alicerces para cima. O trecho de Ageu 1.12,14 deixa de mencionar os levitas, mas esses líderes ativos eram necessários para o trabalho. Os remanescentes eram aqueles que tinham retornado do cativeiro babilônico, mas no livro de Ageu eles podem ser compreendidos como os que tinham sido deixados na terra e não haviam sido deportados.

Da idade de vinte anos para cima. A lei original estipulava dos vinte e cinco anos para cima (Números 8.24). Talvez a escassez de levitas tenha feito baixar o limite de idade, ou então, conforme é ainda mais provável, a idade mais jovem simplesmente tornara-se a prática de um tempo posterior (ver I Crônicas 23.24-27; II Crônicas 3.17). Condições sociais e econômicas em transformação tinham compelido o rebaixamento da idade. É provável que os levitas fossem os supervisores, e outros, de classes inferiores, fossem empregados no trabalho árduo.

3.9

Então se apresentaram Jesua com seus filhos e seus irmãos. Os principais supervisores são enumerados neste versículo. Os nomes próprios que figuram aqui recebem artigos separados no *Dicionário.* Três clãs levíticos estão envolvidos na lista. Jesua e seus filhos; Cadmiel e seus filhos; e Henadade e seus filhos. Os levitas eram representados por esses homens. Nenhuma família foi favorecida acima das demais.

Para juntamente vigiarem os que faziam a obra. "Para juntamente vigiarem", isto é, eles eram mutuamente responsáveis, pois nenhum dos homens dominava seus irmãos. O livro de I Esdras contém a expressão "serviam como capatazes". É provável que alguns dos levitas estivessem envolvidos no trabalho árduo, especialmente aqueles que não eram líderes, mas o trabalho deles era, essencialmente, o de supervisão.

Henadade não é mencionado em Esdras 2.40 como um dos clãs levíticos, mas é citado em Neemias 3.18,24 e 10.9, de maneira que as listas são suplementares, e não foi feita nenhuma tentativa que visasse a exatidão ou informações completas.

3.10

Quando os edificadores lançaram os alicerces do templo. O trabalho teve um acompanhamento cúltico musical e religioso. Essa parte do esforço ficou, como é natural, ao encargo dos levitas. Foi uma ocasião de júbilo. O povo de Judá, que fora deportado pelos babilônios, havia retornado como um pequeno remanescente. Estava agora revertendo o desastre provocado pelo cativeiro babilônico. O labor deles na construção do novo templo (o segundo) foi um culto sagrado, sendo celebrado enquanto o trabalho prosseguia, como se fora um sacrifício oferecido a Yahweh. Tudo foi feito conforme Davi tinha ordenado quando entregou o trabalho no templo para ser realizado pelos vinte e quatro turnos de sacerdotes e levitas. Ver I Crônicas 23-26. Naturalmente, está em vista um culto de dedicação a respeito do lançamento dos alicerces. A primeira vitória estava obtida. Muitas outras seriam conseguidas. Quando Davi trouxe a arca para Jerusalém, algo similar acontecera, e, naturalmente, o mesmo ocorreu por ocasião da construção do templo de Salomão. Quanto a Asafe e seus címbalos e trombetas, ver I Crônicas 16.5,6. Cf. II Crônicas 5.12,13. Asafe (seus descendentes) e outros tocaram os instrumentos padrões de cordas e os címbalos, enquanto os *sacerdotes* sopraram as trombetas. Além disso, houve os cânticos, talvez de certos salmos de Davi, de acordo com alguma liturgia fixa.

"A celebração ocorreu antes que o templo estivesse terminado (ver Esdras 4.1-3), mas não há nenhuma referência aos alicerces, neste versículo (Esdras 3.10). Cf. o vs. 6" (Raymond A. Bowman, in loc.). Observar, contudo, o vs. 11.

A ocasião demandava que o clero se *vestisse devidamente.* O trecho de I Esdras diz "vestidos em vestimentas", isto é, as vestes típicas dos levitas e sacerdotes. Josefo explicou como segue: "Adornados com suas vestes costumeiras". Ver o artigo *Sacerdotes e Levitas*, em sua IV seção. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Vestes Sacerdotais.* Não sabemos dizer por que essa celebração não esperou até depois de o templo ter sido completado. Talvez seja uma boa adivinhação afirmar que uma ou mais celebrações ocorreram antes do término do templo, e ainda outra celebração quando este foi terminado, mas nossos textos não nos dão essa informação.

A celebração referida no presente versículo muito provavelmente está relacionada ao lançamento dos alicerces, a primeira coisa necessária em qualquer construção. Ver o vs. 11.

3.11

Cantavam alternadamente, louvando e rendendo graças ao Senhor. O alicerce estava posto. Essa foi a primeira vitória, celebrada de modo elaborado e ruidoso. Mas a construção ainda teria de avançar muito, porém os operários sabiam que um bom começo fora alcançado, significando boa continuação, e, finalmente, um presságio de bom final. Houve muitos gritos, cânticos e toque de instrumentos, e, como é provável, danças, que eram um modo de exprimir alegria entre os hebreus.

Cantavam alternadamente. Isto é, ao modo de uma antífona.

Ele é bom, porque a sua misericórdia dura para sempre sobre Israel. Cf. o Salmo 136, onde essas palavras são repetidas por diversas vezes. Sua presença aqui sugere que os cânticos incorporaram alguns dos salmos de Davi, ou, pelo menos, algumas porções do livro dos Salmos. Isso pode ter-se tornado parte de alguma liturgia formal. Ver II Crônicas 29.25-29 quanto às orientações de Davi acerca do ministério musical. Josefo e I Esdras 5.61 indicam que foram entoados hinos. A *música* era meramente o ruído espontâneo de músicos, que improvisavam para o momento.

O templo era de Yahweh; os alicerces eram de Yahweh. O culto a Yahweh estava sendo restabelecido, revertendo a vergonha que o cativeiro babilônico havia causado, a saber, as muitas abominações da idolatria nas quais Judá se tinha envolvido sem remédio.

3.12

Muitos dos sacerdotes e levitas e cabeças de famílias já idosos. *Emoções* mistas. Só de olhar os alicerces, os sacerdotes e levitas mais idosos, que tinham conhecido o templo de Salomão, ficaram desapontados. O coração deles afundou quando eles viram quão humilde seria a construção, se é que *aqueles* alicerces serviram para o novo templo de Jerusalém. É possível que este versículo reflita a reação de muitos sacerdotes, levitas e povo comum, uma vez que o templo todo estava pronto, a qual cronista antecipou no presente versículo. Por outra parte, os alicerces humildes eram melhor do que nada, e muito melhor do que continuarem exilados na Babilônia, pelo que muitos se recusaram a ficar tristes. Eles estavam cantando e exaltando em altas vozes os louvores a Yahweh, dançando e mostrando-se barulhentos. Os instrumentos musicais tocavam, as trombetas soavam, e o júbilo geral anulava a triste reação de alguns. Ver o livro de Ageu quanto às mesmas reações quando o segundo templo foi completado (Ageu 2.1-9), cerca de dezesseis anos mais tarde. As fisionomias entristecidas eram uma minúscula porção do todo, sem dúvida, visto que poucas pessoas continuavam vivas, entre aquelas que tinham sido deportadas para a Babilônia. A maioria das pessoas que havia retornado era formada por filhos e filhas dos deportados originais. O primeiro templo havia sido destruído sessenta anos antes. Josefo (*Antiq.* XI.4.2) informa-nos que "o povo em geral" estava satisfeito com o que via. Eles não se torturaram com comparações históricas. Seja como for, as pessoas de mais idade tendem a atormentar-se, sempre lembrando o passado, *como* se ele fosse melhor do que o presente, furtando a si mesmos da *alegria do momento*.

3.13

De maneira que não se podiam discernir as vozes de alegria das vozes do choro do povo. *Choro e Regozijo.* Ambos os grupos eram vociferos. Alguns choravam, outros soltavam exclamações de alegria e vitória. Os dois sons se misturavam, as lamentações e as expressões de regozijo, de modo que qualquer um que parasse de ser ruidoso por um momento não seria capaz de discernir as vozes de choro das vozes de regozijo. Alguns intérpretes ocupam-se aqui na estranha atividade de tentar determinar qual dos dois tipos de vozes era o mais alto, o choro ou os gritos de alegria, as vozes dos idosos ou as vozes dos jovens. Onde todos concordam, e que foi uma ocasião muito ruidosa, realmente! Fosse como fosse, a ocasião merecia aquela gritaria toda.

Capítulo Quatro

A Oposição dos Samaritanos (4.1 – 6.12)

O cativeiro assírio não chegou a esvaziar de modo absoluto o norte (as dez tribos) de seus habitantes. Os assírios, em concordância com um costume antigo, importaram gente para o lugar, e assim o poluíram com muitas raças pagãs. Os hebreus que tinham sido deixados na terra misturaram-se por casamento com a variedade de pagãos para ali enviados, e o resultado foram os samaritanos. Esses novos habitantes, a *massa misturada*, conforme os rabinos passaram a chamar, ocasionalmente preservaram o yahwismo, e até cooperavam com o sul quanto aos festivais religiosos. Em outras ocasiões, os samaritanos mostravam-se simplesmente pagãos. Muitos eram hostis para com o sul, e muitos permaneceram hostis contra os que retornaram do cativeiro babilônico. Ver II Crônicas 30.1; 34.9 e II Reis 17.24-41 quanto aos sobreviventes do norte e à origem dos samaritanos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Samaritanos*, quanto a detalhes.

O cronista não registrou todos os eventos dos vinte e um anos que se tinham passado desde o retorno (536 A. C.) até o ano de 515 A. C., quando o templo de Jerusalém foi terminado. Mas ele não pôde ocultar os movimentos de oposição. Yahweh venceu todos os obstáculos, dando aos judeus sucesso no empreendimento de construção, porquanto isso era profética e historicamente necessário dentro do plano divino. O cronista, ocasionalmente, projetou no texto sua própria filosofia da história, isto é, Deus guia a história da humanidade. A história é teisticamente orientada. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Teísmo*. Ver os cinco princípios que norteiam essa filosofia da história nas observações introdutórias justamente antes de I Crônicas 1.1, a saber, os parágrafos quarto a sétimo.

Naturalmente, lemos aqui a lição óbvia de que os projetos dignos (e os projetos dignos já completados) atrairão a oposição de pessoas perversas e invejosas.

O *templo* era a base da comunhão com Deus por parte da comunidade judaica pós-exílica. Somente com o templo construído o povo judeu podia viver em consonância com as alianças, em harmonia com a legislação mosaica. O primeiro capítulo do livro de Ageu revela-nos os defeitos e os pecados do povo judeu que tinha retornado da Babilônia. Aqueles que dali retornaram eram pecadores! Mas o propósito divino estava operando neles. Essa é outra importante lição a ser observada.

O capítulo 4 de Esdras oferece-nos algumas razões de por que o templo, iniciado na época de Ciro (539-530 A. C.), não foi terminado senão nos dias de Dario I (521-486 A. C.). Houve razões econômicas (Ageu 1.9) e houve também relutância em completar o trabalho (Ageu 1.2), mas a perseguição e a oposição também adiaram o término da tarefa. Os inimigos dos judeus tentaram (com até algum sucesso temporário) interromper o trabalho de construção (Esdras 4.6-24).

4.1

Ouvindo os adversários de Judá e Benjamim. Esses adversários são identificados mais especificamente nos vss. 2, 9 e 10. Eles eram "os povos da terra" aquela massa misturada, parte hebréia e parte pagã — os humildes samaritanos que se tinham estabelecido em certas áreas de Judá e queriam participar da construção do templo de Jerusalém. Mas Zorobabel não desejava a ajuda daquele tipo de gente. Isso levaria pagãos essenciais ao local da construção, o que a poluiria, tornando-a imunda. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Limpo e Imundo*. Josefo adianta que essa gente ouviu o som das trombetas triunfais e soube o que significava aquele júbilo (*Antiq.* 1.11. cap. 4, sec. 3). Cf. Neemias 4.11.

4.2

Chegaram-se a Zorobabel e aos cabeças de famílias. A massa mista, aqueles samaritanos, apelaram a Zorobabel e a outros líderes dos judeus, que lhes fosse permitido ajudar na construção do segundo templo. A base do apelo era que eles também estavam engajados no culto a Yahweh, e desde há muito tempo. Provavelmente eles disseram a verdade, mas isso não tiraria deles o elemento pagão, um elemento que os líderes dos judeus não podiam permitir no local da construção. É provável que os samaritanos tivessem uma adoração sincretista, incorporando Yahweh em um espectro mais amplo de deuses. Cf. II Reis 17.29, 32-34, 41. Nesse caso, eles não eram adoradores autênticos de Yahweh. Mas, mesmo que não fosse assim, sua derivação racial e suas conexões não teriam permitido a participação deles no projeto. Notemos que o cronista havia demonstrado cuidadosamente, no segundo capítulo de Esdras, que os judeus que retornaram da Babilônia tinham suas genealogias para provar sua pureza racial. Somente os levitas podiam encabeçar o trabalho, e somente judeus puros podiam trabalhar na construção do templo. Esse tipo de *exclusivismo racial* foi comum no judaísmo até que Jesus, o Cristo, anulou as distinções de raça, sexo e posição na fé cristã (ver Gálatas 3.28). O apóstolo Pedro precisou receber uma visão especial para entender que tal evento poderia ocorrer e, de fato, realmente aconteceu (ver Atos 10). O cristianismo primitivo, essencialmente judaico em sua natureza, nunca aprendeu a lição, de maneira que a Igreja se moveu para o ocidente, para dentro de territórios gentílicos, e assim a Noiva de Cristo foi formada por uma maioria gentílica! Esse é um fato que, se fosse sabido pelo cronista e pelos líderes dos que voltaram do cativeiro babilônico, tê-los-ia deixado perplexos.

Desde os dias de Esar-Hadom, rei da Assíria. Ver sobre ele no *Dicionário* quanto a detalhes. Era norma política da Assíria deportar e importar povos, e assim poluir raças para eliminar a oposição. O cativeiro assírio veio em ondas, e aqueles aqui mencionados como deportados apareceram mais tarde, visto que o reinado de Esar-Hadom foi de 680 a 669 A. C., distante da data de 722 A. C. do cativeiro. Não é claro, pelo texto, se os que vieram falar com Zorobabel tinham vindo do norte, ou se já estavam em alguma área de Judá, ou mesmo se tinham vindo juntamente com Judá. Seja como for, eles estavam *ali*, próximos do local da construção. Por cerca de cento e cinqüenta anos, aquela gente tivera uma tradição do yahwismo, ou, pelo menos, Yahweh fizera parte do culto deles. Assim sendo, conforme pensavam, eles também tinham raízes em Moisés e deveriam ter permissão de participar da construção.

Note-se que o versículo 17 deste capítulo faz de *Samaria* o local da origem da oposição, o que talvez indique que foi daquele lugar que a gente em questão procedeu, a fim de consultar Zorobabel.

4.3

Porém Zorobabel, Jesua e os outros cabeças de famílias lhes responderam. Os *samaritanos* foram absolutamente rejeitados, e com palavras duras. Zorobabel nem ao menos queria discutir o caso. A regra de "judeus somente" foi posta em inexorável efeito. Foi assim que judeus e samaritanos se tornaram inimigos, e isso nunca deixou de ser um fato, enquanto existiram as duas raças. Na verdade, os samaritanos estabeleceram uma adoração rival e tiveram o seu próprio Pentateuco. Além de outros argumentos que Zorobabel provavelmente apresentou, ele lembrou aos samaritanos que a autoridade legal, da parte de Ciro, foi dada aos judeus; e ele não cria que incluir outros arbitrariamente no projeto fosse algo que os oficiais persas aceitariam. Ver o capítulo 17 de II Reis, que fornece razões para essa atitude intolerante.

4.4

Então as gentes da terra desanimaram o povo de Judá. O texto sagrado não nos diz como isso foi feito, mas podemos presumir que houve ameaças, assédios, desencorajamento dos operários, calúnias lançadas contra os líderes dos judeus. "Desencorajaram e se opuseram a eles por todos os meios possíveis" (Adam Clarke, *in loc.*). Esses eram modos não-oficiais e pessoais de desencorajamento. Ato contínuo, os samaritanos tentaram o método de escrever cartas aos oficiais persas. O hebraico diz, literalmente, "afrouxar as mãos", como modo de trabalhar dos samaritanos, contra os judeus. Essa palavra foi encontrada em um ostracon hebraico para indicar os atos de um profeta que queria *desmoralizar* o povo ao qual ele ministrava.

4.5

Alugaram contra eles conselheiros. Provavelmente estão em pauta *traidores* judeus, que foram subornados para tentarem impedir a continuação da obra pelo "lado de dentro", isto é, entre os trabalhadores queixosos e aqueles que davam maus conselhos, que permitiam dias de trabalho abreviados e encorajavam uma obra malfeita. É provável que esses maus obreiros também adiassem a entrega dos materiais e colocassem pessoas desqualificadas para trabalhar, que eram lentas e incompetentes. Esses assaltos começaram nos tempos de Ciro e estenderam-se até os tempos de Dario I. Quanto a esses reis da Pérsia, ver os artigos separados sobre eles, e ainda o artigo chamado *Pérsia*.

Seção Parentética: Cartas Enviadas e Recebidas (4.6-22)

4.6

No princípio do reinado de Assuero. A *oposição prosseguiu* até aos tempos de *Xerxes* (ver a respeito no *Dicionário*), também conhecido como Assuero. Essa acusação dos samaritanos contra os judeus assumiu uma forma de libelo calunioso e cartas que continham mentiras, cujo intuito era retirar do projeto a aura de legalidade que lhe fora conferida pelo decreto de Ciro. Os críticos salientam que *Assuero* (cf. Ester 10.1 e Daniel 9.1) é uma forma corrupta de um nome persa, provavelmente Ciaxares. Esse nome tem sido confundido com o nome Xerxes. Mas Ciaxares foi um rei medo fictício, reputado como filho de Dario, o medo (ver Daniel 5.31). É provável que o cronista não tivesse consciência dessa confusão e, inocentemente, referiu-se a Xerxes pelo nome errado. Isso não prejudicou a historicidade de sua narrativa. Xerxes começou a reinar a 6 de abril de 485 A. C., de acordo com a informação contida em um papiro encontrado por arqueólogos. As tradições judaicas faziam desse homem, Assuero, não o marido de Ester, mas Cambises, filho e sucessor de Ciro, isto é, Cambises II, que veio antes de Dario I. Dei extensas descrições sobre esses diversos nomes no artigo, do *Dicionário*, intitulado *Pérsia*.

As cartas endereçadas a Assuero estavam repletas de mentiras, ódio e calúnia. Não somos informados sobre o efeito que tiveram essas cartas preliminares, mas é provável que tenha sido um tanto maléfico. Contudo, outras cartas se seguiriam (vs. 7 ss.).

4.7

E nos dias de Artaxerxes. A perseguição tornou-se mais violenta e obteve maior sucesso ainda nos tempos de Artaxerxes, que alguns estudiosos identificam equivocadamente com o Xerxes ou Assuero do versículo anterior. Artaxerxes governou de 464 a 423 A. C.

O cronista enfocou sua atenção sobre duas cartas nesta passagem, mas I Esdras tem apenas duas cartas endereçadas a Artaxerxes. Esse texto também lista os enviadores, os perturbadores. Josefo (*Antiq.* XI. 2.1), mais conhecedor da história da Pérsia, corrige a cronologia tanto do texto hebraico como do texto massorético de I Esdras, fazendo Cambises (530 - 522 A. C.) ser o destinatário da carta. Ele também nos diz que nos tempos de Ciro, os sátrapas foram subornados para se oporem ao projeto de construção em Jerusalém, sem o conhecimento de Ciro. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Massora (Massorah); Texto Massorético*. Esse texto hebraico padronizado do Antigo Testamento é o texto massorético abreviado.

Nomes Próprios. Ver no *Dicionário* os nomes próprios dos perturbadores, dados neste versículo, quanto ao pouco que se sabe sobre eles: *oficiais persas* que tomaram o lado dos samaritanos e representaram sua causa perante o rei, através de cartas. Talvez também tenham sido subornados para fazer isso.

A língua aramaica era usada nas comunicações, sendo a *língua franca* da época, usualmente empregada na correspondência internacional. Vemos evidências de um original aramaico na grafia dos nomes e no uso de palavras tomadas por empréstimo, nos versículos 9, 17 e 23 deste capítulo, como também em Esdras 5.3,6 e 6.6,13. Ver a introdução ao livro de Esdras, seção III, terceiro parágrafo, quanto às porções do livro, no original, que foram redigidas em aramaico. Alguns estudiosos pensam que os perturbadores eram samaritanos, e não oficiais persas, mas os nomes são contra essa suposição, excetuando Tabeel. Talvez *Bislão* não deva ser entendido como um nome próprio, mas como *em paz* (eles escreveram *em paz*, ou seja, desejaram paz para o rei), que é o sentido da palavra em aramaico.

4.8,9

Reum, o comandante, e Sinsai, o escrivão. *Mais Cartas Ainda*. Outros oficiais entraram no negócio sujo da escrita de cartas, incluindo *Reum* (ver sobre ele no *Dicionário*), que pode ter sido alguma espécie de repórter (ver I Esdras 2.17,25), ou *registrador*. Assim pensava Josefo (*Antiq.* XI.2.1), que deixou escrito: "o *registrador* de todas as coisas que acontecessem", uma espécie de registrador dos acontecimentos. Havia também investigadores reais, cujo negócio era dar notícias ao rei do que estivesse acontecendo. Ver Xenofonte, *Cyropaedia* VIII.6.16 quanto a esse fato. *Reum* (talvez subornado pelos samaritanos) apresentou um relatório contrário aos judeus. Dando apoio a esse relatório esteve o escriba Sinsai, que fora nomeado *secretário* de Reum (ou assim parece ter sido). Talvez ele tenha redigido a carta, anotando ali o que Reum lhe ordenara. Seja como for, ele falou de coisas suspeitas que estariam acontecendo em Jerusalém, exortando o rei a interromper o projeto da edificação do templo.

Muitos queixosos, de várias raças e reinos, deram apoio às calúnias. Afinal, Judá sempre fora um país belicoso, e sempre houvera aquele espírito de matar e ser morto entre os judeus. Os vizinhos de Judá não queriam que o reino voltasse a funcionar, para começarem as perturbações de novo. Juízes e oficiais de várias partes do império persa preferiam que Judá cessasse de vez.

Dinaítas, isto é, "juízes"; *afarsaquitas*, ou seja, "governadores"; e *tarpelitas*, ou seja, outros "oficiais", de funções diversas, eram representantes do governo persa que adicionaram seu peso às queixas contra a construção do templo e o levantamento das muralhas de Jerusalém. Também havia os *afarsitas*, isto é, os "persas", e os *arquevitas*, isto é, os arianos. Os *babilônios* concordavam com a censura, assim como os *elamitas*. Havendo tantas autoridades por trás das queixas, o rei da Pérsia não podia mesmo ignorar a questão. Sem dúvida, Judá sairia prejudicado.

4.10

E outros povos. Além dos povos especificados anteriormente, havia muitos outros, em todas as partes do império persa, que olhavam de soslaio para o que estava acontecendo em Jerusalém. As cartas enviadas ao rei da Pérsia, pois, eram "mortíferas", esmagadoras, malignas e convincentes.

Asnapar. "Certamente uma corrupção de Assurbanipal, o último rei assírio (669-633 A. C.), pois somente ele capturou Susa, de onde os cativos (vs. 9) foram trazidos" (Raymond A. Bowman, *in loc.*). Ver meu artigo, no *Dicionário*, sobre *Asnapar* e sobre *Assurbanipal*. Note-se que Asnapar também é nome grafado como Osnapar nas versões portuguesas. Os comentadores mais antigos identificaram o indivíduo em questão de outra maneira, mas desde 1875 as evidências têm-se mostrado esmagadoras, identificando Asnapar com Assurbanipal.

Notemos também que a deportação era seguida pela importação de outros povos, para eliminar a identidade racial e assim parar para sempre a rebeldia de qualquer povo. Da mistura dos poucos sobreviventes do norte (Israel) com as várias raças de povos trazidos para a terra, resultaram os samaritanos. Quanto a isso ver II Reis 17.24-41 (as origens dos samaritanos). Todos os colonos eram contra o projeto de construção em Jerusalém. Assurbanipal deu prosseguimento às normas de deportação e importação de povos que seu pai, Esar-Hadom (Esdras 4.2) tinha empregado, e essa era a prática assíria comum para tratar com povos rebeldes e inimigos.

4.11

Eis o teor da carta. A carta que foi enviada ao rei Artaxerxes.

4.12

Daquém do Eufrates. Essa expressão, empregada também no versículo 10, fala sobre aqueles da parte sul e oeste do rio Eufrates, os delegados do rei do império persa. "Daquém do rio denota a região siro-palestina, a oeste do rio Eufrates" (*Oxford Annotated Bible*, sobre o vs. 10)

Os servos do rei guardaram uma cópia da carta e enviaram o original ao rei, na esperança de causar o maior dano possível aos judeus.

Cowley (*in loc.*) comentou como o que foi escrito se assemelha ao que a arqueologia tem descoberto sobre a natureza geral das comunicações nos papiros aramaicos, quando o endereçado é algum superior. Essa carta está registrada nos vss. 12 a 16 deste capítulo.

"Virulência e esperteza, bem como exageros, estão estampados em cada sentença da carta" (Ellicott, *in loc.*). Os fanáticos usualmente fazem muito barulho em favor de causas erradas.

Vieram a nós. Ou seja, os deportados que tinham retornado da Babilônia e entrado na Palestina, passando pelo antigo território das tribos do norte, então marchando para o sul, e estacionando finalmente em Jerusalém. Assim sendo, em certo sentido, eles chegaram àqueles que já estavam habitando partes do antigo território de Israel.

Elementos da Carta:

1. Jerusalém tinha a reputação de ser uma cidade má e rebelde. Se o trabalho de reconstrução da cidade tivesse permissão de prosseguir, então rebentariam dificuldades, e os judeus mostrariam que mereciam a má reputação que tinham. Note o leitor a cronologia inerente nessa declaração. A declaração refere-se à construção das muralhas, que Neemias também registrou. O templo tinha sido completado em 515 A. C. Mas o cronista não nos preparou para a passagem do tempo, nem para o término da construção do templo. Os críticos do projeto de construção falavam do ponto de vista dos conquistadores que tinham enviado expedições para esmagar rebeldes nas províncias ocidentais. Ver II Reis 18.7-11,13-20; 24.1,2; 25.1-6,25,26. Ver o versículo 15, onde essa primeira acusação está registrada com um apelo "para examinar os registros que verás a prova".

4.13

Saiba ainda o rei que, se aquela cidade se reedificar. Têm continuação os elementos da carta:

2. Esse rebelde povo judeu não se constituiria em vassalos leais. Eles não pagariam o *tributo* cobrado pelo rei da Pérsia. Os judeus representavam um mau risco econômico. Eles iram reedificar o templo, armar-se de novo e cortar as rendas pertencentes ao rei. Naturalmente isso sempre foi uma verdade: nações derrotadas pagavam tributo, mas quando se tornavam fortes o bastante não somente paravam de pagar, mas também submetiam outras nações a tributo! Por quantas vezes isso tinha acontecido a Judá. Basta ler nos registros históricos. Judá não hesitava em escravizar outros povos.
3. Outras importâncias também não seriam pagas, como os *impostos*. As mercadorias eram taxadas. O rei obtinha rendas do comércio. Os judeus ocupar-se-iam do comércio, mas não pagariam os impostos. Conforme alguns diriam, eles não pagariam suas *taxas*.
4. Os judeus também não pagariam *pedágios*. Por trás dessa palavra há um obscuro termo persa que significa, literalmente, "no fim". Está em pauta algum tipo de taxa difícil de determinar. A *Oxford Annotated Bible* (*in loc.*) arrisca a interpretação de "taxas para a conservação de estradas", e, assim sendo, a palavra usada em nossa versão portuguesa, "pedágio", concorda com isso.
   O resultado final seria que o tesouro real sofreria danos. A Pérsia não teria os fundos necessários para suas campanhas militares e seus projetos de construção. O alto estilo de vida da corte real poderia baixar um pouco. Os oficiais teriam seus salários diminuídos. Os feriados reais precisariam ser limitados, mostrar-se menos ostensivos ou até (pelo menos alguns deles) ser cancelados. Os oficiais que estivessem de viagem teriam de pagar suas próprias despesas. O povo não seria capaz de estender dias extras aos feriados. A vida fácil acabaria.

4.14

Agora, pois, como somos assalariados do rei. Continuação dos elementos da carta:

5. O rei *seria* desonrado pelos rebeldes, pessoal e economicamente. Outros rir-se-iam e diriam: "Vejam só o que aqueles judeus foram capazes de fazer contra o rei! Que idiota fracalhão é ele!".
   6. A *preocupação dos missivistas*. A versão portuguesa, juntamente com muitas outras, faz os escritores da carta lembrar ao rei que era do rei que eles obtinham o *salário*, e, portanto, tinham obrigação de proteger os interesses dele. A tradução literal é "temos salgado", que foi interpretado por Eberhard Nestle como palavras que significam: "Nosso sal é o sal do palácio". Ao que tudo indica, a referência é a um *pacto de sal*, e não a salários apenas. Os escritores da carta eram partes contratadas com quem um acordo formal fora assinado. Os traidores, por sua vez, eram "desleais para com o sal", isto é, para com os acordos que tinham sido firmados. Mas os missivistas estavam ansiosos por manterem-se fiéis ao rei. Quanto a pactos de sal, cf. Levítico 2.13; Números 18.19; II Crônicas 13.5. Parte de tais acordos era a ajuda mútua em tempos de perigo, em que um defendia o outro. Naturalmente, o acordo sem dúvida incluía a provisão que os oficiais recebiam da parte do rei, porém mais do que isso está envolvido na declaração da carta enviada.

4.15,16

Prosseguem os elementos da carta:

7. *Prova a ser adquirida*. Os missivistas sabiam que os registros reais dos persas, a história das nações, provariam sua contenção acerca da natureza rebelde do povo judeu. De fato, a história do Reino de Judá nos tempos do Antigo Testamento servia de prova disso! Tanto os estrangeiros como os domésticos podiam provar ao rei da Pérsia que ele estava tratando com elementos perigosos. Seria melhor cortá-los mais cedo do que tarde. Ver tais registros mencionados em Ester 2.23; 6.1 e Malaquias 3.16.
8. *Nabucodonosor* mostrou ser um rei sábio quando pôs fim a todas as perturbações causadas pelos judeus, destruiu Jerusalém e deportou seu povo rebelde. O rei da Pérsia faria bem em dar atenção a esse exemplo histórico, puxando as rédeas da política liberal para com Jerusalém.
   9. *Perda de parte* do império persa (vs. 16). Os reis da Pérsia tinham sacrificado muitas vidas e gasto muito dinheiro conquistando as terras de seus inimigos e formando o seu império. Mas, se Judá tivesse permissão de continuar a existir, crescer e tornar-se forte novamente, a Pérsia certamente perderia grande porção de terras para o sul e para oeste. De fato, Judá ficaria tão forte a ponto de conquistar todas as terras a oeste e ao sul do império persa (*para além do rio*; ver os vss. 10 e 11. Ver os comentários no começo do vs. 11).

Carta de Artaxerxes a Reum e Sinsai (4.17-22)

Esta seção deve ser comparada com seu paralelo em I Esdras 2.25-29.

Embora *naturalmente mau* (conforme Josefo disse acerca de Cambises, a quem ele pôs no lugar de Artaxerxes), o rei escreveu, em resposta, uma carta bastante moderada. Apesar de concordar que o trabalho de construção das muralhas de Jerusalém deveria ser interrompido, e de ter descoberto, após pesquisas feitas, de que ele estava realmente tratando com um povo rebelde e violento, o rei deixou espaço, em seu decreto, para o reinício da obra, caso, mais tarde, ele viesse a decidir por modificar a situação. Foi exatamente o que aconteceu na época de Neemias, o que quer dizer que a providência divina estava em operação. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Providência de Deus*.

4.17

Então respondeu o rei. A *carta do* rei foi endereçada, primeiramente, aos que a tinham escrito (Reum e Sinsai, vs. 8), mas sua intenção era que o seu teor fosse conhecido por todos quantos estavam interessados no assunto. A *palavra do rei* tinha de tornar-se conhecida, ou nada seria feito acerca da situação. Aqueles que estavam em Samaria, inimigos dos judeus, veriam a carta, ou uma cópia, ou seriam oralmente informados quanto ao que o rei havia escrito; além disso, todos os que residissem a oeste e ao sul do rio Eufrates (ver sobre "aquém do Eufrates", nos versículos 10, 12 e 16) e estivessem interessados no caso, especialmente os oficiais do rei, deveriam ser devidamente informados. A todos esses o rei escreveu "Paz" ou "Saudações", tal como eles lhe haviam escrito (vs. 9). *Paz* sugere a idéia de bem-estar, tal como sucede à saudação dos gregos, *chairen* (Atos 15.23; 23.26; Tiago 1.1). Os antigos papiros persas trazem esse tipo de saudação. A idéia é o desejo de bem-estar por parte dos endereçados da carta.

4.18

A carta que nos enviastes. O rei *persa* recebera a carta que lhe fora enviada, com seus nove elementos (vss. 12-16), e um assistente da corte (escriba) a *traduziu* do aramaico para o idioma persa. Foi assim que o rei persa ficou inteiramente familiarizado com seu conteúdo. Um escriba traduziu a carta escrita em aramaico passando-a para o idioma persa. E assim a palavra "lida" (que aparece em algumas traduções, como na nossa versão portuguesa) seria mais bem compreendida como "traduzida".

4.19

Ordenando-o eu, buscaram e acharam. Depois de ter ouvido a tradução da carta (vs. 18), o rei ordenou que alguém entendido em livros e registros históricos averiguasse a história dos reis de Judá. Certíssimo! Os registros demonstravam exatamente o que os missivistas tinham escrito: aqueles homens eram realmente violentos, inclinados para a guerra e a insurreição. Eram também culpados de sedição e de levantes. A principal fonte informativa provavelmente eram os registros babilônicos. Os babilônios, tais como os assírios, eram historiadores cuidadosos, embora, algumas vezes, deixassem de mencionar suas derrotas militares. Mesmo estando sob tributo à Babilônia, tanto Jeoaquim quanto Zedequias se tinham revoltado, e isso ainda não fazia cem anos. Ver II Reis 18.7 e o capítulo 24 do mesmo livro quanto às versões judaicas dessas revoltas.

4.20

Também houve reis poderosos sobre Jerusalém. Além das revoltas, do derramamento de sangue e de matar e ser morto, atividades comuns entre os reis judeus, estes também se mostravam "culpados" de colocar outros países sob tributo! De fato, todos aqueles territórios "para aquém do rio" (ver os vss. 10, 12, 16 e 17) tinham, em uma época ou outra, pago tributo àqueles horrendos judeus. Eles tinham tratado aos outros tal e qual estavam agora sendo tratados. Cf. os tributos, impostos e pedágios com os mesmos termos econômicos usados no vs. 13. Naturalmente, Judá nunca fora *tão forte* como a carta dos seus acusadores agora dizia. Isso era

um exagero histórico. Judá nunca governara por toda a Palestina e a Síria. Talvez este versículo se derive do orgulho nacionalista do cronista judeu, que ultrapassou o que o rei da Pérsia havia descoberto em seus registros históricos. Seja como for, quando um Judá *forte* foi um terror para seus vizinhos, os registros do Antigo Testamento o confirmam. Por outra parte, seus vizinhos, quando eram *fortes*, sempre foram um terror para Judá. Os povos circunvizinhos raramente estavam interessados na paz, mesmo quando os tempos eram favoráveis à paz. Afinal, eles só combatiam pelo que era direito ou por diversão. Cf. II Samuel 8 e I Reis 10.

4.21

Agora, pois, dai ordem. *O Decreto para Interromper a Obra de Reconstrução das Muralhas de Jerusalém.* Os réprobos *samaritanos* e outros conseguiram seu intuito. O rei deixou-se convencer pelos argumentos, e acabou seguindo o conselho deles. Ele interrompeu o projeto de construções em Jerusalém. No entanto, esse mesmo rei, nos tempos de Neemias, igualmente por decreto, permitiu que o trabalho de reconstrução de Jerusalém fosse reiniciado (corria o ano de 444 A. C.; ver Neemias 2.1-9). Vemos assim a veracidade daquela declaração que diz: "É sempre cedo demais para desistir!". O projeto foi interrompido, mas os judeus não desistiram. Eles contavam com o poder e a inspiração de Yahweh. Também contavam com a tradição profética para inspirá-los, bem como com a *necessidade* histórica. Israel precisava ser restaurado. Jesus, o Cristo, viria de Judá. Em certo sentido, a Igreja cristã também dependia de que os judeus não desistissem. Mas o resultado imediato do decreto real foi amargo e desencorajador.

A não ser com autorização minha. Essas palavras faltam ao trecho paralelo de I Esdras, e podem ter sido uma glosa do cronista, o qual sabia que, afinal, este decreto seria revertido por outro posterior. Foi assim que se anulou o decreto do rei Ciro (Esdras 1.1 ss.). Mas a providência divina garantiria outro bom acontecimento, também mediante um decreto do rei da Pérsia.

4.22

Guardai-vos, não sejais remissos. *Reforçando o Decreto Real.* Visto que os missivistas estavam tão ansiosos para interromper o trabalho de reconstrução de Jerusalém, dependia deles implementar o decreto do rei com todo o seu poder. O rei da Pérsia não queria ver uma revolta no sul de seu império. Ele estava ansioso com toda aquela possível perda de dinheiro e todas as terras que ele e seus antecessores tinham conquistado. Não queria que os judeus perturbassem o seu programa. Ele já tinha feito planos para gastar o dinheiro do tributo. Seus planos precisavam seguir avante.

O Trabalho de Reconstrução é Interrompido (4.23)

4.23

O paralelo deste versículo é I Esdras 2.30.

Com *pressa e alegria feroz*, uma cópia do decreto foi levada a Jerusalém e lida diante dos espantados judeus! Aquilo que eles mais temiam lhes sobreviera. Seu amado projeto fora interrompido. Pela força e pelo poder eles foram obrigados a parar, o que subentende que os escritores da carta foram acompanhados por uma força militar. O original diz aqui, literalmente, "pelo braço e pela força". A palavra "braço" é usada como um símbolo de força (ver Ezequiel 31.17; Provérbios 31.17; Daniel 11.15,31). Nos escritos persas, a palavra "poder" muitas vezes significa *exército*, conforme se vê, com freqüência, nos papiros. I Esdras nos dá uma interpretação: "com cavaleiros e uma multidão preparada para a batalha". Josefo nos fornece uma informação similar. A implicação é que o que tinha sido edificado foi destruído (referindo-se às muralhas da cidade, mas não ao templo); e isso provocou em Neemias uma profunda tristeza (Neemias 1.3 e 4). O cronista queria que compreendêssemos que a edificação do templo (vs. 24) também foi interrompida, a despeito de sua menção anacrônica da construção das muralhas, o que só aconteceu mais tarde. Ver minhas observações no vs. 12. Ver o vs. 24 quanto a um comentário sobre o problema cronológico.

Resultado da Oposição (4.24)

4.24

Cessou, pois, a obra da casa de Deus. Este versículo está logicamente vinculado ao quinto versículo. Os vss. 6-23 formam um parêntese concernente à carta enviada e à resposta por parte do rei da Pérsia. Tal parêntese, cronologicamente falando, está fora de lugar, projetando questões acerca da construção das muralhas de Jerusalém, que é o assunto do livro de Neemias. Antes que construção das muralhas da cidade fosse interrompida, ou talvez *juntamente com* esse evento tenha cessado também a obra de construção no templo. As evidências que colhemos do trecho paralelo (Neemias 1.3) é que a parte que tinha sido levantada das muralhas de Jerusalém foi derrubada. Não há evidências, entretanto, de que o templo (já construído, ou construído em parte) tenha sofrido idêntica sorte. Seja como for, o cronista agrupou os dois eventos, mas reverteu a ordem cronológica. O autor-compilador, em várias ocasiões, obteve seu material fora da devida ordem cronológica. Ver as notas introdutórias imediatamente antes da exposição a Esdras 1.1, intituladas *Perturbações Cronológicas*. Forneço uma lista de acontecimentos na ordem provável de sua ocorrência, combinando os livros de Esdras e Neemias. O leitor perceberá que esse material não segue a *ordem de escrita* dos dois livros.

A *obra de construção do templo* foi suspensa até o segundo ano de Dario I (520 A. C.), cerca de dezoito anos depois que o povo de Judá tinha retornado à Terra Prometida com o propósito de construir o segundo templo, a "casa de Elohim". Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de*. Ver também sobre o Templo de Zorobabel no artigo chamado *Templo de Jerusalém*, seção VI. "A suspensão do empreendimento geral, chamado 'a obra da casa de Deus', perdurou por quase dois anos" (Ellicott, *in loc.*). Os profetas Ageu e Zacarias encorajaram a construção (Ageu 1.1-4; Zacarias 4.9 e 6.15). Outros dizem que a obra parou por cerca de quinze anos. Ver Esdras 5.1.

Capítulo Cinco

O Reinado de Dario (5.1 – 6.22)

Reinício da Construção do Segundo Templo (5.1,2)

O paralelo é I Esdras 6.1,2.

O cronista nos apresenta um documento aramaico de cartas enviadas a Artaxerxes e uma resposta enviada de volta aos missivistas. Isso foi posto fora de sua ordem cronológica. Ver os comentários sobre Esdras 4.24. O trecho parentético, escrito em aramaico, é a passagem de Esdras 4.6-23. Agora o autor-compilador reinicia a história concernente à construção do templo, que também precisou ser interrompida. Portanto, Esdras 4.5 continua em Esdras 5.1-6.18.

"Após uma breve referência ao reinício do trabalho no templo, sob o estímulo dos profetas Ageu e Zacarias (Esdras 5.1,2), o escritor descreve uma investigação oficial das atividades dos judeus em Jerusalém (ver Esdras 5.3-5) e incorpora, *verbatim*, os relatórios oficiais enviados ao rei da Pérsia (Esdras 5.6-17), o qual explicou a situação encontrada pelos oficiais (Esdras 5.8) e deu uma declaração em defesa dos judeus (Esdras 5.11-16). Os oficiais reivindicaram uma verificação nos reclamos dos judeus e requereram maiores instruções (Esdras 5.17)" (Raymond A. Bowman, *in loc.*).

5.1

Ora, os profetas Ageu e Zacarias. Deus estava com Judá. A providência divina estava em operação. Este é um mundo teísta. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Teísmo*. O cronista estava fornecendo evidências de sua filosofia da história, ou seja, Deus guia o curso das atividades humanas. Ver os parágrafos 4-7 dos comentários de introdução a I Crônicas, justamente antes da exposição sobre I Crônicas 1.1, quanto aos cinco princípios normativos dessa filosofia. Os livros do cronista (I e II Crônicas, Esdras e Neemias) formam, distintamente, uma coletânea literária. Esses livros apresentam uma *história idealista*, e não uma história meramente informativa. Embora a oposição tivesse conseguido interromper os esforços de construção, Judá recebeu o poder e a autoridade política para reiniciar seus labores. O templo e as muralhas de Jerusalém precisavam ser reconstruídos. Esse era o plano divino. Judá precisava ser restaurado. O plano divino continuava em operação.

"O trabalho no templo tinha sido interrompido (Esdras 4.1-5,24) de 535 a 520 A. C. Agora, porém, sob a influência de dois profetas importantes, Ageu e Zacarias, as atividades de construção foram reiniciadas. A prédica desses dois profetas está registrada nos livros bíblicos de Ageu e Zacarias. Ageu profetizou de agosto a dezembro de 520 A. C. Zacarias profetizou por dois anos, começando em outubro/novembro de 520 A. C. Eles ajudaram exortando e encorajando (cf. Esdras 6.14 e ver Ageu 1.1 e 2.4 e Zacarias 4.7-9)" (John A. Martin, *in loc.*). Quanto a detalhes, ver meus artigos sobre esses dois homens no *Dicionário*.

O Deus de Israel. Elohim, Deus de Israel e de Judá, e, após o cisma, das duas nações, a do norte e a do sul, era também o *Poder* (El) por trás do *Novo Israel*, que foi formado pelo minúsculo fragmento da tribo de Judá que retornou a Jerusalém, após o fim do cativeiro babilônico. Esse título, Deus de Israel, é encontrado várias outras vezes no livro de Esdras, sobretudo nas seções redigidas em aramaico (ver Esdras 6.14; 7.15; I Crônicas 5.26). O título divino favorito do cronista, entretanto, era Yahweh-Elohim (ver I Crônicas 15.12,14; 16.4,36).

"Agora ocorria a *intervenção* dos dois profetas, Ageu e Zacarias, cujos escritos e predições deveriam ser lidos neste ponto. Eles revelam um estado de apatia que Esdras não mencionou de forma alguma. As coisas tinham chegado a um

ponto em que o desígnio da providência poderia ter sido distorcido. Portanto, houve um retorno abrupto do espírito da profecia, para despertar as coisas de novo" (Ellicott, *in loc.*).

"Durante quinze anos, a obra de construção foi totalmente suspensa. Aqueles dois profetas censuraram o povo com severas reprimendas por sua preguiça, negligência e egoísmo mundano (Ageu 1.4), e ameaçaram-no com severos julgamentos se eles continuassem negligentes, mas prometeram que eles seriam abençoados com grande prosperidade nacional se reiniciassem e completassem a obra com alacridade e vigor" (Jamieson, *in loc.*).

5.2

Então se dispuseram Zorobabel... e Jesua. Devemos entender aqui que as palavras "começaram a edificar" significam *reiniciar* o trabalho que havia sido interrompido por quinze anos. Ou então devemos entender que aquilo que tinha sido edificado, a saber, os alicerces, havia sido destruído, e assim, em um sentido absoluto, Zorobabel começou a trabalhar de novo. Os profetas (discutidos nas notas sobre o primeiro versículo) deram seu apoio moral, inspirando os esforços com as ameaças e promessas de Yahweh colhidas dos livros de Ageu e Zacarias, que o cronista não mencionou aqui nominalmente. Naquela ocasião, Jesua, o sumo sacerdote, era o principal supervisor da obra, e os levitas eram subcapatazes. Cf. Esdras 2.2 e 3.2 quanto aos trabalhadores principais (os supervisores) do projeto.

"Eles tinham lançado os alicerces, e talvez os tivessem levado avante até certo grau, antes de serem forçados a parar o trabalho (Esdras 2.10)" (John Gill, *in loc.*).

5.3

Nesse tempo, veio a eles Tatenai... e **Setar-Bozenai.** *Oposição Novamente.* A autoridade do projeto foi questionada, e essa autoridade tinha de provir do rei da Pérsia, que era o senhor daquela parte do mundo, na época. Ver no *Dicionário* acerca de *Tatenai.* Ele era o sátrapa (governador da província) da época, ou era o delegado do sátrapa. A palavra persa é *Pechah.* O outro homem, *Setar-Bozenai* (ver sobre ele no *Dicionário*), parece ter sido secretário de Tatenai, tal como Sinsai era secretário de Reum (ver Esdras 4.17). Judá era meramente parte da satrapia da Babilônia-Transeufrates, e tinha delegados nomeados para governá-la. O que encontramos aqui fazia parte de uma campanha geral para por fim às construções em Judá. Pelo menos isso é o que Josefo disse (Ant. XI.4.4), e esse mesmo general e historiador judeu também afirmou que os samaritanos estavam por trás de todo o movimento de entrave, influenciando por meio de subornos.

Governador. Esse era um termo elástico, algumas vezes referindo-se ao sátrapa de uma província inteira, de outras vezes referindo-se ao seu delegado. É provável que Tatenai fosse um subgovernador, um delegado do sátrapa geral. Seu nome foi encontrado em tabletes escritos em escrita cuneiforme.

Daquém do Eufrates. Algumas versões portuguesas tomam a liberdade de traduzir oeste em lugar de "daquém". De fato, estamos tratando aqui com áreas a oeste e ao sul da Babilônia. Quanto à expressão, ver também em Esdras 4.10 e 11.

Ver Esdras 4.1-5 quanto a esforços anteriores para parar a obra. "Os líderes de Israel entraram em conflito direto com as autoridades locais devidamente estabelecidas, que eram responsáveis diante da coroa persa. Em um registro babilônico datado de 502 A. C., foi achado o nome Tatenai e seu ofício como governador da região transeufrateana" (John A. Martin, *in loc.*). As autoridades locais temiam que o projeto do templo pudesse transformar-se em uma revolta popular.

5.4

Perguntaram-lhes mais. A narrativa torna-se mais compreensível se considerarmos aqui a *terceira pessoa,* concordando com o terceiro versículo, visto que eram os oficiais persas que estavam falando, e não os "judeus". O livro de I Esdras diz-nos que os judeus foram compelidos a fornecer uma lista dos supervisores, e que essa informação seria noticiada ao rei. A Septuaginta tem aqui a terceira pessoa, como uma correção do hebraico desajeitado. Cf. o vs. 11. A versão siríaca, entretanto, preserva o desajeitado "nós". A versão portuguesa acompanha aqui a Septuaginta.

5.5

Porém os olhos de Deus estavam sobre os anciãos dos judeus. *Uma vigilância providencial* era o trunfo dos judeus para que eles continuassem edificando, a despeito do assédio de seus inimigos, até que um novo decreto decidisse se a construção continuaria legalmente. Cf. Salmos 33.18,19; 34.15,16. A questão seria submetida ao julgamento de Dario. Os oficiais em Jerusalém não poderiam parar a obra até que o rei desse uma resposta oficial ao relatório que eles estavam preparando. Ver os vss. 6 ss. quanto ao relatório e a inquinção enviada ao rei. A *resposta* de Dario é dada em Esdras 6.6-12.

Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus.* Cf. a afirmação similar "a boa mão do Senhor, seu Deus, que estava sobre ele" (Esdras 7.6,9,28; 8.18,22,31; Neemias 2.8,18). O trabalho de construção era de Deus. Ele proveria todas as condições, o dinheiro e as forças para seu cumprimento apropriado. Oh, Senhor! Concede-nos tal graça! Cf. II Crônicas 16.9 e Zacarias 2.9 e 4.10.

O que for escuro em mim, ilumina,
O que for vil, eleva e sustenta

Para que eu me possa valer da Providência Eterna.

(John Milton)

5.6

Eis a cópia da carta que Tatenai. *Uma carta oficial* foi enviada por Tatenai, provavelmente escrita (reduzida) por seu secretário Setar-Bozenai, com a aprovação e o conhecimento de todos os afarsaquitas, isto é, governadores ou subgovernadores enviados pelo rei. A questão foi levada à atenção de todos os homens importantes de toda a província "além do rio", isto é, da parte oeste e sul do rio Eufrates. Cf. Esdras 4.10,11 e 5.3, sendo comum o cronista referir-se assim à província da qual Judá fazia parte. Talvez os afarsaquitas não fossem governadores, e, sim, investigadores, conforme pensam alguns eruditos. Nesse caso, deveriam ser identificados com os *frasaka* persas (fiscais, investigadores). A versão etíope diz aqui *nawatir,* "observadores", que tem um sentido semelhante. Cf. Esdras 4.9, onde algo similar é dito e onde foram dadas notas adicionais. Note-se, porém, que ali temos a palavra *arquevitas,* e não *afarsaquitas.*

5.7

Na qual lhe deram uma relação escrita. A introdução à carta é semelhante à que fora enviada previamente. Cf. Esdras 4.17. Cf. também I Esdras 6.8, que é idêntico, mas adiciona as palavras "em todas as coisas". A paz deveria governar todas as coisas. A força dessas palavras assemelha-se a "saudações de todo o coração" ou "efusivas saudações", o que é comum nas cartas escritas em grego, quando se emprega a palavra *xairein.* Muitas saudações em aramaico incluíam *deuses,* mencionados por nome ou genericamente, com o intuito de atrair as bênçãos divinas sobre o remetente ou sobre o destinatário da carta.

5.8

Seja notório ao rei que nós fomos à província de Judá. O trabalho havia progredido bastante, conforme aprendemos neste versículo. Muito mais do que os alicerces tinham sido levantados. As paredes já estavam em boa altura e os operários eram inspirados e diligentes. *Em breve* o templo estaria terminado, se houvesse permissão de continuar. Isso poderia ser o começo de uma revolta popular, de maneira que o rei precisava saber o que estava acontecendo, para que pudesse interromper o trabalho de construção imediatamente, se assim lhe aprouvesse. Cf. Esdras 6.4 e I Reis 6.36.

Província de Judá. Essa província era uma subdivisão da satrapia da Babilônia e da Transeufrates. Provavelmente era uma subdivisão administrativa, com oficiais permanentes e residentes para olharem as coisas. Mas Tatenai estava estacionado em Damasco.

Casa do grande Deus. Uma referência óbvia a Yahweh-Elohim. Talvez esse título fosse demais para ser esperado de um oficial persa, e pode representar um colorido do cronista. Alguns intérpretes, entretanto, vêem nessas palavras um tributo solene (mas pagão) a Yahweh. No Oriente Próximo e Médio, havia uma forte crença em "divindades locais, e cada qual era respeitada em seu local, embora não necessariamente em outros. Os persas, mui provavelmente, pagavam tributo a Yahweh nesse sentido, não em um sentido universal. O trecho paralelo, de I Esdras 6.9, relaciona o adjetivo "grande" com *casa,* e não com *Deus.*

5.9

Quem vos deu ordem para reedificardes esta casa e restaurardes este muro? "Com qual autoridade estais construindo este templo?", perguntou o oficial persa. Coisa alguma como aquilo poderia ser feita sem a permissão do rei. A resposta foi (vs. 13) que Ciro se tinha pronunciado em favor das construções. Se não fosse por isso, os oficiais persas provavelmente teriam feito parar a obra, sem ao menos consultar o "quartel-general". Naturalmente, a verdadeira autoridade dos judeus era Elohim (vs. 11), que também tinha ordenado a construção do templo anterior, o de Salomão (o grande rei). Mas isso não teria sido razão suficiente para permitir que a edificação continuasse.

Cf. o versículo terceiro, incidente esse que Tatenai relatou em sua carta.

5.10

Demais disto, lhes perguntamos também pelos seus nomes. Este versículo reflete o quarto versículo deste capítulo. Uma *lista dos nomes* dos líderes judeus foi requerida. O rei investigaria cada nome, se assim preferisse fazer, para ver se eram do tipo rebelado. Se nada encontrasse contra eles, isso ajudaria a causa dos judeus. Além disso, se alguma coisa de ruim resultasse das investigações sobre a construção (do ponto de vista persa), então o rei saberia a quem responsabilizar.

5.11

Resposta dos Judeus Elementos:

1. Os *edificadores* eram servos do Deus Altíssimo, de fato, o Deus dos céus e da terra, a Autoridade Final. Ele tinha ordenado a edificação do templo anterior, que os líderes acreditavam estar sendo construído de novo por eles. Note o leitor como o templo de Salomão é concebido não como se estivesse sendo substituído, mas novamente construído, através do segundo templo. O segundo templo, pois, foi visto como o templo de Salomão que estava sendo restaurado, e não substituído. Essa atitude procedeu da noção de judeus piedosos de que algo tão grandioso como o templo de Deus não podia, realmente, ser destruído. Havia apenas a necessidade de reparos, um pouco de autoludíbrio piedoso.
2. Daí originou-se um argumento. O grande projeto de ontem estava sendo continuado agora, e pela ordem do mesmo Deus dos céus e da terra. Naturalmente, o templo de Herodes, nos dias de Jesus, também foi pensado como um *refazer* do segundo templo, ou seja, na realidade, o templo de Salomão em evolução. A mente religiosa pode usar de fantasia para alterar os fatos. Seja como for, o propósito dos três templos era o mesmo, embora eles fossem, de fato, edifícios distintos.
   "Uma revisão histórica a longo prazo foi um artifício favorito dos escritores judeus (cf. Neemias 9.6-37)" (Raymond A. Bowman, *in loc.*).

Um grande rei de Israel. Ou seja, Salomão, cujo templo estava sendo "reconstruído". Uma de minhas fontes informativas usa constantemente o termo "reconstruído", embora "substituição" fosse o fato real.

5.12

3. O julgamento do Deus de Israel sobre Seu povo desviado havia causado a destruição do templo e a deportação para a Babilônia, por intermédio do rei Nabucodonosor. E tinha havido uma deportação, a saber, o cativeiro babilônico. Mas a obediência renovada anulara esse castigo, e os construtores eram os homens *bons* da renovação. Eles estavam cooperando com o plano divino, o qual precisava ser respeitado. Estavam refazendo o que originalmente era bom, e agora era bom novamente. O curso da história, divinamente guiado, era um argumento em favor da continuação da obra. Cf. Jeremias 7.17-20; 11.1-12.
4. Fazia parte da teologia judaica a idéia de que Yahweh usava *potências estrangeiras* para castigar Seu povo (ver Esdras 1.2; Juízes 2.13-15; 4.1,2; 6.1). Portanto, o que estava sendo feito tinha origem divina, mas também era uma restauração. Os judeus agora eram instrumentos de Deus, restaurando o que havia sido destruído, e isso precisava ser respeitado. A causa deles era *divina* e, por conseguinte, *justa*. Cf. a promessa ameaçadora contida em Deuteronômio 28. Ver como Nabucodonosor fora chamado de "meu servo" por Yahweh (Jeremias 25.9; 27.6 e 43.10). Yahweh não fora derrotado no cativeiro babilônico. Ele estava apenas cumprindo um plano. E a reconstrução fazia parte desse plano.

5.13

5. O *decreto de Ciro* foi o único argumento que provavelmente impressionou os persas. Ver Esdras 1.1 ss. Os delegados do rei persa tiveram de lidar cuidadosamente com isso, para que não se tornassem culpados de alguma espécie de negligência, ou mesmo de traição.

Rei de Babilônia. Não que Ciro fosse um babilônio, mas porque ele tinha tomado a Babilônia. Daí a alteração ocorrida na versão siríaca (*peshitta*) para "rei da Pérsia" foi algo desnecessário.

5.14

6. *Ciro* estivera tão ativamente interessado na restauração do templo de Jerusalém que chegou a devolver os vasos do templo de Salomão que os babilônios haviam tomado. Assim sendo, ele quis ajudar a preservar o caráter histórico do edifício. Este versículo repete informações que tinham sido outorgadas elaboradamente pelo cronista em Esdras 1.7-11. Se o rei estivera tão empenhado na construção do novo templo, seus delegados não podiam contradizer isso, a menos que obtivessem uma nova ordem da parte do novo rei.

5.15

7. Ciro baixara *ordens específicas* para que o templo fosse construído. Ninguém podia contradizer essa ordem, a menos que o novo rei desse ordens específicas para que o trabalho de construção fosse interrompido. O cronista havia descrito elaboradamente as ordens de Ciro, no trecho de Esdras 1.2-4.

Note o leitor a expressão desajeitada. A primeira parte do versículo fala *como se* o templo já estivesse de pé, esperando pela devolução dos vasos. A outra metade do versículo permite a construção do edifício, porquanto nenhum estava de pé. Mas as palavras, na primeira metade, são *antecipatórias*. Alguns intérpretes relacionam a primeira metade ao *palácio*, e não ao templo, mas isso é uma medida desnecessária e um refinamento não-histórico.

5.16

8. Em obediência à vontade de Yahweh e em cumprimento ao decreto de Ciro, *Sesbazar* foi a Jerusalém e lançou os alicerces do segundo templo. Sem dúvida alguma, o cronista pretendeu identificar Sesbazar com Zorobabel, mas alguns eruditos insistem em que ele foi um construtor anterior, e que o edifício levantado por Zorobabel foi uma segunda tentativa. Ver no *Dicionário* o que se sabe sobre *Sesbazar*, e ver também as notas expositivas em Esdras 3.8-10. "A memória persistente de uma tentativa anterior de construção do templo embaraçava as gerações posteriores, que não podiam explicar o fracasso em tão santa missão, e também confundiu historiadores posteriores, que tentaram registrar a história do templo. Os atos de Sesbazar foram considerados como de pouca monta, e houve a tentativa para identificar o homem com Zorobabel" (Raymond A. Bowman, *in loc.*). Esse autor supõe que o segundo templo tenha sido reiniciado dezoito nos mais tarde, quando vestígios do esforço original não eram mais discerníveis. Ele também criticou aqueles eruditos que insistiam em continuar o erro histórico de identificar Sesbazar com Zorobabel, e seu desejo de esquecer a tentativa original, que foi crua e abortiva.

5.17

Agora, pois, se parece bem ao rei, que se busque nos arquivos. Este versículo registra *comentários adicionais* postos na carta escrita por Tatenai. Ele tinha recomendado uma investigação quanto às reivindicações dos judeus. O homem não sabia se tinha havido ou não tal decreto da parte de Ciro, mas confiava que evidências poderiam ser encontradas na Babilônia, se, porventura, ele tivesse mesmo sido expedido. A arqueologia não descobriu ainda os *arquivos reais* na Babilônia, mas todas as descobertas são apenas parciais. Tais arquivos foram encontrados em Persépolis. Ali foram achados documentos depositados em várias salas. Cerca de oitocentos tabletes de argila foram desenterrados em uma sala, e muitos papiros e velinos queimados em outra. Naturalmente, tal material compunha parte do *tesouro* do país, de maneira que se explica o termo aqui usado, *casa do tesouro*, em algumas traduções, que aparece como "arquivos reais" em outras traduções, como é o caso de nossa versão portuguesa. A palavra persa aqui usada é *gunji*, "tesouro". A expressão literal usada neste versículo é "casa de tesouros".

Capítulo Seis

A Resposta de Dario (6.1-12)

O paralelo é o trecho de I Esdras 6.23,24.

Foi feita a investigação apropriada. Na Babilônia nada se descobriu, mas eis que em Ecbátana (Acneta) foi encontrado um rolo que continha o decreto de Ciro. A substância desse decreto acha-se registrada nos vss. 3-5 deste capítulo. Portanto, o pedido de Tatenai para que se fizesse uma investigação (Esdras 5.17) foi frutífero, salvando o dia para os judeus. Ver Esdras 5.6-16 quanto à carta enviada a Dario, para ver se as construções em Jerusalém poderiam continuar. Teria sido o projeto devidamente autorizado, conforme os judeus afirmavam?

6.1

Então o rei Dario deu ordem, e uma busca se fez. A busca pelo decreto de Ciro mereceu outra busca por parte de Dario, para certificar-se de que a pesquisa rendera informações corretas. O nome de Ciro não podia ser desprezado ou desonrado de maneira alguma. Um novo decreto podia anular um antigo decreto, mas fazer isso seria algo muito sério. Portanto, Dario tinha de saber o que estava fazendo, e com o que estava tratando. A busca começou na Babilônia, que Ciro havia conquistado e onde subseqüentemente reinara. Esperava-se encontrar na *câmara do tesouro* (que incluiria obras literárias, registros oficiais etc.) da Babilônia o documento desejado, se realmente tal documento existisse. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Bibliotecas*. Esta é a primeira vez nas Escrituras onde é mencionada uma biblioteca.

6.2

Em Acmeta, na fortaleza que está na província de Média. Coisa alguma foi encontrada na Babilônia, mas um rolo de papiro foi achado em Acmeta ou Ecbátana (ver a respeito no *Dicionário*), que era o objeto da busca: o decreto de Ciro atinente à reedificação do templo de Jerusalém. Ecbatana é a moderna Hamadan, a antiga capital da Média. Tinha um clima moderado e uma atmosfera adequada, usada como retiro de verão para os reis persas. Xenofonte (*Cyropaedia* VIII.6.22) e Estrabão (*Geografia* XI.13.1) dizem-nos que Ciro costumava passar dois meses por ano naquele lugar. O resto do ano, ele passava na Babilônia. Devemos entender aqui um "rolo" (conforme lemos em nossa versão portuguesa), e não um pergaminho. Era um monólogo, um documento simples, e não um pergaminho elaborado. "... o registro, provavelmente, era uma folha única de pergaminho ou de papiro" (Raymond A. Bowman, *in loc.*).

"É provável que o rolo original tenha sido destruído na Babilônia por Esmerdia, mas foi encontrada uma cópia em Ecbatana, provavelmente escrita em caldaico" (Ellicott, *in loc.*).

Na província de Média. Quanto a completas informações sobre essa província, ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Média (Medos).*

6.3

O rei Ciro, no seu primeiro ano, baixou o seguinte decreto. O trecho de Esdras 6.3-5 é paralelo ao trecho de Esdras 1.1 ss. e 5.13-15. Ver também I Esdras 2.3-7 e II Crônicas 36.22,23. As várias versões do decreto são suplementares, e talvez o próprio decreto tenha circulado sob várias formas, mais longas ou mais curtas. A versão que aparece em Esdras 1.2-4 está escrita em hebraico, mas a versão de Esdras 6.3-5 foi redigida em aramaico. Os eruditos usualmente favorecem a forma aramaica como a que representa melhor o que Ciro realmente escreveu. Seja como for, não há nenhuma diferença fundamental entre essas versões do decreto. Também é provável que o decreto tenha circulado sob formas orais e escritas, e isso teria contribuído para as diferenças. A versão aqui não somente decretava a edificação do segundo templo, mas também especificava suas dimensões básicas. As cifras dadas são vagas, porquanto se aquilo que foi dito é literal, então teríamos uma edificação distorcida, tão alta quanto longa (o comprimento maior de um retângulo). Alguns eruditos desperdiçam o seu tempo tentando recaptar "o que essas palavras quereriam dizer". O segundo templo de Salomão tinha vinte côvados de largura, mas trinta côvados de altura; portanto, como poderiam corresponder as dimensões de sessenta côvados por sessenta côvados? Bowman (*in loc.*) dá-nos uma explicação provável. Os sessenta côvados de altura realmente seriam o comprimento maior de um retângulo. Então os sessenta côvados anteriores teriam de ser vinte côvados, a largura de um retângulo. Nesse caso, *nenhuma altura* teria sido dada, conforme essa versão corrigida. Alguns eruditos conservadores que não podem permitir (mediante um bloqueio mental) que nenhum versículo das Escrituras contenha um erro, insistem em que o edifício teria 90 pés de altura! (27,45 m). Mas isso é um absurdo óbvio. Contudo, cf. I Reis 6.2 e II Crônicas 3.3. A versão etíope ou *peshitta* corrige o texto.

Três carreiras de grandes pedras. A palavra acádica para "carreiras" é *nadback*, conforme tem sido confirmado pelas descobertas arqueológicas. Um tablete do tempo de Nabucodonosor retrata um trabalho de tijolos deitados formando uma carreira. Essas três carreiras de pedras eram de mármore, conforme Jarchi afirma. Então uma carreira de madeira de cedro estava deitada sobre as carreiras de pedra. Cf. I Reis 6.36.

Uma de madeira nova. Parece melhor interpretar isso como uma carreira de madeira, conforme é citado em dois manuscritos hebraicos e em dois manuscritos da Septuaginta. Ver I Reis 7.12. As especificações, ao que tudo indica, diziam respeito às paredes do átrio do templo, e não do templo propriamente dito, que não tinha *ligaduras de madeira* (cf. Esdras 5.8).

Ciro havia ordenado que se cortasse madeira no Líbano, que essa madeira fosse transportada até Jope, e que nele pagaria as despesas. Vários outros grupos contribuiriam com outros materiais, incluindo os próprios judeus.

6.4

A despesa se fará da casa do rei. O empenho de Ciro quanto à construção da casa de Deus, em Jerusalém, era tanto que ele se comprometeu em pagar os custos. Isso obrigava Dario a fazer agora esforços similares, conforme se vê no resto do seu decreto (especialmente vss. 8 e 9).

6.5

Demais disto, os utensílios de ouro, e de prata, da casa de Deus. Cf. este versículo com Esdras 1.7-11 onde são dadas amplas anotações. Ver também Esdras 5.14,15. "A contaminação desses vasos, por Belsazar (ver Daniel 5.2,3), foi assim expiada. Cada palavra, incluindo a 'casa de Deus', duplamente repetida, é enfática" (Ellicott, *in loc.*). Jeremias havia previsto essa restauração (Jeremias 27.21,22).

6.6

Agora, pois, Tatenai... retirai-vos para longe dali. Os vários oficiais persas "dalém do rio" (isto é, da província persa da qual Judá fazia parte) teriam de manter-se cuidadosamente distância, longe de impedir as construções em Jerusalém, em vista do documento de autorização que fora encontrado; e era o rei Dario que dava ordens. Quanto a completas explicações sobre a expressão "além do rio", ver Esdras 4.12,16,17. O texto muda abruptamente e, de súbito, nos dá o decreto de Dario, sem nenhuma declaração introdutória. Talvez o cronista tenha simplificado a questão, deixando de lado a introdução, que deve ter sido similar à de Esdras 1.2, que apresenta o decreto de Ciro.

Quanto aos *oficiais* listados, ver as notas expositivas em Esdras 5.6.

Retirai-vos. Isto é, não façais mais oposição à obra de construção; bem pelo contrário, ajudai no que for possível (vs. 8 deste capítulo).

6.7

Não interrompais a obra desta casa de Deus. *Novamente a ordem foi repetida*, mediante palavras diferentes, para que a obra de construção em Jerusalém não fosse interrompida, e para que o governador (Zorobabel) tivesse livre curso para fazer o que deveria ser feito. Foi assim que a providência de Deus (ver a respeito no *Dicionário*) estava em operação, provendo ao cronista a sua filosofia da história, isto é, as coisas são controladas teisticamente no mundo. Ver os parágrafos quarto a sétimo da introdução a II Crônicas, imediatamente antes da exposição de 1.1, quanto aos *cinco princípios* das operações teístas.

Casa de Deus. No original hebraico, "casa de Elohim". Yahweh-Adonai-Elohim era o Deus dos judeus. Os antigos, naquela região do mundo, acreditavam em um poder real e legítimo dos "deuses locais", assim Yahweh-Elohim era respeitado por eles, e talvez até houvesse sido recebido em seu panteão geral. Seja como for, o projeto de construções em Jerusalém foi reconhecido como divinamente inspirado, mesmo que não tenha sido o principal deus dos persas que tenha ordenado a questão. I Esdras 6.27 expande a simples menção ao governador de Judá para "Zorobabel, o servo de Yahweh".

6.8

Também por mim se decreta o que haveis de fazer a estes anciãos dos judeus. O fato de que Dario daria dinheiro do tesouro real da Pérsia para ajudar no projeto dos judeus foi realmente uma maravilha, outra prova da ativa providência de Deus na questão. Naturalmente, o total a ser gasto era minúsculo em comparação com os vastos recursos do império persa, mas *o pouco de Dario era muito para Zorobabel.* I Esdras 6.27,28 diz "trabalhai juntamente com os anciãos dos judeus". Certamente, excetuando o dinheiro, isso não teria sido permitido pelos judeus. Nenhum pagão podia realmente trabalhar no projeto, porque isso o tornaria *imundo* (ver Esdras 4.2,3). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Limpo e Imundo.*

O *dinheiro específico* a ser usado no projeto era dinheiro de tributo cobrado naquela parte do império, "além do rio" (ver o vs. 6 e as referências dadas ali). Ageu 2.3 e Zacarias 4.7-10 não mencionam esse dinheiro, e alguns críticos, por isso mesmo, pensam que esta parte do suposto decreto de Dario não é autêntica. Mas esses dois profetas não escreveram tudo quanto sabiam. Como é claro, o dinheiro necessário para o projeto de construção seria apenas uma pequena parte do tributo total da área. "O decreto garantiu aos judeus o privilégio de extrair dinheiro do tesouro provincial de Dario na Síria, na quantia que eles quisessem para fomento da obra" (Jamieson, *in loc.*).

6.9

Também se lhes dê, dia após dia. *Provisões para os Sacrifícios.* Dario estava bem consciente de que o elaborado sistema sacrificial (que requeria o abate de animais pela manhã e à tarde, diariamente) era caro de manter. Ele estava ansioso por agradar ao Deus deles, o Deus dos céus. Portanto, Dario também ordenou que do tesouro real, alimentado pelos tributos, se pagassem os animais necessários, mencionados no versículo anterior. O império persa tinha chegado onde estava (senhor daquela parte do mundo) mediante a "ajuda divina", um padrão de crença dos povos antigos. Ter a ajuda de Yahweh-Elohim era algo desejável. Portanto, a norma política era "agradar ao maior número possível de deuses". Essa filosofia, provavelmente, estava por trás da generosidade de Dario acerca das provisões para os sacrifícios. Yahweh ficaria satisfeito com o que visse e mostrar-se-ia favorável para com a Pérsia. Quanto aos sacrifícios aqui mencionados, ver Êxodo 29.38-41.

Deus dos céus. Cf. o "Senhor Deus dos céus" de Esdras 1.2 (do decreto de Ciro), e ver as notas expositivas ali, sobre como um pagão podia usar tais termos para indicar o Deus de Israel. Dou as notas principais em II Crônicas 36.23.

Ver sobre os holocaustos em Levítico 4.14, sobre as ofertas de manjares ou de cereais em Levítico 2.1-16; sobre as libações em Levítico 23.13. Sobre as oferendas de aroma agradável, ver Êxodo 29.18-25; Levítico 1.9,13,17. Quanto ao sal e ao azeite, ver Levítico 2.1,2,7,13.

6.10

Para que ofereçam sacrifícios de aroma agradável. *Dario esperava um retorno* de seu investimento. Elohim (o Deus dos céus, ver o vs. 9) haveria de favorecer ao rei e aos seus filhos, por causa de sua generosidade para com os judeus. Os servos de Yahweh "orariam" pela segurança do rei, pelo seu sucesso e pela sua *longa vida*. Por uma quantia relativamente pequena, o rei da Pérsia colheria grandes benefícios, materiais e espirituais. O rei sabia sobre a anterior glória de Judá, e sabia que Yahweh estava por trás dos acontecimentos. Ele também queria ter essa forma de proteção divina.

Dario tinha grande veneração pelo "clero", homens de ordens sagradas, conforme sabemos pela história acerca de seu tratamento conferido aos magos persas, os ministros das coisas sagradas (Diodoro Siculo, 1.1, par. 85). Portanto, ele esperava que o clero judaico também lhe seria de ajuda prestimosa.

6.11

Também por mim se decreta que. Um severo e *sui generis* castigo foi ameaçado contra qualquer um que violasse ou ignorasse esses decretos do rei. Alguma grande trave seria tirada de sua casa, e o pobre indivíduo seria nela empalado. Então sua casa seria reduzida a escombros e então os escombros seriam lançados em um monturo! "A punição pela interferência seria a empalação, acerca da qual ver Ester 2.23 e 9.14" (*Oxford Annotated Bible*, comentando quanto a este versículo). Ver também Heródoto (*História* III.159). Fazer uma casa ser transformada em monturo era a desgraça e a vergonha final. Ver II Reis 10.27 e Daniel 2.5. Os assírios usavam a pena da empalação somente contra os crimes mais hediondos. A madeira afiada penetrava o corpo justamente por baixo das costelas, ou entre as pernas! Meus amigos, ninguém desobedeceria à ordem de Dario. Estremecemos ante a desumanidade dos homens contra os homens, a desumanidade dos criminosos contra suas vítimas inocentes, e a dos oficiais contra os criminosos. Onde terminará tudo isso? Os persas continuaram essa forma de punição. Alguns intérpretes pensam que aqui está em pauta a execução por enforcamento, e outros falam em alguma forma de crucificação, mas a história favorece a empalação.

6.12

O Deus, pois, que fez habitar ali o seu nome. Temos nessas palavras uma típica expressão hebraica, o que pode ter sido devido ao colorido dado pelo cronista. (Ver Deuteronômio 12.11; 14.23; 16.2,6,11 e 26.2.) Talvez alguns judeus tenham sido consultados sobre como formular certas porções do decreto. Nesse caso, teriam adicionado algo como se encontra aqui. Cf. Esdras 5.6-10 e as notas expositivas que aparecem ali.

Dario assinou oficialmente e selou o decreto. Dessa forma, os esforços de Tatenai foram um tiro pela culatra. Em lugar de enfraquecer os judeus, eles terminaram fortalecidos. Isso deve ter sido consternador, realmente, para os inimigos dos judeus! Dario, que temporariamente havia interrompido o trabalho de construção, por instância de oponentes (Esdras 4.23), mudou seu parecer e o curso de seus atos, uma vez que encontrou o decreto de Ciro. A providência divina continuava operando. Judá seria reintegrado à sua Terra Prometida. Muito da história futura dependia disso, incluindo o ministério terreno de Jesus, o Cristo, e a carreira da Igreja cristã.

A Maldição de Elohim. Além de ameaçar infligir seu próprio horrendo castigo, Dario também invocou Elohim, o Deus dos judeus, para que julgasse severamente os ofensores, seus amigos e familiares. A maldição foi proferida contra qualquer pessoa, qualquer rei e qualquer oficial que ousasse agir contra o decreto. Provavelmente esse decreto também falava contra qualquer "futuro rei ou povo" que tentasse reverter o que estava sendo feito em Jerusalém, através do projeto de construções de Zorobabel.

6.13

Então Tatenai... Setar-Bozenai, e os seus companheiros. O grupo inteiro de delegados do rei, Tatenai, seu secretário e seus inspetores (ver Esdras 5.6 e 6.6) cumpriram a ordem do rei prontamente. Ninguém estava ansioso por sofrer a empalação. Josefo fala aqui sobre a consternação dos oficiais subornados e sua relutância em agir, mas podemos estar certos de que eles não hesitaram por muito tempo. Quanto a Tatenai, ele cumpriu as ordens reais prontamente e com diligência. Cf. Esdras 5.8; 6.12 e 7.21,23. Vamos dar a esse o homem o devido crédito!

6.14

Os anciãos dos judeus iam edificando e prosperando. Os *anciãos* dos judeus (principais líderes, Zorobabel, o sumo sacerdote e os cabeças de clãs) tomaram vantagem da situação revertida e passaram a trabalhar com diligência, encorajados pelas exortações de Ageu e Zacarias. Eles tinham dois decretos reais ao lado deles: o decreto de Ciro (Esdras 1.1 ss.) e o de Dario (Esdras 6.6 ss.). O presente versículo reflete o trecho de Esdras 5.1,2. As mesmas palavras aramaicas foram usadas para indicar o mandamento de Deus e o decreto do rei. O templo foi terminado durante o governo de Dario I (vs. 15). *Artaxerxes* nada teve que ver com a construção do templo. Talvez seu nome devesse participar da narrativa, entretanto, visto que ele decretou a construção das muralhas de Jerusalém (ver Neemias 2.1) Ele também ajudou a prover para os sacrifícios no templo (ver Esdras 7.12-17). Portanto, Artaxerxes teve uma participação nos acontecimentos, mas não, especificamente, na construção do templo de Jerusalém. Conforme alguns intérpretes sugerem, persistiu uma antiga tradição de que esse rei teve alguma participação no templo construído em seu tempo. Mas isso não passa de uma conjectura. Alguns eruditos culpam um escriba subsequente por haver adicionado o nome de Artaxerxes ao texto sagrado, mas não há nenhuma evidência textual dessa adição.

6.15

Acabou-se esta casa no dia terceiro do mês de adar. Portanto, passaram-se cerca de quatro anos e meio entre o início (21 de setembro de 520 A. C.; cf. Ageu 1.14,15) e o término do templo. O mês foi adar (fevereiro-março), o último dos meses babilônicos. O terceiro dia foi 12 de março de 515 A. C. Mas I Esdras 7.5 diz *vigésimo terceiro dia*, o que é menos provável. O *terceiro dia* foi um sábado, de modo que nenhum trabalho podia ser feito no templo. O dia vinte e três foi uma sexta-feira. Portanto, o povo descansou, de conformidade com a lei (vs. 16), e, ademais, houve um grande dia feriado e base para uma notável celebração.

"O templo foi completado no mês de adar (fevereiro-março) de 515 A. C., vinte e um anos depois que a obra tinha começado (536 A. C.), e quatro e meio anos depois que Ageu começou a profetizar. Isso aconteceu setenta anos e meio depois que o templo de Jerusalém foi destruído, a 12 de agosto de 586 A. C." (John A. Martin, *in loc.*, em uma iluminadora nota expositiva).

A data do término do templo foi assim registrada com grande cuidado. O segundo templo tomou o lugar do templo de Salomão, e os devastadores eventos do cativeiro babilônico foram revertidos, até onde as circunstâncias assim o permitiram. O Novo Israel tinha agora o seu Novo Templo.

A Dedicação do Templo (6.16-21)

6.16,17

Os filhos de Israel. *A Dedicação.* Típicos das dedicações entre os hebreus eram grande número de sacrifícios e farto banquete com as porções permitidas ao povo e aos sacerdotes. O sangue e a gordura eram oferecidos a Yahweh como Suas porções. Ele era o convidado invisível da festa. Ver sobre as leis a respeito do sangue e da gordura em Levítico 3.17. Quanto às *oito* porções que cabiam aos sacerdotes, ver Levítico 6.25; 7.11-24; Números 18.8; Deuteronômio 12.17,18. Quanto à dedicação do primeiro templo, o templo de Salomão, cf. o capítulo oitavo de I Reis. Os celebrantes foram as três seções de Israel (o povo em geral, os sacerdotes e os levitas). O mestre de cerimônias foi Yahweh, embora invisível. A dedicação foi do templo, mas a pessoa honrada foi o Eterno (Yahweh), o Poder (Elohim). Embora Judá fosse a única tribo remanescente (Benjamim havia sido essencialmente incorporada nessa tribo), foi um Novo Israel legítimo que celebrou a inauguração do novo templo.

O Número dos Animais. Cem novilhos, duzentos carneiros, quatrocentos cordeiros e doze bodes, representando as doze tribos, embora nunca mais essas tribos fossem vistas, e naquele momento só existissem *in memoriam*. Naturalmente, havia um pouco de cada tribo, e os samaritanos eram o resultado de casamentos mistos dos poucos habitantes das tribos do norte com os pagãos importados. Mas essa circunstância dificilmente faria as tribos do norte tornar-se reais. O cativeiro assírio terminara eficazmente o norte (as dez tribos).

Uma comparação com os maciços sacrifícios no tempo da dedicação do primeiro templo mostra a humildade da segunda dedicação. Vinte e dois mil novilhos e cento e vinte mil carneiros e bodes compuseram a primeira dedicação (ver I Reis 8.63). Contudo, não devemos desprezar o dia dos humildes começos.

"Os bodes como *ofertas pelo pecado* mostram que a comunidade de depois do exílio continuava *contemplando* um Israel unificado" (John A. Martin, *in loc.*). Na pessoa dos sacerdotes e dos levitas, o culto sagrado foi restaurado, pelo que a nova comunidade tinha tanto sua autoridade política quanto sua autoridade espiritual.

"No dia da expiação, nas luas novas e em todas as grandes festividades, um bode era a oferta pelo pecado, oferecido em lugar do povo. Mas somente aqui vemos um bode ser oferecido por cada tribo" (Ellicott, *in loc.*).

Todos os sacrifícios eram ocasiões de festejos, e os animais sacrificados proviam o material para esses festejos. O *jubileu nacional* foi a nota-chave da festa da dedicação. O cativeiro babilônico fora revertido.

6.18

Segundo está escrito no livro de Moisés. O *Novo Israel* tinha de agir em concordância com a legislação mosaica, mediada por Davi, o Rei Ideal. O pessoal do templo foi assim renovado. O trecho de I Esdras 7.9 adiciona que agora havia porteiros estacionados em cada porta (cf. I Esdras 1.16). A organização do clero em *divisões e turnos* pode ser traçada até Moisés (ver Esdras 3.2), mas, estritamente falando, as leis do Pentateuco não contêm essas provisões. Talvez esteja em mira a dedicação dos sacerdotes (ver Êxodo 29.1-46; Levítico 8.1-36; Números 3.5-10 e 8.5-14). Foi Davi quem organizou elaboradamente o clero com seus turnos e suas sofisticadas funções (ver I Crônicas 23-26). Um dos motivos do cronista foi exaltar os líderes pós-exílicos, apresentando-os como homens espirituais, que seguiam as instituições autorizadas de Israel, o que contrastava com a apostasia anterior, que levou aos dois cativeiros.

"Os arranjos gerais foram dados no Pentateuco. Os *turnos* pertenceram aos dias de Davi. A restauração dos turnos foi imperfeita, porque não mais existiam representantes dos vinte e quatro turnos dos sacerdotes e dos levitas" (Ellicott, *in loc.*).

6.19

Os que vieram do cativeiro celebraram a páscoa. Aqueles que tinham voltado do cativeiro babilônico foram assim capacitados a guardar a páscoa (ver a respeito no *Dicionário*), o que foi uma promessa de que seriam observadas as festas nacionais. *Três* festividades anuais exigiam a presença de todos os varões de Israel: a páscoa (que incluía os Pães Asmos); o Pentecoste; e os tabernáculos. O artigo geral no *Dicionário*, intitulado *Festas (Festividades) Judaicas*, fornece os detalhes a respeito. O cronista fez questão de informar-nos que a legislação mosaica fora o guia de toda a vida pessoal e nacional.

O *décimo quarto dia* do primeiro mês (nisã, ver Êxodo 12.2,3,6) era o dia apropriado para a celebração da páscoa. Esse era o *ano novo* religioso dos hebreus, visto que, em um sentido real, Israel começou quando a primeira páscoa foi celebrada, diante da anulação da escravidão no Egito, quando Israel saiu livre.

A *páscoa de Zorobabel* foi efetuada a 21 de abril de 515 A. C. O "novo rei" (Zorobabel) estava presente para dirigir a celebração, e os sacerdotes e levitas emprestaram-lhe sua legitimidade espiritual. O templo tinha sido terminado no mês anterior de adar (vs. 15). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Calendário Judaico*.

Neste versículo 19, o *hebraico* torna-se novamente a língua do original. A seção de Esdras 4.8-6.18 foi escrita em aramaico.

6.20

Porque os sacerdotes e levitas se tinham purificado. Nenhuma *impureza cerimonial* foi permitida. Os ministros (sacerdotes e levitas) fizeram as lavagens cerimoniais apropriadas. Ezequias tinha permitido certos lapsos no tocante à páscoa celebrada em seus dias, pois, se ele tivesse insistido quanto a uma propriedade exata, a páscoa de seus dias não seria celebrada. Ver II Crônicas 29.34 e 30.3. Mas não havia razão alguma para "evitar dificuldades" para a páscoa celebrada após a dedicação do segundo templo de Jerusalém. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Limpo e Imundo*.

Os *levitas* abateram os animais para serem consumidos na páscoa, um tema do cronista. (Ver II Crônicas 35.3-6) Mas a ordem, originalmente, era que os cabeças das famílias fariam esse serviço (ver Êxodo 12.6). Então os sacerdotes efetuaram os sacrifícios reais.

Quanto à purificação anterior aos sacrifícios, ver Êxodo 29.4 e Números 8.7. Essa purificação era feita com o uso de água. Os sacerdotes babilônios lavavam-se em um rio antes de entrar em seus santuários.

Devido ao tumulto do cativeiro babilônico, em setenta anos, essa foi a primeira vez em que tal celebração ocorrera.

6.21

Assim comeram a páscoa os filhos de Israel. Além da comunidade regular de Israel, houve aqueles que "se juntaram a eles" e também participaram da páscoa. Provavelmente, eram prosélitos dos gentios, ou meio-judeus, a "massa misturada", e não a "farinha fina" (Israel puro), conforme diziam os rabinos. Menos provavelmente, eram os judeus contaminados, aqueles que tinham permanecido na Babilônia, mas que agora tinham resolvido aliar-se a seus irmãos em Jerusalém. Esses, tendo passado pelas cerimônias de purificação, prepararam-se para participar da festa. "De acordo com a legislação judaica, todos os judeus *limpos* deveriam participar da páscoa sob a pena do ostracismo (ver Números 9.13); os estrangeiros circuncidados também participavam da páscoa, na mesma base que o faziam os judeus (ver Números 9.14). Mas todos os incircuncisos estavam proibidos de participar (Êxodo 12.43-45,48,49)" (Raymond A. Bowman, *in loc.*).

Imundícia. Isto é, qualquer impureza, de acordo com as leis do limpo e do imundo. Em I Esdras 7.13, temos *abominações* (formas de idolatria, ou coisas associadas ao paganismo), mas isso é estreito demais. Cf. Lucas 16.15; Neemias 13.23,24,26. O próprio cativeiro babilônico ocorreu por motivo de contaminações estrangeiras (Esdras 9.13,14). Por conseguinte, isso foi necessariamente incluso na questão. Nenhum homem podia aproximar-se da páscoa se trouxesse consigo restos de paganismo.

6.22

Celebraram a festa dos pães asmos. *Após a páscoa* vinham os sete dias da festa dos pães asmos, a qual, com toda a probabilidade, era anteriormente uma festa distinta, mas que veio a ser associada com a páscoa, de modo que as duas festas tornaram-se, por assim dizer, uma única festa. O mês de nisã, dias 15 a 21, era ocupado com a celebração, quando então havia festividade contínua, regozijo e, provavelmente, danças, um modo de expressar a alegria. Assim como o Israel original celebrou a liberdade da servidão no Egito, através dessa festa, assim pela mesma festa também o Novo Israel celebrou sua libertação do cativeiro babilônico. Essa segunda celebração ocorreu novecentos anos após a primeira. O paganismo, uma vez mais, foi deixado para trás.

Ver sobre *Páscoa* e *Pães Asmos*, no *Dicionário*, quanto a plenos detalhes sobre essas festas que vieram a tornar-se uma só. A *mazzoth*, a semana em que se consumia pão sem fermento, tornou-se o símbolo da completa separação do mal, do serviço prestado a Yahweh, da alegria na liberdade resultante, que livrara de qualquer escravidão física ou espiritual.

Mudando o coração do rei da Assíria. Artaxerxes (ver Esdras 7.1) ter sido chamado assim, foi um deslize inconseqüente da pena, um anacronismo. É verdade, os reis da Pérsia tinham conquistado a Assíria, e assim, nesse sentido, tinham-se tornado reis da Assíria. Josefo (*Antiq.* XI.4.8) corrigiu isso para rei da *Pérsia*. O decreto desfavorável de Artaxerxes (4.21,22) foi revertido (Esdras 7.1-28), e até mesmo os pagãos louvaram a Yahweh através de suas obras.

Capítulo Sete

Reformas de Esdras — O Reinício de Israel (7.1 – 10.44)

A Segunda Leva de Exilados (7.1 – 8.36)

Introdução a Esdras (7.1-10).

Ver o paralelo, em I Esdras 8.1-8.

Os *capítulos 7 a 10* de Esdras descrevem um segundo retorno de exilados da Babilônia. O líder desse segundo retorno foi Esdras, e a data foi 458 A. C. (Esdras 7.7). A ênfase, nos capítulos sétimo e oitavo, recai sobre o caráter de Esdras, o que prepara o palco para os capítulos nono e décimo, onde os muitos pecados da comunidade são expostos e o arrependimento é requerido. Esdras, um homem da lei, aplicava a lei de modo *implacável*.

"*A história de Esdras*. Esta seção pertence, cronologicamente, ao tempo de depois da história de Neemias, capítulos primeiro a sétimo, e continua na narrativa dos capítulos oitavo a décimo de Neemias. Quase cento e vinte anos se tinham passado quando, sob Artaxerxes (404-358 A. C.), Esdras, com autoridade real, levou a Jerusalém outro grupo de judeus, composto das mesmas classes que o grupo anterior. O interesse primário de Esdras era o código da lei (vss. 6,10,14)" (*Oxford Annotated Bible*, na introdução ao sétimo capítulo).

Quanto aos problemas cronológicos do texto, e a reconstituição sugerida, ver sob o título *Perturbações Cronológicas* alguns poucos parágrafos antes da exposição a Esdras 1.1. A maioria dos eruditos concorda que a cronologia foi distorcida, e agora há necessidade de uma reconstituição dos eventos em sua verdadeira ordem cronológica. Mas os métodos para conseguir isso variam. Para exemplificar, alguns colocam os capítulos sétimo a décimo de Esdras depois do trecho de Neemias 9.38-10.39.

"Pelo menos encontramos aqui o herói cujo nome o livro inteiro estampa. Mas, a princípio, é provida somente uma introdução vazada na terceira pessoa, evidentemente escrita muito tempo depois por algum escriba subseqüente, cujos interesses, afinal de contas, eram idênticos aos do cronista. Sua ênfase continua recaindo, tal como nos capítulos quinto a sexto, sobre a aprovação política e o sustento financeiro dado por diferentes reis persas, para a reconstrução do templo de Jerusalém. Mas agora ele enfatiza as qualificações especiais de Esdras para ensinar e reforçar a lei de Moisés" (Charles W. Wilkey, *in loc.*).

A Genealogia de Esdras (7.1-5)

7.1-5

No reinado de Artaxerxes. Ver o artigo com o nome desse rei, no *Dicionário*, quanto a informações completas. Vários reis foram assim chamados. Em

Esdras 7.1, está em foco Artaxerxes I. As palavras iniciais deste versículo, "passadas estas cousas", falam de um considerável período de tempo depois dos eventos descritos acima (cf. II Crônicas 32.1; Ester 2.1 e 3.1.). Um intervalo de cerca de cento e dezessete anos se tinha passado entre o término do templo (Esdras 6.15) e a viagem de Esdras a Judá (Esdras 7.7).

Esdras. Dei detalhadas informações sobre esse homem antes do artigo sobre o livro com esse nome, de modo que não reitero aqui os detalhes. Ver a respeito dele no *Dicionário*.

A genealogia de Esdras ocupa cinco versículos. O que se sabe sobre a linhagem de Esdras é dado nos artigos no *Dicionário*. O propósito do cronista foi assegurar que Esdras tinha a autoridade devida para fazer seu trabalho, sendo ele um sacerdote qualificado, com uma linhagem conhecida e respectiva de um dos clãs dos levitas, mas passando, especificamente, por *Arão*. Sem isso, ele não poderia ter sido um sacerdote.

Ver o gráfico que acompanha a *Linhagem de Esdras*. A linhagem dada é representativa, e não tenciona mencionar todas as gerações envolvidas. O cronista não estava interessado na exatidão da descendência, mas na autoridade que essa linhagem provia. A linhagem está essencialmente baseada sobre informes dados em I Crônicas 6.3-15,50-53. Cf. Neemias 11.11. Se supormos que três gerações tinham coberto um século, a lista dos vss. 1-5 só poderiam recuar até cerca de 567 A. C., e não até Arão, cerca de 1150 A. C., ou seja, atingiria a época de Saul, e não a de Arão. Portanto, devemos supor grandes lapsos e considerar a lista apenas como um arrolamento representativo. Os críticos, naturalmente, pensam nesta genealogia como algo inventado para emprestar autoridade a Esdras. Mas nessa opinião não há nenhuma razão sólida. A lista tem seus problemas, mas devemos lembrar que os judeus eram fanáticos por descendência genealógica, e pelo menos as famílias mais educadas tinham o cuidado de conservar registros genealógicos. Esdras tinha de ser um sacerdote (descendente de Arão) para cumprir a espécie de missão que lhe foi dada. Sem isso, o livro perde a sua significação.

"Neste lugar, há apenas *dezesseis* gerações consideradas entre Esdras e Arão, mas a passagem de I Crônicas 6.3 ss. nos dá nada menos de vinte e duas gerações. Portanto, devemos suprir as gerações deficientes à base do lugar anteriormente mencionado, entre Amarias (I Crônicas 6.7) e Azarias (vs. 10). Há também outras discrepâncias relativas às genealogias, nesses livros históricos, que seria inútil investigar" (Adam Clarke, *in loc.*).

7.6

Ele era escriba versado na lei de Moisés. Esdras era um escriba profissional, mas envolveu-se em uma missão que ultrapassava sua idade e experiência. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Escriba*. O homem era um mestre bem versado na lei de Moisés, e haveria de endireitar muita coisa em Jerusalém, aplicando, de maneira implacável, a lei, contra os muitos pecados do povo, especialmente no tocante a seus casamentos mistos com os pagãos, o que estava poluindo o campo de Israel. Quanto a seus antecessores, Esdras tinha a autoridade do governo persa para fazer a sua viagem a Jerusalém. Ele fortaleceria as mãos daqueles que já estavam ali, para onde tinham ido fazia mais de cem anos, na companhia de Zorobabel. Da mesma forma que Zorobabel representava a *autoridade política* do Novo Israel (sendo ele um descendente de Davi), assim também Esdras, de modo todo especial, representava a *autoridade espiritual* do Novo Israel. Um autêntico descendente de Arão estava encarregado de cuidar das questões espirituais.

Alguns estudiosos dão a tradução de "mestre" para a palavra hebraica *soper* (escriba). Em um sentido lato, esse vocábulo pode referir-se a um registrador, secretário, escriba ou escritor. Ver II Samuel 8.17; Esdras 3.12; 8.9; Salmo 45.1. Esdras foi chamado de "mestre" por quatro vezes pelo cronista (Esdras 7.6,11,12,21; cf. o vs. 25). E foi chamado "escriba" em Neemias 8.1,4,9,13; 12.26,36. Ele era um homem *qualificado*, um *mahir*, isto é, habilidoso (conforme vemos no Salmo 45.1).

Esdras tinha sido autorizado pelas autoridades persas, e, através do pacto, por Yahweh, o qual estava por trás dos acontecimentos em Jerusalém, onde o Novo Israel estava em formação e já estava funcionando.

Por *oito* vezes lemos que a mão de Deus estava sobre Esdras (ver Esdras 7.6,9,28; 8.18,22,31; Neemias 2.8,18). Portanto, ele era o homem do momento para a realização do plano divino. O autor enfatiza aqui a sua *filosofia da história*: os negócios humanos são dirigidos por Deus, ou seja, são teisticamente controlados. Quanto a essa filosofia da história e *seus* cinco princípios normativos, ver os parágrafos quarto a sétimo da introdução imediatamente anterior à exposição sobre I Crônicas 1.1.

O Favor do Rei. Este versículo antecipa o que foi dito mais especificamente nos vss. 11 ss. Outro decreto do governo persa garantia o crescimento do Novo Israel. Esdras levava consigo uma cópia escrita do decreto real para fechar a boca de qualquer opositor que encontrasse em Jerusalém. O templo de Jerusalém e o povo da Judéia haveriam de prosperar.

7.7

Também subiram a Jerusalém alguns dos filhos de Israel. As *classes do povo de Israel* que participaram na "segunda viagem" são aquelas encontradas na passagem de Esdras 2.1-70. Os cantores e os porteiros recebem aqui um tratamento distintivo, como se fossem classes diferentes dos levitas. Naturalmente, sabemos que eles tinham de ser levitas, porquanto os servos do templo (os *netinim*, ver a respeito no *Dicionário*) não pertenciam a essa descendência. Os cantores e os porteiros não aparecem entre os judeus que retornaram à Terra Prometida, em Esdras 8.15 ss., mas aparecem tanto em Levítico 8.18,19 e nas listas posteriores dos judeus que retornaram à Palestina. Não é dita muita coisa sobre a viagem de mil, quatrocentos e cinqüenta quilômetros da Babilônia a Jerusalém, a qual deve ter sido essencialmente isenta de acidentes dignos de ser mencionados. O restante do capítulo sétimo e o capítulo oitavo nos fornecem alguns detalhes. A viagem levou quatro meses, conforme deduzimos mediante a comparação entre os versículos sétimo e oitavo.

Datando a Viagem. Esse aspecto da questão tem dado trabalho aos intérpretes, de tal modo que nenhuma informação segura foi obtida desses esforços. Tradicionalmente, o Artaxerxes do texto à nossa frente é identificado com Artaxerxes I (464-424 A. C.). Seu sétimo ano foi o ano de 485 A. C. Mas, visto que Esdras seguiu a Neemias em viagem para a Palestina, e não era seu contemporâneo, deve estar em foco Artaxerxes II. Seu sétimo ano foi 398 A. C. Talvez Esdras tenha feito uma viagem durante o reinado de Artaxerxes I, após o fim da primeira administração de Neemias, em 432 A. C. (ver Neemias 5.14), mas qualquer data para esse período é apenas conjectural. Alguns eruditos têm determinado arbitrariamente a data da viagem de Esdras no trigésimo segundo ano de Artaxerxes I (433-432 A. C.), quando Neemias deixou a cidade de Jerusalém. Para tanto, os intérpretes supõem que o texto sagrado deve ser emendado, alterando levemente as letras hebraicas que representam números. Embora essa data não possa ser determinada de forma satisfatória, deve ter ocorrido *depois* da primeira administração de Neemias.

7.8,9

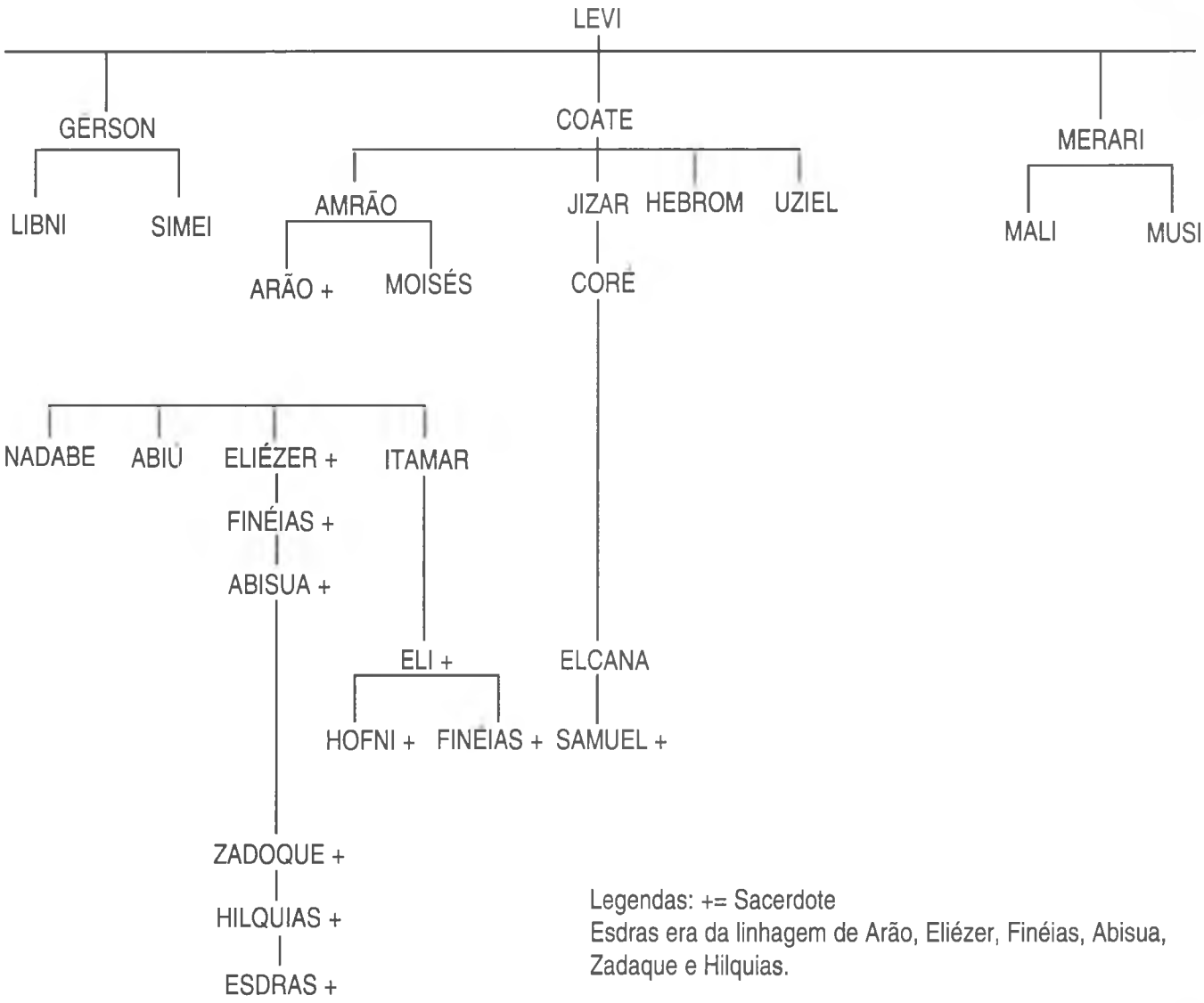
Esdras chegou a Jerusalém. A viagem de quatro meses foi do primeiro mês, nisã, ao quinto mês, (Abibe), correspondentes aos nossos meses de março-abril a julho-agosto, ambos dentro dos confins do sétimo ano de governo do rei persa. O versículo nono fornece-nos uma designação precisa: a jornada começou no primeiro dia de nisã e terminou no quinto dia do mês de ab, e a viagem foi realizada sob a boa mão de Elohim, que era o Companheiro e o Guia de Israel. Por conseguinte, Esdras teve uma determinação interior e uma ajuda externa, os fatores humano e divino combinados para obter bons resultados. Cf. II Crônicas 19.3 e 30.19. A legislação mosaica estava no coração de Esdras e ele era um mestre da lei. Ele haveria de corrigir certas coisas em Jerusalém. Quanto à questão de que a mão divina estava sobre ele (repetida por oito vezes nos livros de Esdras e Neemias), ver as notas em Esdras 7.6, onde provi referências. Esdras gozou de "misericórdias para a viagem", conforme as pessoas religiosas dizem atualmente, e pelo que elas oram cada vez que viajam. A passagem de Esdras 8.31 dá um dia diferente para a partida, mas Esdras 8.15-30 mostra-nos que houve algum adiamento. Se seguirmos Esdras 8.31, a data da partida é 16 de abril de 398 A. C., enquanto o texto presente, que fala no primeiro dia, faria isso ser 5 de abril de 398 A. C., uma diferença de onze a doze dias. De acordo com o presente versículo, eles partiram no Dia do Ano Novo judaico, ou seja, no primeiro dia do calendário religioso. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Calendário Judaico*.

7.10

Porque Esdras tinha disposto o coração. *Qualidades espirituais de Esdras.* Ele estava viajando para Jerusalém a fim de deixar as coisas em boa ordem espiritual. O povo judeu estava cercado de pecados e fraquezas. A lei mosaica estava sendo negligenciada, a despeito dos esforços de Zorobabel e do sucesso da primeira expedição a Jerusalém. Esdras era, pois, um missionário preparado para efetuar uma missão espiritual especial.

A Tríplice Tarefa de Esdras. Conhecer a lei; procurar obedecer à lei; tentar promover a lei entre outras pessoas. Esdras tinha a mente fixa sobre essas coisas, uma determinação incomum. Estudos estavam envolvidos, o que era a atividade que produzia, finalmente, o "estudo bíblico", como a lei oral e o Talmude, as tradições orais e escritas. Como é óbvio, o conhecimento não era suficiente: o "conhecimento aplicado" era a chave, e, no judaísmo, isso era mais importante do que a "fé". O *legalismo escribal* tinha de tornar-se *legalismo popular*, e foi assim, finalmente, que o judaísmo ultrapassou as religiões de todos os outros povos. Mas a letra pode matar, e o cristianismo trouxe o Espírito para dentro da questão.

A LINHAGEM DE ESDRAS



Legendas: += Sacerdote
Esdras era da linhagem de Arão, Eliézer, Finéias, Abisua, Zadaque e Hilquias.

*** *** ***

ESDRAS, O HOMEM DE LIDERANÇA E CORAGEM

Seu movimento reformador conquistou para Esdras o título de *Segundo Fundador* da nação judaica. Alguns eruditos acreditam que ele teve papel vital na formação do cânon do Antigo Testamento. Alguns estudiosos também pensam que ele foi o responsável pela introdução das letras aramaicas quadradas, que se tornaram precursoras do atual alfabeto hebraico. Essa forma de escrita chama-se ***assíria***.

LIDERANÇA

Garanto para você que prefiro vencer os outros em conhecimentos do que é excelente a estender o meu poder e domínio.

Alexandre, o Grande

O raciocínio e o juízo calmo são qualidades que pertencem especialmente ao líder verdadeiro.

Tácito

A prova final de um líder é se ele deixa ou não aos outros suas convicções para que continuem seu trabalho.

Walter Lippmann

CORAGEM

Freqüentemente o teste de coragem não é morrer, mas viver.

Vittorio Alfieri

Coragem é a virtude que efetua a justiça.

Cícero

Estatutos... juízos... Cf. Êxodo 15.25; Josué 24.25; I Samuel 30.25, e, especialmente, Deuteronômio 4.1,5,8,14; 5.1; II.32; 12.1 e 26.16. Ver minhas notas em Deuteronômio 6.1 quanto à tríplice designação da lei. Os "estatutos" apontavam para as obrigações legais, as coisas "inscritas", conforme a palavra significa. Os "juízos" são as decisões legais, um código inscrito de conduta, incluindo ritos e cerimônias, o lado prático da fé religiosa.

A Comissão de Esdras (7.11-26)

O paralelo é I Esdras 8.8-24.

Autoridade Real. Não era suficiente Esdras ser um homem preparado para uma missão especial. Ele também precisava dispor de um documento das autoridades seculares, especialmente do rei da Pérsia, para que não fosse impedido de prosseguir. O vs. 11 provavelmente é editorial, com a finalidade de introduzir um *longo documento*, contido nos vss. 12-26. Esse documento, tal como toda a correspondência oficial da época (naquela parte do mundo), foi escrito em aramaico, a língua franca do período. Esse documento era um *decreto real* que permitia a continuação do estado judaico, o que era um negócio potencialmente arriscado, tendo em vista todas as guerras em que aquele minúsculo reino já se tinha envolvido. O decreto exibe uma íntima familiaridade com a terminologia judaica (vss. 12, 13, 15, 17 e 24), que deve ter-se devido, pelo menos em parte, ao colorido emprestado pelo cronista. Também demonstra um conhecimento das distinções e das práticas do culto dos judeus do segundo templo (vs. 24). Esse colorido *judaico* tem levado alguns críticos a considerar o documento como *forjado*, mas não há razão para supormos que o rei estivesse desinformado sobre as áreas debaixo de seu controle. Além disso, Esdras pode ter sido um oficial na corte persa, um conselheiro do rei, e assim facilmente teria sido o responsável pelo aspecto *judaico* desse documento.

7.11

Esta é a cópia. O documento original ficaria com o rei, depositado em seus arquivos reais. Esdras levou consigo uma cópia autorizada, que ninguém seria capaz de pôr em dúvida.

O rei Artaxerxes. Ver as notas expositivas no vs. 7, que incluem o problema de cronologia. Josefo, cônscio dos problemas, acreditando que Esdras tinha precedido a Neemias, substituiu Artaxerxes por Xerxes (485-465 A. C.), o antecessor de Artaxerxes I.

Quanto ao restante do versículo, ver o vs. 10. O cronista coloriu esse versículo introdutório com as idéias do versículo anterior.

A carta começa com as credenciais e a comissão de Esdras. Ele precisava da autorização secular.

7.12

Artaxerxes, rei dos reis. Temos nessa frase uma terminologia babilónica que foi emprestada pelos persas para descrever os reis que haviam conquistado aquela parte do Oriente Médio.

Ao sacerdote Esdras. *A Carta Estava Endereçada a Esdras.* Ela declarava a idéia do rei quanto a todas as questões de sua viagem a Jerusalém e ao trabalho que ali seria desenvolvido. Ademais, o apoio do rei da Pérsia à questão é perfeitamente evidente. Houve, portanto, um decreto que funcionava como *carta de apresentação*. As qualificações de Esdras para ser ministro entre os judeus são então declaradas. Ele era o homem para aquela tarefa: um mestre, um escriba de renome, um especialista na lei mosaica, um servo do "Deus dos céus" (ver Esdras 5.11 e 6.9). Talvez Esdras tivesse sido secretário dos negócios judaicos durante o governo de Artaxerxes, e assim, naturalmente, suas qualificações para o ofício precisavam ser declaradas. Portanto, o *colorido judaico* da carta, longe de ter sido uma adição feita pelo cronista, era parte necessária do documento.

Paz perfeita! Assim diz nossa versão portuguesa como tradução de uma expressão hebraica difícil, a qual significa, literalmente, "perfeito, e assim por diante". A Revised Standard Version diz apenas "e agora", uma introdução à carta que se segue. Algumas traduções dizem aqui a "paz" comum, mas isso não se acha no texto. Outras dizem "em tal tempo", referindo-se à data da carta. Ou talvez *et cetera*, que é a força das palavras, conforme conjecturou John Gill, *in loc.* A versão etíope ou *peshitta* e I Esdras dizem aqui *paz*, o que corta o nó górdio, mediante uma emenda do texto. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Nó*.

7.13

Que quiser ir contigo a Jerusalém, vá. Esdras seria acompanhado pelos interessados, tal e qual acontecera a Zorobabel na primeira expedição. Agora, como naquela ocasião, todo o que quisesse ir com Esdras, que fosse. Ninguém seria forçado a ir, mas também nenhum homem seria impedido. O *livre-arbítrio* era a chave da questão. Cf. Esdras 1.3. Muitos judeus tinham ficado na Babilônia, adaptados à nova vida que estavam levando ali. A geração antiga havia morrido. Talvez a nova geração estivesse preparada para uma mudança de cena, uma aventura. Alguns judeus eram patriotas que queriam "voltar para casa". Note-se a tríplice designação do povo: o povo em geral, os levitas e os sacerdotes. Isso era uma maneira de falar típica dos judeus, mas uma forma de expressão perfeitamente possível ao rei, que conhecia os costumes e as coisas judaicas. Ademais, Esdras poderia ter sido seu ministro para negócios judaicos e sugerido a terminologia da carta. Ver o vs. 11 quanto ao problema do *caráter judaico* da carta e do decreto.

"Aquele que ama a seu Deus haverá de aproveitar-se dessa oportunidade favorável" (Adam Clarke, *in loc.*). O decreto de Artaxerxes, adicionado ao decreto de Ciro (Esdras 1.1 ss.), dava ampla oportunidade.

7.14

Porquanto és mandado da parte do rei. Sete conselheiros foram convocados para aconselharem sobre a questão da missão de Esdras. Essa missão deveria ser autorizada pelo tribunal superior, que foi assim autorizado pelo próprio rei. Eles ajudariam Esdras a investigar as circunstâncias em Jerusalém, e a pôr as coisas em ordem ali. O *padrão da ação* era a lei de Moisés, o documento por trás das reformas finais de Esdras. Os conselheiros deveriam ser conhecedores das "questões judaicas" e saber escrever relatórios que seriam enviados ao rei da Pérsia. Caberia a Esdras tomar decisões e fazer alterações. Ou então, a investigação seria feita exclusivamente por Esdras, e os conselheiros eram apenas oficiais persas chamados para ajudar o rei a lidar com as questões da missão de Esdras. Nesse caso, seria difícil identificar a função exata dos conselheiros (quanto a essa questão), embora o rei devesse tomar suas decisões em consonância com o parecer dos conselheiros. Cf. Ester 1.14. Os conselheiros eram "sete príncipes da Pérsia e da Média", que viam o rosto do rei e tinham a mais alta autoridade na terra, depois do rei.

Heródoto (*História* III.31; VII.8; VIII.67) chamou esses homens de "os mais nobres persas", e eles eram os mais altos conselheiros do rei.

7.15,16

E para levares a prata e o ouro. *Ricas Provisões.* Artaxerxes, tal como Ciro antes dele (ver Esdras 1.4 ss.), certificou-se de que recursos abundantes seriam providos para a viagem e para os gastos subseqüentes. *Duas espécies de doadores* são mencionadas no presente texto: a) o rei persa, que tinha doado dinheiro do tesouro real, e os príncipes persas; b) os conselheiros que garantiriam que essas doações chegariam às mãos de Esdras. Além disso, houve doações feitas pelos próprios judeus (vs. 16), conforme também acontecera no caso da primeira expedição. A província inteira da Babilônia estaria envolvida na questão. Ver Esdras 1.4 e também a história contada em Êxodo 10.25 e 12.35,36. Talvez Esdras tenha recebido a autoridade de cobrar uma taxa, de alguma espécie, sobre as propriedades dos judeus na Babilônia, de modo que os "irmãos que tinham ficado" pelo menos tiveram de ajudar os "irmãos que foram", mediante dinheiro e outros valores. Os "príncipes" (persas) que contribuíram são mencionados em Esdras 8.25, e a entrega das doações foi registrada em Esdras 8.24-26,33,34. Ver o vs. 20 quanto às doações do rei, retiradas do tesouro real.

7.17

Portanto diligentemente comprarás com este dinheiro novilhos, carneiros, cordeiros... *Sacrifícios Apropriados.* O rei persa sabia o quanto os judeus apreciavam os sacrifícios de animais. Os persas também eram pessoas muito religiosas. As provisões, pois, tiveram de incluir materiais (vários tipos de animais) para serem oferecidos em sacrifício. O judaísmo era nada sem seu culto sacrificial. Isso proveu Esdras com animais "nobres" para os sacrifícios. Ver os *cinco* tipos de animais que serviam para serem sacrificados, em Levítico 1.14-16. E também haveria as ofertas de cereal (ofertas pacíficas) e as libações que tinham de acompanhar os sacrifícios de animais (ver Números 15.1-10). Novamente vemos um marcante caráter *judaico* no decreto do rei da Pérsia, o que já comentei nas notas sobre o versículo 11 deste capítulo. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Sacrifícios e Ofertas*.

Ver as referências seguintes:
holocaustos: Levítico 1.3-17; 6.9-13;
ofertas de cereais: Levítico 2.1-16; 6.14-18;
ofertas pelo pecado: Levítico 4.1-35; 6.25,30;
ofertas pela culpa: Levítico 5.1-13; 6.1-7; 7.1-7;
consagrações: Levítico 6.19-23;
ofertas pacíficas: Levítico 3.1-17; 7.11-33.

7.18

Também o que a ti e a teus irmãos bem parecer fazerdes. O que sobrasse do dinheiro, depois que os bens essenciais tivessem sido adquiridos, seria

usado como Esdras ditasse. O rei confiou que Esdras faria a coisa certa. Ele não se preocupava com um uso impróprio dos fundos, ou que Esdras poria o dinheiro em sua própria conta bancária na Babilônia.

A teus irmãos. Ou seja, os outros sacerdotes, companheiros de Esdras, aos quais também fora dada autoridade para gastar o dinheiro e tomar algumas das decisões a respeito.

7.19

E os utensílios que te foram dados. *Ao que tudo indica*, nem todos os vasos pertencentes ao templo de Salomão, que tinham sido saqueados pelos babilônios (por ocasião do cativeiro babilônico), foram entregues aos judeus na primeira expedição (Esdras 1.7-11). O restante desses vasos foi agora devolvido aos judeus. Mas alguns intérpretes supõem que vasos adicionais tenham sido doados, de maneira que não estão aqui em foco os mesmos utensílios que Nabucodonosor havia levado para a Babilônia. Todavia, o trecho paralelo de I Esdras 8.17 interpreta esses vasos como aqueles que foram saqueados pelos babilônios. O trecho de Esdras 8.25 pode significar que vasos adicionais estejam em pauta aqui, e não os vasos saqueados.

7.20

Dá-lo-ás da casa dos tesouros do rei. *Um Cheque em Branco.* O rei da Pérsia entregou a Esdras um cheque em branco. Ele poderia retirar qualquer quantia que quisesse, segundo as necessidades dos judeus, e o tesouro do rei honraria tal cheque. Isso naturalmente foi um ato da providência divina. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Providência de Deus*. *Yahweh* estava por trás dessa generosidade. Cf. Esdras 5.17 e 6.1. O rei contava com muito dinheiro, derivado de seu sistema de tributos, taxas e impostos, de forma que nenhuma quantia que Esdras escrevesse naquele cheque chegaria a quebrar o banco persa. É melhor sermos ricos do que pobres! O decreto dava a Esdras poderes muito extensos. Ele não foi a Jerusalém cercado de pobreza. Ele tinha poder para fazer o que precisava fazer. Oh, Senhor! Concede-nos tal graça!

7.21

Eu mesmo, o rei Artaxerxes, decreto a todos os tesoureiros. Os *tesouros particulares* dos quais Esdras poderia valer-se eram os que estavam "dalém do Eufrates", isto é, as terras a oeste e ao sul da Babilônia, a província da qual Judá fazia parte. Ver sobre a expressão "além do rio" em Esdras 4.17,20; 6.6,8 e 7.21,25. Esdras podia retirar tanto dinheiro quanto fosse necessário, e os oficiais locais (delegados do rei) deveriam agir prontamente, não permitindo que entraves burocráticos impedissem o trabalho dele.

Deus dos céus. Esdras servia ao Deus Altíssimo. Pagãos daquela região do mundo respeitavam os "deuses locais" e supunham que essas divindades tivessem poder em suas respectivas áreas. Yahweh-Adonai-Elohim era o Deus reconhecido dos judeus, e Seu poder e inspiração estavam por trás de Esdras. Por conseguinte, sua causa era justa e digna do apoio do império persa. Cf. o título divino que aparece aqui com Esdras 1.2; 5.11,12; 6.9,10; 7.12,21,23.

7.22

Até cem talentos de prata. *A Grande Oferenda:*
Cem talentos de prata, ou seja, cerca de 750 quilogramas;
Cem coros de trigo, ou seja, 18.900 litros
Cem batos de vinho e a mesma quantidade em azeite, ou seja, 18.900 litros.
Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Pesos e Medidas*. Além disso, o sal foi dado sem medida. Os sacrifícios eram salgados e grande quantidade desse mineral se faria necessária. Ver Levítico 2.1-13 e sobre *Sal* no *Dicionário* quanto aos sentidos e símbolos dessa substância.

7.23

Tudo quanto se ordenar, segundo o mandado do Deus do céu. *A Palavra-chave Era "Prontidão"*. Prontidão porque Yahweh-Elohim, o "Deus do céu", não toleraria a lentidão humana, e Ele poderia fazer sobrevir a Sua ira sobre os preguiçosos. O rei não queria ter nenhum contato com a ira de Yahweh. Note-se novamente a expressão "Deus do céu". Ver sobre isso no vs. 21. Além de temer algum julgamento divino (levantes dos súditos, incêndios, inundações, pragas, enfermidades), o rei tinha o seu coração na questão. Nada disso teria acontecido se Yahweh não tivesse inspirado tal atitude. Portanto, uma vez mais, o cronista estava descrevendo a *providência de Deus* (ver a esse respeito no *Dicionário*). Ele dava prosseguimento à sua *filosofia da história*, ou seja, as atividades humanas são controladas pela mente divina, teisticamente. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Teísmo*, bem como os parágrafos quarto a sétimo das notas de introdução a I Crônicas 1.1, quanto aos *cinco* princípios normativos da história.

O rei da Pérsia estava interessado em uma Palestina amistosa, para ajudá-lo em suas guerras contra os fracos reis egípcios das dinastias XXVIII e XXIX (525-332 A. C.). Artaxerxes II esperava emular seus antecessores como conquistadores do Egito.

7.24

Não será lícito impor-lhes nem direitos, nem impostos, nem pedágios. *Isentos de Cobranças Governamentais.* Os oficiais do império persa não poderiam fazer cobranças de Judá. Na verdade, Judá receberia porções dos impostos cobrados de outros povos (vs. 21). Os vários turnos de sacerdotes, de levitas, os cantores, os porteiros e os servos do templo (*netinim*), todos precisavam ser sustentados. Eram necessários amplos fundos para isso. O clero tinha de comer e suportar suas famílias. Ver I Crônicas 23-26 quanto aos vários turnos de levitas que compunham o ministério de Judá. Quanto a listas dos que trabalhavam no templo, cf. Esdras 2.36,40-43. Ver também o versículo 7 do presente capítulo. Ao clero, em Judá, foram concedidos privilégios econômicos especiais. Não lhes era cobrado nenhum imposto de renda. "Era usual os pagãos isentarem os eclesiásticos de taxas, tributos e impostos, tal como sucedia no Egito e entre os druidas da Bretanha" (John Gill, *in loc.*). Mas não é assim o costume nos tempos modernos.

7.25

Tu, Esdras, segundo a sabedoria do teu Deus. Em *retorno* pela sua generosidade, o rei da Pérsia esperava que Esdras governasse bem, fizesse justiça, conservasse as coisas sob o seu controle, não permitisse nenhum levante contra o império persa, nomeasse delegados qualificados (juízes, governadores) em todas as províncias onde ele exercesse seu poder (além do rio; ver no vs. 21 deste capítulo). O rei da Pérsia queria uma Palestina tranqüila enquanto ele fazia suas conquistas em outros lugares, incluindo o Egito, conforme demonstra a história contemporânea.

Note o leitor que a sabedoria e a lei foram equiparadas, outro elemento do caráter *judaico* do decreto real. Ver sobre isso no vs. 11. Cf. Eclesiástico 15.1; 19.20; 21.11; 24.23-29 e 34.8.

A todo o povo que está dalém do Eufrates. Particularmente os judeus, mas talvez o rei persa tivesse pensado que Esdras instruiria também os pagãos, os gentios da Síria e da Palestina. Uma boa *educação religiosa* só poderia fazer o bem ali, onde o rei não podia estar pessoalmente para manter as coisas sob o seu controle.

A Esdras também caberia estabelecer e administrar um *sistema judicial*, o qual regularia a conduta dos homens e manteria as coisas em paz e boa ordem. O decreto fazia de Esdras supremo sobre todos os judeus na província "além do rio", e dotado de grande influência entre os povos daquela área. A religião estaria misturada com os negócios seculares a ponto de a lei de Moisés ser o tribunal superior de apelo sobre qualquer questão. A sabedoria seria aquela expressa no livro da lei, controlando todos os aspectos da vida humana, quando um bom sacerdote controlava as coisas. O governo do clero seria a lei suprema por algum tempo. Não haveria separação entre a Igreja e o Estado, que algumas vezes é tão necessária e valorizada na *vida moderna*, onde o *pluralismo* é a regra e o ideal. Onde o pluralismo não é honrado, não há tolerância. Para ser tolerado, é preciso tolerar os outros.

7.26

Todo aquele que não observar a lei do teu Deus e a lei do rei. *Ameaças de punição* dos tipos mais severos pairavam sobre a cabeça dos ofensores que não se conformassem com a ordem que Esdras estabeleceria em Jerusalém. As leis antigas eram muito mais severas que as leis modernas. A *punição capital* era decretada para "crimes" sobre os quais nunca pensaríamos merecer tão drástica medida. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Crimes e Castigos*. O confisco era uma forma comum de punição sob a lei. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Reparação (Restituição)*, especialmente em seu último parágrafo. Mas o banimento não estava de acordo com a mentalidade dos judeus. Contudo, o rei da Pérsia deu a Esdras o poder de castigar da maneira que ele achasse melhor. O aprisionamento era um dos métodos mais comuns de castigo, e até alguns profetas do Senhor terminaram na prisão por causa de ofensas. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Prisão, Prisioneiros*. Esdras, se considerasse necessário fazê-lo, teria um reino de terror, a fim de pôr em vigor a legislação mosaica. Os espancamentos eram uma forma de punição comum na Pérsia, mas esse tipo de castigo ficou de fora.

Poema de Louvor de Esdras (7.27,28)

O *decreto escrito em aramaico* foi seguido por uma doxologia escrita em hebraico. Com esses dois versículos começa o chamado *Documento de Esdras*,

narrado na primeira pessoa e presumivelmente originário diretamente de Esdras. A passagem de Esdras 8.1-34 deve ser incluída nesse documento, e talvez todo o trecho ou parte de Esdras 9.1-15. Mas exames lingüísticos, entretanto, não revelam nenhuma grande diferença nessas seções quando comparadas com as narrativas escritas na terceira pessoa no resto do livro. Mas por que o cronista teria passado tão de repente para o "eu" ou para o "nós", em lugar do "ele" e do "eles", se aquelas passagens não são autobiográficas? O trecho de I Esdras 8.25 faz Esdras proferir essas palavras, mas isso pode ser uma adição posterior.

7.27

Bendito seja o Senhor Deus de nossos pais. A *resposta de Esdras* ao decreto do rei da Pérsia serve de demonstração do seu caráter. Ele agradecia a Yahweh-Elohim, o Deus dos patriarcas judaicos, por tudo quanto tinha sido feito através do rei persa, acreditando ele que somente a influência divina poderia produzir o que havia acontecido. Na minúscula Nova Israel (um mero fragmento da tribo de Judá) continuavam as tradições dos antigos patriarcas de Israel. Cf. Êxodo 6.6; Números 32.11; Deuteronômio 1.8; 6.10; 9.5,27, onde os patriarcas são chamados por seus nomes e especialmente favorecidos por Deus, como cabeças da nação escolhida. O rei da Pérsia mostrara-se generoso e estava interessado em embelezar o templo, restaurando os seus vasos, estabelecendo o seu ritual e pondo as coisas em ordem em Jerusalém, de acordo com os ditames da legislação mosaica. Os privilégios concedidos visavam a glória de Deus, e não a glória de Esdras. Ele mesmo contribuiu, pessoalmente, com fundos, objetivando esse propósito (Esdras 7.20,21).

7.28

E que estendeu para mim a sua misericórdia perante o rei. *"Misericórdia"*, neste caso, é *amor constante* (Revised Standard Version), no hebraico, *hesedh*, uma expressão favorita do cronista. Ver Esdras 3.11 e Salmo 136. Está em vista o "amor do pacto" que permeava o trato de Yahweh com Seu povo, tornando-o distintivo. Ver quanto ao caráter distintivo de Israel, em Deuteronômio 4.4-8.

Esdras foi *fortalecido* em seu espírito e externamente por circunstâncias favoráveis, divinamente arranjadas, que lhe facilitaram a missão.

> *Sentimos que nada somos, pois tudo és Tu e em Ti;*
> *Sentimos que algo somos, isso também vem de Ti;*
> *Sabemos que nada somos — mas Tu nos ajudas a ser algo.*
> *Bendito seja o Teu nome — Aleluia!*
>
> (Alfred Lord Tennyson)

"Não somente as *memórias de Esdras*, mas uma nota autêntica de fé religiosa *em primeira mão* aparece nesse hino de louvor. Foi o Pai dos primeiros pais que tinha movido o coração do rei persa e fortalecido a mão de Esdras para o grande empreendimento!... Leonard Bacon, em 1833, olhou de volta para a fundação da cidade de New Haven, que ocorrera duzentos anos antes, por ocasião do desembarque dos Peregrinos em Plymouth (posteriormente Estados Unidos da América), em 1620, e disse:

> *Oh, Deus, debaixo de Tua mão orientadora*
> *Nossos pais exilados cruzaram o mar.*

"Naquele hino americano, tal como na doxologia dos judeus, o patriotismo e a religião misturaram-se em uma peã de louvor e ação de graças" (Charles W. Gilkey, *in loc.*).

"Essa ação de graças devota faz uníssono com o caráter inteiro de Esdras, que discernia a mão de Deus em todos os acontecimentos" (Jamieson, *in loc.*).

Capítulo Oito

As Memórias de Esdras. A seção de Esdras 7.27-9.15 tem a primeira pessoa do singular, "eu", indicando uma testemunha ocular do próprio Esdras. Também encontramos as memórias de Neemias em Neemias 1.1-7.5; 11.27-43; 13.4-30. Portanto, o cronista tinha algum relato de testemunha ocular quanto a seu livro de Esdras-Neemias, que formava um único livro na Bíblia hebraica.

A Lista dos que Voltaram. O paralelo é I Esdras 8.28-40. Essa lista apresenta-nos a informação essencial sobre quem eram aqueles que fizeram a *segunda* viagem de volta a Jerusalém, em companhia de Esdras. Ver o segundo capítulo quanto aos nomes das famílias representadas no primeiro grupo dos que voltaram.

O *edito real* (capítulo 7) tornou possível essa segunda viagem. Josefo (*Antiq.* XI.5.2) diz-nos que uma cópia da correspondência real foi enviada por Esdras a seus parentes na Média (cf. II Reis 17.6), com o resultado de que muitos deles também decidiram acompanhar o segundo grupo dos que voltaram a Jerusalém. Mas o comentarista também nos informa que a maioria dos judeus preferiu ficar na Babilônia. Eles se tinham adaptado à boa vida que levavam ali e não queriam mais saber de arrancar raízes.

Alguns críticos lançam dúvidas sobre a lista, supondo que se trate de um trabalho forjado, baseado no trecho de Esdras 2.1-70, uma vez refeito; mas outros estudiosos defendem vigorosamente a sua autenticidade. Diferentemente das genealogias do segundo capítulo, esta cita os *sacerdotes primeiro*, talvez em honra a Esdras, o sacerdote e mestre que conduziu a expedição. Cf. Esdras 7.11,12. "Em Neemias 10.6, *Daniel* (não o do livro de Daniel; ver Esdras 8.2) aparece entre os sacerdotes que selaram o pacto. Visto que Esdras mais tarde selecionou uma dúzia de sacerdotes que o acompanharam a Jerusalém (vs. 24), os dois nomes mencionados neste contexto, Itamar e Daniel, devem ter sido cabeças de famílias" (Raymond A. Bowman, *in loc.*). Ver Êxodo 6.23.

A maioria das famílias mencionadas estava relacionada por parentesco aos primeiros judeus que retornaram (537 A. C.), e que tinham chegado cerca de setenta e nove anos antes (capítulo 2). Muitas das famílias listadas em Esdras 8.3-14 também foram mencionadas em Esdras 2.3-15. O número total dos varões que voltou foi de 1.514, que incluía dezoito cabeças de famílias, além de outros 1.496 homens. Além desses, havia 258 levitas que foram recolhidos mais tarde (ver Esdras 8.15-20), portanto o número dos judeus que retornaram atingiu a casa dos 1.772. Contando mulheres e crianças, o número total deve ter atingido cerca de quatro mil a cinco mil pessoas. Esse segundo número foi muito inferior ao primeiro, o qual totalizou quase cinco mil pessoas (ver Esdras 2.64,65). I Esdras dá um total de 1.690 homens para o segundo grupo.

8.1

São estes os cabeças de famílias. A *caracterização geral* do segundo grupo dos judeus que voltaram a Jerusalém aparece anteriormente. A essas notas adiciono algumas de interesse.

Em honra a Esdras, o sacerdote *por excelência*, os clãs dos sacerdotes foram listados em primeiro lugar. Os clãs, sacerdotais e outros, são listados até o vs. 14. Menos de cinco mil homens retornaram na segunda vez, em comparação com os quase cinqüenta mil que voltaram sob Zorobabel.

8.2

Dos filhos de Finéias, Gérson. Temos aqui a família sacerdotal que descendia de *Finéias* (ver a respeito no *Dicionário*, quanto à pouca informação que possuímos a respeito da maioria dos nomes dados). *Daniel*, neste passo bíblico, naturalmente, é um sacerdote, cabeça de um clã sacerdotal, e não o famoso profeta Daniel, autor do livro que tem o nome. O profeta Daniel pertencia à tribo de Judá. Mas este Daniel era levita, descendente de *Itamar*. Hatus e Daniel não aparecem como quem tinha família, porém o mais provável é que isso tenha sido uma informação omitida pelo cronista. Itamar foi o quarto filho de Arão (Êxodo 6.23), e Gérson, um descendente de Finéias, seu terceiro filho. *Hatus* aparece na linhagem de Davi em I Crônicas 3.22, e como ele poderia ter sido um sacerdote, é uma questão difícil de responder. Alguns tentam solucionar esse problema alterando a pontuação, para que o texto não diga ser ele descendente de Davi. Desse modo, ele aparece como descendente de *Secanias*, e não de Davi; mas essa maneira de explicar está sujeita a dúvidas sérias. Talvez por um deslize de organização de nomes, um não-levita entrou neste versículo. Ver o paralelo em I Esdras 8.29, que associa o homem com Secanias, e não com Davi. Outra solução que tem sido proposta para o problema é que o trecho de I Crônicas 3.22 é defeituoso.

8.3-14

Dos filhos de... Os nomes dos versículos terceiro a décimo quarto são, principalmente, de *famílias leigas*. Muitos dos nomes dados aqui são encontrados também em Esdras 2.3 ss. (uma passagem paralela a Neemias 7.8 ss.), embora com alguma diferença na ordem de apresentação. Na discussão sobre o segundo capítulo de Esdras, demonstrei que as *três* listas, a de Esdras, a de Neemias e a de I Esdras, contêm algumas discrepâncias, e não nos deve surpreender que esta lista (Esdras 8) também tenha seus problemas. O cronista não estava interessado em exatidão absoluta, sendo provável que nem tivesse meios para produzir exatidão. Além disso, esse tipo de erros nada tem que ver com a fé religiosa, nem afeta qualquer sã teoria da inspiração das Escrituras. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Inspiração*. Ver também o artigo chamado *Escrituras*, seção II, quanto a idéias adicionais. Visto que várias décadas se tinham passado, temos de supor que a presente genealogia seja dos descendentes de alguns daqueles mencionados no capítulo segundo, e que os nomes não devem ser entendidos como, necessariamente, das mesmas pessoas. "A maioria das pessoas aqui listadas

estava *relacionada* às famílias que tinham retornado previamente na companhia de Zorobabel (537 A. C.), setenta e nove anos antes (capítulo segundo de Esdras). Muitos dos nomes de famílias que figuram em Esdras 8.3-14 são mencionados em Esdras 2.3-15" (John A. Martin, *in loc.*).

Do começo ao fim da lista, somente homens são listados, de modo que um total de 1.772 homens retornaram, mas é provável que o número de pessoas que retornaram tenha sido entre quatro mil e cinco mil, se contarmos mulheres e crianças.

"Todos os nomes encontrados nos vss. 3-14 aparecem entre os treze primeiros nomes do segundo capítulo de Esdras, mas somente doze famílias são achadas aqui no capítulo oitavo. *Arã* e *Zacai*, surpreendentemente, estão ausentes. O número *doze*, presumivelmente, representaria as doze tribos dos hebreus. Quanto aos simbolismos que aparecem algures no livro de Esdras, ver os vss. 24 e 25" (Raymond A. Bowman, *in loc.*). Portanto, o *Novo Israel*, embora não descendesse realmente das doze tribos de Israel, representava aquelas tribos. Um fragmento da tribo de Judá deu a Israel um novo começo. Havia *autoridade política* baseada em Zorobabel, descendente de Davi, o qual restaurou assim a dinastia davídica, embora fosse apenas um governador, e não um rei. E a *autoridade espiritual* foi restaurada na pessoa dos sacerdotes e levitas que retornaram do cativeiro, especialmente Esdras, o sacerdote-mestre.

O leitor que quiser entender os significados e os intuitos das genealogias dos capítulos segundo e oitavo do livro de Esdras deve ler a introdução ao segundo capítulo, e. de fato, os comentários das genealogias que dizem respeito ao capítulo oitavo. Ver sobre alguns problemas nas listas comentadas em Esdras 2.3. Quanto aos sacerdotes que retornaram da Babilônia, ver Esdras 2.36-39. Quanto aos levitas, ver Esdras 2.40-42. Quanto a outras informações, ver os artigos no *Dicionário*, sobre os nomes individuais.

8.15

Ajuntei-os perto do rio que corre para Aava. *A Ausência dos Levitas.* O primeiro grupo de judeus que retornaram tinha um bom número de levitas. Ver 2.40-42, mas Esdras ficou chocado ao verificar que não havia nenhum levita dessa classe ministerial entre os judeus que retornaram no segundo grupo. Naturalmente, havia os sacerdotes (vss. 2 e 3), e eles eram levitas, mas não havia nenhum dos ministros-servos, os levitas que não pertenciam à família de Arão. Para compensar a ausência dos levitas, Esdras enviou nove líderes e dois homens eruditos para obterem alguns levitas e servos do templo, da parte de Ido. Além disso, estando subordinados aos sacerdotes no culto divino, eles também tinham um importante ministério de ensino, e eram muito necessários para ajudar a Esdras a cumprir sua missão em Jerusalém. Ele estava ali a fim de "aplicar a lei". Esdras foi um legalista estrito, e queria transformar a totalidade do pequeno país em seguidores da legislação mosaica. Para tanto, ele precisava da ajuda dos *levitas*. Ver sobre eles no *Dicionário* quanto a informações detalhadas. E ver também o verbete denominado *Ensino*.

Rio. Talvez esse rio (canal) também fosse chamado Aava. Cf. Esdras 8.21 e 31. Temos ali o "rio Aava". A localização desse rio ou canal, que pode ter sido um tributário do rio Eufrates, é atualmente desconhecida. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Aava*. Seja como for, antes de iniciar a viagem de mil quatrocentos e cinqüenta quilômetros de volta a Jerusalém, os judeus reuniram-se naquele lugar. Foi ali que Esdras detectou a ausência dos levitas e precisou fazer alguma coisa sobre a questão, o que os versículos seguintes descrevem.

Note aqui a primeira pessoa do singular, "eu". A seção de Esdras 7.27-9.15 tem sido chamada de *memórias de Esdras*. O cronista incorporou esse material em seu livro. E também temos as *memórias de Neemias*, em Neemias 1.1-7.5. Portanto, algo da composição de Esdras-Neemias (um único livro na Bíblia em hebraico) estava baseado em relatos de uma testemunha ocular, os próprios Esdras e Neemias.

8.16

Enviei. Esdras selecionou nove líderes, além de dois homens de especial erudição (um total de onze homens), para garantirem levitas e servos do templo, que eram muito necessários para facilitar as coisas em Jerusalém. Ver artigos separados do *Dicionário* quanto ao pouco que se sabe sobre essas pessoas. Esdras disse aos mensageiros o que dizer, e foi *Ido* quem recebeu as instruções (vs. 17).

Que eram entendidos. Eles eram sacerdotes distinguidos, ou, pelo menos, homens importantes que vieram na segunda leva dos judeus que retornaram a Jerusalém, em quem Esdras confiava que cumpririam suas incumbências, juntamente com os outros nove elementos. Nenhum desses homens é encontrado nas genealogias dadas nos versículos terceiro a décimo quarto (líderes, chefes de famílias). O texto massorético (hebraico), a Septuaginta e a Vulgata dão *onze* como o número total. Mas alguns manuscritos de I Esdras dizem *dez*, e outros falam em apenas *sete* nomes. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Massora (Massorah); Texto Massorético*.

8.17

Enviei-os a Ido, chefe em Casifia. Ido foi o receptor da mensagem, pois era homem de confiança de Esdras, garantindo-lhe os levitas e os servos do templo para completar o grupo dos judeus que retornavam a Jerusalém. Ido provavelmente era um levita, e não um dos servos do templo (ou *netinim*). O original hebraico é aqui um tanto confuso, e poderia levar-nos a identificar Ido com os escravos de seus irmãos ou associados.

Irmãos. Essa palavra significa aqui aqueles com *interesses* mútuos, e não aqueles que tinham a mesma descendência racial. A maior parte (se não mesmo todos) dos servos do templo era composta de povos não-hebreus. Quanto a detalhes sobre eles, ver o artigo no *Dicionário*. I Esdras tem um texto que remove a confusão, separando Ido dos servos do templo. É altamente improvável que Esdras tivesse apelado para que um servo (um não-hebreu) o ajudasse. Ver no *Dicionário* sobre *Ido*, ponto sexto, quanto a idéias adicionais. Provavelmente, ele era o chefe dos levitas de *Casifia*. Alguns crêem que esse nome se refere a uma escola dos levitas, e não a uma cidade. O mais provável, porém, é que esteja em vista uma aldeia que tinha uma grande população judaica, onde haveria levitas em relativa abundância. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Casifia* quanto ao que se sabe e se tem conjecturado sobre esse lugar. Casifia, que não tem sido identificada com certeza, provavelmente não ficava muito longe de *Aava*, localidade essa também de posição incerta.

Os levitas ajudavam os sacerdotes nos sacrifícios, agiam como cantores e porteiros, e os servos do templo faziam o trabalho sujo, assistindo os levitas em suas tarefas. Ver I Crônicas 23-26 quanto às famílias e às classificações existentes entre os levitas.

8.18

Trouxeram-nos, segundo a boa mão de Deus sobre nós. *A Missão Foi Bem-sucedida.* Alguns levitas de renome foram descobertos e dispuseram-se a acompanhar a *segunda expedição*. A providência de Deus, a *mão de Deus*, garantiu esse sucesso. Por *oito vezes*, em Esdras-Neemias temos a expressão "a mão de Deus"; Esdras 7.6,9,28; 8.18,22,31; Neemias 2.8,18. Aqui a mão de Deus é declarada "boa". Esdras realmente precisava dos levitas e servos do templo. Ele deu crédito à *providência de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*) quanto à presença deles. Todos os levitas mencionados eram da linhagem de *Merari*, filho de Levi (cf. I Crônicas 6.47). Ver também Números 4.29-33,42-45. Somente trinta e oito levitas foram arranjados, mas houve um bom número de *servos do templo* (cf. Esdras 2.43, a saber, duzentos e vinte.

Ver os nomes próprios no *Dicionário* quanto ao que se sabe sobre os levitas que foram mencionados.

8.19

E a Hasabias, e com ele Jesaías. *Duas famílias*, descendentes de Merari, foram providas para os viajantes: de *Serebias* (vs. 18) e de *Jesaías* (vs. 19). O número deles (vinte) foi desapontador, mas seria adequado. Serebias foi um levita mencionado também em Neemias 8.7. Ele desempenhou um papel importante na história de Esdras (Esdras 8.18,24; Neemias 8.7; 9.4,5; 10.12 e 12.8,24). Jesaías era um dos filhos de Merari (I Crônicas 6.44,45). A linhagem secundária era de *Mali*, filho de Merari (vs. 18).

8.20

E dos servidores do templo... duzentos e vinte. Se não houve muitos levitas na segunda expedição, houve um bom número de servos do templo (*netinim*), a saber, duzentos e vinte. Esses fariam todo o trabalho árduo e sujo que os sacerdotes e levitas não fariam, para não diminuir a dignidade de suas funções. O profeta Baha-Ullah revelou algo importante quando disse: "Não obrigues outra pessoa a fazer um trabalho que tu mesmo não farias". Regras como essa são geralmente ignoradas em nossa sociedade. Por outra parte, "se *pagares* bem a outra pessoa para que faça um trabalho que não quiseres fazer, e essa outra pessoa regozijar-se diante do *dinheiro*, então estarás desculpado da regra e terás realizado um bom serviço. Mas se forçares um homem a fazer algo que não quiseres fazer, e lhe pagares *inadequadamente*, então te terás transformado em um mestre de escravos. E isso é claramente mal".

Todos eles mencionados nominalmente. Uma lista completa dos nomes dos servos do templo estava disponível, mas o cronista não se deu ao trabalho de mencioná-la. Nomes demais estavam envolvidos. Eles eram *conhecidos* e honrados por causa de seu trabalho. Sem dúvida, Ido tinha fornecido a lista para Esdras.

8.21

Apregoei ali um jejum. Ver sobre esta última palavra no *Dicionário*. Esdras tinha resolvido fazer uma longa e perigosa viagem. A proteção divina era neces-

sária. Assim, as orações eram reforçadas pelo *jejum* que falava em humildade e na necessidade de ajuda extra-humana. Dores e privações auto-infligicas tinham em mira influenciar o poder divino, por meio da piedade e da misericórdia, levando-O a atender o solicitador. Cf. ii Samuel 12.16 ss. e Isaías 58.3.

Para lhe pedirmos jornada feliz. A principal petição era uma viagem segura, livre do ataque de poderes hostis, fossem esses soldados ou ladrões, ou seja, homens ímpios e desarrazoados de qualquer tipo (ver II Tessalonicenses 3.2). Além disso, haveria perigos durante a jornada, como acidentes e enfermidades que poderiam prejudicar a todos, mas especialmente às crianças. Alguns estudiosos pensam que a palavra "jornada", aqui usada, é metafórica, a "jornada da vida", tornando a oração de Esdras generalizada. O caminho do Novo Israel seria abençoado por Deus, se tivesse de ser bem-sucedido, mas a outra idéia provavelmente é o que está em destaque aqui.

Para nossos filhos. O que mostra que famílias inteiras estavam de partida para Jerusalém, mulheres e crianças, perfazendo um grande grupo de quatro mil a cinco mil peregrinos. As crianças necessitariam de cuidados divinos especiais, como é sempre o caso.

Para tudo o que era nosso. Os judeus estavam viajando com muita bagagem, o que os ajudaria a estabelecer residência em Jerusalém. Também haveria os tesouros do templo quanto ao culto divino. Haveria grande perigo de saque.

É provável que eles tenham levado consigo animais domésticos, alguns para serem abatidos nos sacrifícios e outros para servirem de alimento e no trabalho. Isso representava "riquezas" que tinham que ser protegidas. O pequeno bando, mui provavelmente, também seguia armado, mas não seria capaz de resistir muito a um ataque. O livro de I Esdras menciona *animais de porte*.

8.22

Porque tive vergonha de pedir ao rei, exército e cavaleiros para nos defenderem. *Esdras* tinha-se jactado tanto de que ele e seu povo contavam com a "proteção divina" que se envergonhou de pedir ao rei uma escolta militar, o que teria sido sábio, e, sem dúvida, concedido gratuitamente. Meus amigos, as pessoas que sempre dizem "o Senhor", "o Senhor", com freqüência deixam entrever uma espiritualidade superficial. Os judeus tinham razão ao usarem raramente os nomes divinos, por motivo de respeito. Muitas pessoas fazem de Deus seu *bichinho de estimação*, ao qual apelam sempre que isso lhes apetece, para que atenda às suas menores necessidades. Algumas pessoas "usam sua fé religiosa na manga da camisa", conforme alguém já disse. Em outras palavras, vivem ansiosos por exibi-la. O próprio Esdras parece ter exagerado em sua fala *piedosa*. Em contraste com Esdras, Neemias aceitou prontamente uma escolta militar quando chegou a vez de voltar a Jerusalém (ver Neemias 2.9).

Um Paralelo Histórico. Quando os primeiros peregrinos ingleses se dirigiram às terras que atualmente são os Estados Unidos da América, buscando liberdade da perseguição religiosa e uma nova maneira de viver, a jornada foi preparada tal como no texto à nossa frente, pela oração e pelo jejum, e a presente passagem foi lida — dando-lhes um paralelo histórico. Corria o ano de 1620. Eles estavam seguindo para uma "costa dura e cheia de pedras" (Felicia Dorothea Hemans, "The Landing of Pilgrim Fathers"), que eu e minha família visitamos alguns anos atrás. De fato, ainda tenho um pequeno seixo que juntei no próprio lugar onde eles desembarcaram, a saber, o porto de Plymouth Rock. Metade do grupo que viajou no veleiro Mayflower (no qual eles viajaram) pereceu devido ao severo inverno que tiveram de enfrentar, porquanto, infelizmente, chegaram na época errada do ano. Assim nasceram os Estados Unidos da América. A viagem foi bem-sucedida. Assim também nasceu o Novo Israel. A viagem de Esdras e de seus companheiros foi bem-sucedida.

8.23

Nós, pois, jejuamos, e pedimos isto. A essência do versículo anterior é repetida aqui, para efeito de ênfase. O cronista nos fala sobre a sinceridade do jejum e das orações. Algumas vezes, precisamos de ajuda que ultrapassa nossa sabedoria e experiência. A petição deles foi aceita por Yahweh, assim também tiveram uma viagem segura. O propósito deles foi honrado, e foram capacitados a cumpri-lo.

8.24

Então separei doze dos principais. *Os Doze Representantes*. Cf. o vs. 2. Esses homens, que mereciam toda a confiança, receberam os principais valores que levaram na viagem. A tarefa deles era cuidar para que cada peça do *tesouro* chegasse a Jerusalém. Aqueles homens foram *separados* para sua tarefa especial. *Doze*, mui provavelmente, representavam as doze tribos de Israel, embora, de fato, essas tribos não existissem mais. Não obstante, o Novo Israel estava substituindo o antigo Israel, e era, simbolicamente (embora não como uma realidade), o país das doze tribos. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Número (Numeral, Numerologia)*, quanto à importância e aos simbolismos dos números na Bíblia e em outros lugares.

Serebias, Hasabias. Estes dois judeus não eram sacerdotes, conforme aprendemos nos vss. 18 e 19, mas líderes dos levitas recém-adquiridos por Esdras (vss. 18 e 19). Josefo (*Antiq.* XI.5.2) identificou-os como "tesoureiros que eram de descendência sacerdotal".

Seus irmãos. Isto é, companheiros levitas. Devemos distinguir Serebias e Hasabias dos *sacerdotes* previamente mencionados. "Os sacerdotes *e...*" que é como lemos em I Esdras.

Os Números. Havia *doze sacerdotes* (não mencionados por seus nomes), e também *Serebias* e *Hasabias*, e mais dez levitas. Isso compunha um número total de vinte e quatro homens, que foram encarregados de tomar conta dos tesouros. Doze homens eram sacerdotes; doze homens eram levitas (não descendentes de Arão).

8.25

Pesei-lhes a prata e o ouro e os utensílios que eram a contribuição. *Houve Vários Contribuintes*. O rei da Pérsia e seus conselheiros, seus príncipes e todo o Israel haviam contribuído generosamente para tornar possível a viagem, e para que o culto divino em Jerusalém tivesse livre curso. Ver Esdras 7.15,16. Os persas tinham dado livremente, porque o coração deles também estava envolvido na questão. A palavra "príncipes" é aqui adicionada, a qual I Esdras e Josefo deixaram de fora. Parte do tesouro era composta de metais preciosos não transformados em objetos, provavelmente sob a forma de barras e lingotes, e seus pesos foram determinados (vs. 26). Além disso, havia os vasos, objetos que tinham sido manufaturados com metais preciosos. Alguns desses vasos deveriam ser usados no culto do templo, mas outros eram apenas objetos valiosos que aumentavam o poder monetário do templo e dos judeus. Os versículos ensinam-nos a *necessidade de dinheiro* no caso de qualquer projeto digno, bem como a necessidade de presentes voluntários. Isso supõe que os doadores têm um *coração inclinado* a dar.

> Deus pode fazer-vos abundar em toda graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra.
>
> (Ii Coríntios 9.8)

Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Liberalidade e Generosidade*.

8.26

Entreguei-lhes nas mãos seiscentos e cinqüenta talentos de prata. *Os Pesos Envolvidos*. Havia seiscentos e cinqüenta talentos de prata, ou seja, cerca de 19.500 quilogramas. Esse peso era de metal não-trabalhado. Também havia objetos de prata, no peso de cem talentos, ou seja, cerca de três toneladas. Naturalmente, o *talento* variava de peso de cultura para cultura e de tempos em tempos. O talento babilônico parece ter pesado cerca de trinta quilogramas. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Pesos e Medidas*, sobretudo IV.a.

Em *ouro*, havia cem talentos, cerca de três toneladas. Os críticos supõem que esses valores tenham sido *ideais* (e não literais), pois ilustrariam a generosidade dos doadores. Por outra parte, os persas eram ricos e poderosos, e não sentiriam falta dessa quantia de dinheiro.

> Qual dentre vós é o homem que, se seu filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra?
>
> (Mateus 7.9).

Esdras era um homem de oração e pedira que Yahweh abençoasse o seu projeto. Portanto, sendo ele um *filho de Deus*, obteve o que tinha pedido. Tudo quanto temos de fazer é pedir.

8.27

Vinte taças de ouro de mil dracmas. Além dos pesos maciços descritos no versículo anterior, havia *vinte* valiosas taças de ouro, no valor de mil dracmas, e dois vasos de bronze trabalhado de forma excelente, *lustroso e fino*, tão valioso como o ouro. Não sabemos como calcular, nos tempos modernos, a *dracma*, e qualquer conjectura é inútil. A dracma era uma moeda. Aquelas que se acham atualmente no Museu Britânico pesam 128,4 grãos, e alguns estudiosos calculam seu valor em cerca de US$5. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Dinheiro*. A *dracma* derivava seu nome de *Dario*, o imperador persa. Essa moeda pesava cerca de 130 gramas. Ver a seção II do artigo mencionado.

8.28

Disse-lhes: Vós sois santos ao Senhor, e santos são estes objetos. Tanto os valores como os recebedores dos presentes (os seus guardadores) eram *santos*, isto é, separados e dedicados a Yahweh e a seu culto. Aqueles homens tinham uma incumbência sagrada. Eles estariam conscientes sobre a questão.

"Um versículo extraordinário em todos os aspectos. Os tesouros eram consagrados, e foram entregues a mãos consagradas. Uma boa custódia deveria ser dada a eles, até serem entregues aos tesoureiros do templo" (Ellicott, *in loc.*).

8.29

Vigiai-os e guardai-os até que os peseis na presença dos principais sacerdotes. Os guardiães dos objetos sagrados teriam de *prestar contas* deles. Nenhum homem ousaria ocultar um vaso de prata entre a sua bagagem! Os oficiais judeus, em Jerusalém, verificariam a questão toda. E os tesouros seriam seguramente depositados na tesouraria do templo.

A Lição Espiritual. A própria vida é um *depósito sagrado*, e somos responsáveis pela maneira como usamos os nossos talentos. Ver a parábola dos talentos, em Mateus 25.14 ss. Algum dia teremos de comparecer diante das autoridades espirituais apropriadas para prestar contas sobre como usamos nossos dons, até que ponto cumprimos a nossa missão, e até que ponto fomos negligente e falhamos. Pensamento solene! Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Galardão*. Ver também, no *Dicionário*, o artigo chamado *Julgamento do Crente por Deus*.

Devo partir de mãos vazias,
Para encontrar assim meu Redentor?
Sem dar-Lhe um dia sequer de serviço,
Sem depositar um só troféu a seus pés?

(C. C. Luther)

"Não é um tolo aquele que dá aquilo que não pode reter, a fim de ganhar aquilo que não pode perder" (James Elliott, missionário evangélico martirizado por índios do Equador).

"Somente pessoas santas deveriam manusear coisas santas" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o vs. 28).

8.30

Então receberam os sacerdotes e os levitas. Os *vinte e quatro homens* (vs. 24), doze sacerdotes e doze levitas, tendo recebido os objetos, deram finalmente conta de sua missão sagrada. O templo, a casa de Elohim, era o alvo deles, e ali ouviram o "muito bem, servos fiéis" (ver Mateus 25.21 e 23). O templo celestial é o alvo de todos. O "muito bem" é a recompensa potencial de todos os crentes.

Partida e Chegada do Segundo Grupo de Judeus (8.31-36)

O trecho paralelo é I Esdras 8.61-64.

8.31

Partimos do rio Aava, no dia doze do primeiro mês. "O primeiro estágio da viagem para Jerusalém começou no primeiro dia do primeiro mês (Esdras 7.9), no sétimo ano do governo de Artaxerxes (Esdras 7.7,8). Mas Josefo, tendo baseado sua narrativa em I Esdras 8.6 (= Esdras 7.8), erroneamente iniciou a viagem durante o sétimo ano de Xerxes (479 A. C.), o que é cedo demais. A demora em Aava (Esdras 8.15 ss.) tomou algum tempo, mas, depois que foram conseguidos os servos do templo e que a caravana foi organizada, a partida ocorreu no décimo segundo dia do primeiro mês (16 de abril de 398 A. C.)" (Raymond A. Bowman, *in loc.*).

A viagem levou quatro meses, culminando em Jerusalém no primeiro dia do quinto mês (Esdras 7.9), a saber, a 31 de julho de 398 A. C. Isso incluiu demoras na Síria, para depois os viajantes rumarem para o sul, em direção a Jerusalém. Estrabão, em sua obra *Geografia* XVI.1.8,26,27, ofereceu-nos uma descrição da mesma rota que os hebreus usaram nessa jornada. Ele diz que essa viagem tomava vinte e cinco dias, desde os vaus do rio Eufrates (localizados em Antemusia), até Scenae (= Aava), se um homem viajasse de camelo. Esdras, com toda a bagagem, mulheres, crianças e animais domesticados, naturalmente precisou de algum tempo mais do que esses vinte e cinco dias. As caravanas de mercadores, com seus camelos, viajavam de primeira classe. Esdras viajou, definitivamente, na classe econômica.

Esdras e seus companheiros de viagem oraram e jejuaram, pedindo segurança (vss. 22 e 23 deste capítulo), e Elohim concedeu-lhes o que tinham pedido. A mão de Deus estivera sobre eles, ou seja, Sua proteção e orientação. Essa expressão é usada por oito vezes na unidade literária de Esdras-Neemias. Ver Esdras 7.6,9,28; 8.18,22,31; Neemias 2.8,18.

A distância total era de cerca de mil, quatrocentos e cinqüenta quilômetros. O acampamento deles, em Aava (Esdras 8.15), onde permaneceram por três dias, ficava a talvez 160-210 quilômetros de Babilônia, ou seja, nove dias de viagem daquela cidade. Praticamente nada foi relatado sobre a viagem, parcialmente porque nada de especial interesse aconteceu então. Os saqueadores não tomaram a vida deles miserável. Ninguém adoeceu; ninguém morreu; ninguém voltou para a Babilônia. Eles gozaram de "misericórdias divinas na viagem", conforme as pessoas costumam dizer de uma viagem sem incidentes. A mão de Elohim estava sobre eles.

8.32,33

Chegamos a Jerusalém. *Tendo chegado na capital da província de Judá*, os viajantes descansaram por *três dias*, pondo as coisas em ordem, arranjando lugares onde permanecer, se isso fosse possível. No *quarto dia* (vs. 33), a bagagem preciosa (vss. 25-27) foi seguramente entregue às autoridades constituídas de Jerusalém. Essa missão aconteceu honesta e seguramente.

O filho de Urias, um sacerdote, chamado Meremote (ver no *Dicionário*), recebeu a incumbência de pesar todas as coisas preciosas que tinham sido trazidas. Eleazar, descendente de Finéias, ajudou-o na tarefa. Meremote é mencionado como quem viera da Babilônia em uma ocasião anterior (Esdras 2.61). Ele pertencia à família de Cós, mas não fora capaz de autenticar seus direitos como sacerdote (Esdras 2.61,62). Em Neemias 3.4,21, ele é mencionado sem um título sacerdotal, mas no presente versículo aparece como filho de Urias, um sacerdote. Presumivelmente conseguiu provar seu ofício mediante alguma espécie de investigação, que ele ou outros fizeram (ver Esdras 2.63).

Talvez *Eleazar* deva ser identificado com o homem do mesmo nome (ver Esdras 10.18) que se havia casado com uma esposa estrangeira. Houve testemunhas da contagem dos tesouros, a saber, Jozabade e Noadias, de forma que toda a verificação dos valores foi feita com o máximo cuidado. Ver Neemias 3.4,21,24 quanto a uma repetição dos nomes dos oficiais do templo.

8.34

Tudo foi contado e pesado. Um *documento escrito* foi providenciado na ocasião, dando todos os detalhes dos tesouros enviados. Portanto, seria fácil averiguar cada item, determinar seu peso e demonstrar, de modo absoluto, que aqueles que tinham recebido a incumbência de trazer os artigos preciosos para Jerusalém haviam sido honestos em seu trabalho. Não houve falta de nenhuma peça. Tudo chegou conforme era esperado, pois "a mão de Elohim estava sobre eles" (ver o vs. 31). Esse documento foi então guardado para referências futuras, caso houvesse alguma dúvida sobre a questão. Presumivelmente, antes de esse documento ser preparado, já havia outro, trazido pelos viajantes, a fim de que fosse feita a verificação de cada item. Então um *documento oficial*, preparado por algum oficial do templo, foi guardado para referência futura.

8.35

Os exilados que vieram do cativeiro. *A comemoração pelas vitórias* exigiu sacrifícios que foram: um sacrifício como expiação pelo pecado, que constou de doze novilhos, noventa e seis carneiros, setenta e sete cordeiros e doze bodes. Eram tempos de regozijo e ação de graças. Cf. este versículo com Esdras 7.17, onde listei os tipos de sacrifícios que foram realizados. O rei persa tinha antecipado a forma pela qual os judeus celebrariam com sacrifícios e oferendas, provendo material suficiente para essa atividade. A primeira coisa que fizeram os primeiros judeus a retornar a Jerusalém (aqueles que tinham vindo com Zorobabel) foi levantar um altar e realizar sacrifícios, tanto como celebração pelo retorno quanto como um prelúdio do restabelecimento do culto de Yahweh no segundo templo. Quanto a essa questão, ver Esdras 3.3 ss. De fato, os *sacrifícios* faziam parte do âmago do judaísmo, e isso foi substituído no cristianismo pelo sacrifício de Cristo na cruz do Calvário (Hebreus 10). A morte de Cristo proveu um acesso superior, que os sacrifícios levíticos apenas simbolizavam. Cf. também Esdras 6.17, que fala da dedicação do segundo templo. Os mesmos *quatro* tipos de sacrifícios foram feitos: novilhos (ao que tudo indica, cada qual representando uma das doze tribos de Israel); carneiros; cordeiros e bodes. Esse episódio de sacrifício, entretanto, envolveu menos animais do que por ocasião da dedicação. Ver as notas naquele lugar, que também se aplicam aqui. Os números foram: cem novilhos, duzentos carneiros, quatrocentos cordeiros e doze bodes. Aqui os números são doze, noventa e seis, setenta e sete, e doze, respectivamente. Mas coisa alguma pode ser comparada aos sacrifícios oferecidos por Salomão na dedicação do primeiro templo: vinte e dois mil novilhos; cento e vinte mil carneiros; vinte mil ovelhas! Ver I Reis 8.63. Nas referências dadas, ofereci detalhes sobre os sacrifícios, sobre os participantes e sobre os significados, o que não reitero aqui.

8.36

Então deram as ordens do rei. Esdras teve o cuidado de entregar a todos os delegados do rei, na província da qual Judá pertencia, a carta-decreto que havia sido formulada (ver Esdras 7.1 ss.). Esses delegados (príncipes, governadores, sátrapas e inspetores) ficaram tão entusiasmados com o que leram e viam acontecendo em Jerusalém, que toda a oposição contra os judeus desapareceu como por encanto, e eles deram generosos presentes ao templo e ao Novo Estado de Israel.

Deste lado do Eufrates. Ou seja, ao sul e a oeste do rio Eufrates, o modo comum de identificar a província da qual Judá fazia parte. Cf. Esdras 4.10,11; 5.3,6; 6.13; 8.36; Neemias 3.7; 4.18. Está em pauta a região siro-palestina, ou seja, a satrapia da Babilônia-Transeufrateana.

Estes ajudaram o povo. Os oficiais persas ajudaram o Novo Israel. "Ajudaram" é tradução de um verbo que significa "levantar", "carregar". Eles lhes deram o *apoio* necessário em todos os seus empreendimentos. Josefo (*Antiq.* XI.5.2) comentou favoravelmente a respeito dessa ajuda, mas supõe que os ajudadores tenham sido compelidos pelas ordens de Artaxerxes. O cronista, entretanto, não fez soar uma única nota azeda sobre a questão. Seja como for, o fato é que tanto o templo como os habitantes de Jerusalém receberam ajuda.

O *cronista* estava convencido de que Israel-Judá tinha sido restaurado em seu minúsculo fragmento de uma única tribo, Judá. Os cativeiros assírio e babilônico (ver a respeito no *Dicionário*) quase puseram fim nos israelitas-judeus. Note como o vs. 35 tem os *doze* novilhos que foram sacrificados, provavelmente tipificando as doze tribos de Israel, agora representadas pelo minúsculo fragmento de Judá. A *autoridade política* dependia de Zorobabel, descendente de Davi, que se tornou governador do minúsculo estado judeu. E a *autoridade espiritual* era exercida pelos sacerdotes e levitas. Nada mais era necessário, embora muito mais fosse desejável.

Uma Curiosa Anotação. O comentário de Adam Clarke, algumas vezes, assemelha-se a uma antiga loja de curiosidades, com itens estranhos, alguns dos quais precisaram de muita pesquisa para serem escritos, aparecendo aqui e acolá entre bons comentários, devo acrescentar. No versículo 36 ele informa aos seus leitores que ele fora capaz de preparar um tratado sobre as etimologias dos vocábulos persas empregados no livro, mas resolveu não apresentá-lo porque "...provavelmente, depois de minha labuta, poucos de meus leitores agradeceriam por meus esforços". Depois de meus trabalhos por quase trinta anos, tenho recebido muita crítica e muito louvor: crítica por crenças que diferem da corrente principal; louvor porque muita informação tem sido conferida a meus leitores. "Lamentações? — tenho apenas algumas, mas na verdade, poucas demais para serem mencionadas".

Capítulo Nove

Divórcio Forçado das Esposas Estrangeiras: A Purificação (9.1 - 10.44)

O *separatismo* na sociedade israelita-judaica corria segundo linhas tanto doutrinárias quanto raciais. Israel deveria ser um povo distintivo, e isso por meio da legislação mosaica (ver Deuteronômio 4.4-8). Salomão provocou sua queda no pecado devido aos seus muitos casamentos com mulheres pagãs (ver I Reis 11). Naturalmente, havia aquela provisão mediante a qual uma esposa estrangeira (não descendente de Abraão através de Jacó) poderia converter-se à fé dos hebreus, e isso a tornaria uma mulher hebréia. Devemos lembrar, além disso, que Israel matava constantemente homens em suas expedições militares, e levava as mulheres estrangeiras para aumentar seus haréns. Presumivelmente, essas mulheres também eram forçadas a tornar-se hebréias, mediante a fé. Mas Esdras era um sacerdote *purista*, um separatista *radical*. Ele não ordenou aos judeus que se tinham casado com mulheres estrangeiras que as encorajassem a tornar-se hebréias por meio da fé (o que seria aceitável diante da legislação mosaica). Ele simplesmente ordenou maciços divórcios. Ele queria estar livre da influência pagã e de laços raciais. Ele queria que Israel tivesse um *novo* e *puro* começo. Naturalmente, muitos se não mesmo a maioria dos judeus vinham de pais racialmente misturados. Poucas famílias não se tinham misturado por casamento com estrangeiros. Assim também, hoje em dia, haverá algum judeu que não se tenha misturado com outras culturas e grupos étnicos? Uma única fé continua unindo os *judeus*, mas que eles são racialmente misturados, isso são. Esdras, entretanto, não queria ter nada que ver com esse tipo de judaísmo. Pelo menos, queria reduzir esse risco a um mínimo.

O exílio babilônico tornou a *contaminação* um caso de grande envergadura. Esdras estava à procura de uma *raça santa*, judeus que o fossem tanto por questão de *raça* como por questão de fé hebraica. O primeiro versículo deste capítulo alerta-nos para o fato de que os próprios levitas estavam corrompendo-se com as *abominações* (idolatria, especificamente) dos pagãos. No paganismo havia grande variedade, pois cada cultura contribuía com seu conjunto próprio de corrupções, incorporando as corrupções de outros povos. O cronista, isso posto, listou os "ofensores estrangeiros" no primeiro versículo do capítulo. Zorobabel tinha rejeitado a ajuda dos samaritanos, na construção do templo, por causa de sua contaminação espiritual. Ver Esdras 4.3. Esdras, entretanto, levou a questão um passo adiante. Ele forçaria os judeus a divorciar-se de suas mulheres estrangeiras, a fim de que Judá fosse limpo pelo lado de dentro.

O sexto versículo deste capítulo mostra a extensão em que os judeus se tinham poluído. Imundícia e abominações abundavam na Terra Prometida, e Esdras estava envergonhado diante da situação. E os casamentos mistos não constituíam o único problema. Assim sendo, em lugar de tentar *reparar a massa*, fazendo as mulheres converter-se à fé dos hebreus, Esdras aplicou uma operação radical para livrar-se do câncer social, e forçou divórcios. Como é natural, isso deixou muitos lares desmanchados. Esdras 10.44 foi vazado em um hebraico obscuro, e não nos diz, com certeza, o que aconteceu às crianças. Mas os trechos paralelos de I Esdras e Neemias deixam claro que os filhos foram mandados embora com suas mães. Ver as notas em Esdras 10.44 quanto aos detalhes.

Casamentos Mistos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Matrimônio*, em sua seção IX. Quanto ao tratamento que Paulo deu à questão (crentes casando-se com não-crentes), ver a *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* em seu artigo chamado *Casamento Misto*.

9.1

Acabadas, pois, estas cousas. Ou seja, os eventos do oitavo capítulo de Esdras — a chegada, em segurança, do segundo grupo de judeus que retornava do cativeiro babilônico (cf. Esdras 7.8,9). Mas Josefo fala em "algum tempo depois", ou seja, cinco meses (14 de dezembro de 398 A. C.). Se essa é a cronologia correta, então devemos inserir aqui, entre os capítulos 8 e 9 de Esdras, os eventos narrados em Neemias 7.70-8.18. E, nesse caso, "estas coisas" fariam referência à aceitação da lei pelo povo e à celebração da festa dos tabernáculos (ver Neemias 8.1-18). Quanto a notas expositivas sobre as perturbações cronológicas na unidade Esdras-Neemias, e uma sugerida reconstituição de eventos, ver as notas de introdução antes da exposição de Esdras 1.1, em seu oitavo parágrafo.

O Mau Relatório. Tudo estava correndo tão bem; mas então a cabeça feia da idolatria e do paganismo surgiu de novo. O relatório que Esdras recebeu dizia que até sacerdotes e levitas estavam envolvidos, e não somente o povo comum. O cronista alistou várias nações pagãs que sempre exerceram má influência sobre Israel. Isso não quer dizer que todos aqueles povos, naquela época, estavam envolvidos no assédio espiritual contra o povo de Israel. Antes, esses eram os inimigos espirituais padronizados. Ver os artigos sobre cada um deles no *Dicionário*. Ver também o verbete chamado *Idolatria*. A idolatria era a fonte principal de corrupção, porquanto trazia consigo as atitudes e os atos básicos dos povos pagãos. Em lugar dos amorreus, I Esdras lista os *edomitas*. É provável que essa lista de povos tenha sido tomada por empréstimo, pelo cronista, do capítulo 7 do livro de Deuteronômio (especialmente os vss. 1 e 3,4), o que foi uma advertência a Israel contra o que estava acontecendo nos tempos de Esdras. Sete povos estavam envolvidos na lista do livro de Deuteronômio, a qual foi levemente expandida pelo cronista.

9.2

Pois tomaram das suas filhas para si e para seus filhos. Os *casamentos mistos* com os povos que habitavam a Terra Prometida eram a *principal causa* das dificuldades. Esposas pagãs corrompiam a *raça santa* e levavam o povo a toda espécie de *práticas detestáveis* (ver Esdras 9.11,14). Cf. o caso mais notório de todos, pertencente a esse tipo de coisas, o caso de Salomão (ver I Reis 10). Ver sobre *casamentos mistos* no artigo intitulado *Matrimônio*, em sua seção IX. O próprio Moisés teve uma esposa egípcia, Zípora, e mulheres pagãs chegaram a entrar na linhagem do Messias, especificamente Raabe e Rute. Uma mulher estrangeira que se convertesse à fé dos hebreus tornava-se uma hebréia, de maneira que, se a lei mosaica proibia casamentos mistos, havia sempre essa válvula de escape. Mas Esdras não estava interessado em converter uma massa de mulheres pagãs; ele meramente queria extirpar o câncer, e uma operação radical exigia divórcios em massa. E foi isso, precisamente, o que aconteceu. Ver a introdução a este nono capítulo quanto a detalhes e discussões sobre o problema.

A linhagem santa. Cf. Êxodo 19.6 e Isaías 6.13. Ver o caráter *distintivo* do povo de Israel, em Deuteronômio 4.4-8. A legislação mosaica era a base dessa distinção, e essa lei requeria que os casamentos se fizessem entre hebreus e hebreus. Ver Deuteronômio 7.1,3. Cf. Malaquias 2.13-15.

Foram os primeiros nesta transgressão. A Septuaginta diz aqui "quebra do pacto", pois o pacto mosaico (anotado na introdução ao capítulo 19 do livro de Êxodo) fora desobedecido por meio desse e de outros pecados. Cf. I Crônicas 9.1; 10.13; II Crônicas 28.19; 29.19; 33.19 e 36.14.

9.3

Rasguei as minhas vestes e o meu manto. Um ato que expressava profunda consternação, e que anotei detalhadamente no artigo do *Dicionário* intitulado *Vestimentas, Rasgar das*. Mas Esdras chegou ao extremo de arrancar alguns de seus cabelos, tanto da cabeça como da barba! Então, com sua cabeça e seu rosto doendo, e sua túnica e seu manto rasgados, ele se sentou, *perplexo* diante do que estava acontecendo. Foi assim que o cronista retratou um vívido quadro de profundo desgosto e espanto, que abalara o piedoso sacerdote, Esdras, o qual não podia compreender esses lapsos de espiritualidade. Cf. Isaías 15.2.

Virgílio tem um episódio similar (*Aeneid.* 12), que fala em arrancar os cabelos por motivo de consternação. Rapar os cabelos da cabeça também era um sinal de consternação, mas a lei de Moisés não permitia tal coisa (ver Levítico 19.27). Quanto ao arrancar dos cabelos, ver também Amós 8.10; Jeremias 16.6; Ezequiel 7.18 e Jó. 1.20. Isso era feito em lugar de rapar os fios de cabelos, pois, conforme já dissemos, a lei mosaica não permitia esse ato aos judeus. O ato servia de sinal comum de lamentação e tristeza, em tempos de aflição. Josefo (*Antiq.* XI.5.3) supunha que esse aspecto da tristeza de Esdras se deveu à sua antecipação de que Judá não ouviria os apelos tendentes à reforma, fazendo-a permanecer em seu deplorável estado social. Em outras palavras, ele estava preocupado com o dia de amanhã, e não apenas com o dia de hoje.

9.4

Então se ajuntaram a mim todos os que tremiam das palavras do Deus de Israel. *Outros israelitas*, que também se espantaram diante do que estava acontecendo, reuniram-se em torno de Esdras, em uma espécie de reunião informal. Esdras e, presume-se, aqueles que se juntaram em redor dele ficaram ali sentados, em sua *perplexidade* até o tempo do sacrifício vespertino. Planos radicais estavam precipitando-se na mente de Esdras. Ele não permitiria jamais que aquela situação prosseguisse. Esdras estava "esfumaçando", conforme diz uma expressão moderna. Ele conhecia tudo sobre aquela síndrome do pecado-calamidade-julgamento que havia assinalado quase a história inteira de Israel e de Judá. O cativeiro babilônico era um vívido incidente disso. Portanto, ali estava Judá, de volta a seus antigos pecados, e Yahweh já olhava de soslaio para eles, levantando Sua espada uma vez mais. Ver Isaías 66.2.

"A cena terrível de Esdras, jazendo rasgado e amarrotado na rua, diante do templo (ver Esdras 10.1), atordoado diante do choque da terrível notícia, naturalmente atrairia uma multidão de judeus piedosos" (Raymond A. Bowman, *in loc.*).

A Oração de Esdras (9.5-15)

Ver o paralelo em I Esdras 8.74-90.

9.5

Esdras, cansado de estar ali sentado, vencido pela tristeza, tendo participado do sacrifício vespertino (ver no *Dicionário* o verbete chamado *Sacrifício Vespertino*), levantou-se para orar. Havia rasgado as suas vestes e o seu manto, e formava uma cena patética. Ele buscou uma solução para o seu problema em *oração* (ver a respeito no *Dicionário*).

Mais coisas são obtidas mediante a
oração do que se sonha.

(Tennyson)

Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis;
batei, e abrir-se-vos-á.

(Mateus 7.7)

Provavelmente, esta oração foi retirada das memórias de Esdras. A seção das memórias é Esdras 7.27-9.15. A oração foi psicológica e historicamente apropriada, e muito relevante para a ocasião. Portanto, não a atribuímos ao cronista como sua invenção.

Estendi as mãos para o Senhor meu Deus. Esdras estava ajoelhado, mas suas mãos estavam erguidas, em súplica a Yahweh-Elohim. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de*. Esdras estava na "... postura e gesto de um humilde suplicante" (John Gill, *in loc.*).

9.6

E disse: Meu Deus! *Confissão de Pecados*. Note a primeira pessoa do plural, "nossas (iniqüidades), nossa (cabeça)". Esdras, o líder do povo, incluiu a si mesmo na comunidade, por estar intimamente associado a ela, embora não participasse pessoalmente dos pecados da comunidade. Ele estava *envergonhado* da triste condição do Novo Israel. Essa triste condição fora criada por um grande dilúvio de iniqüidades e transgressões. O povo de Israel não era inocente. Eles sabiam o que a lei dizia, mas mesmo assim ignoravam os mandamentos da lei. Esdras, por sua vez, era inocente, mas estava envergonhado por causa de sua íntima associação com aqueles pecadores. Comparar o caso de Esdras com o caso de Moisés, que chegou a querer ser riscado do livro da vida de Deus, se o povo culpado fosse cortado (ver Êxodo 32.32,33). A confissão de pecados, quando é sincera, traz atrás de si o perdão divino (ver I João 1.9). Com freqüência, tem de sobrevir alguma espécie de julgamento, que não toca na alma, em concordância com a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver no *Dicionário*). Esdras, pois, procurava evitar isso.

Os deuses são justos, e fazem nossos vícios,
a nós agradáveis, instrumentos que nos perseguem.

Quando me pedires uma bênção, eu me ajoelharei
E te pedirei perdão. Portanto, viveremos
E oraremos e cantaremos, diremos contos antigos
e nos riremos.

(Shakespeare)

9.7

Desde os dias de nossos pais até hoje. *O Passado Pecaminoso*. A mente de Esdras varreu a história passada de Israel-Judá e viu ali cenas de pecado, terror e violência. A antiga síndrome do pecado-calamidade-julgamento tinha operado por muitas vezes. Yahweh nunca deixou de ferir os pecadores.

Meio crentes superficiais, em nossos credos casuais,
Que nunca sentiram profundamente,
nem claramente quiseram
Cujo discernimento nunca produziu fruto sob a
forma de ações,
Cujas vagas resoluções nunca se cumpriram.

(Matthew Arnold)

Por isso mesmo houve *espada* (II Reis 25.6,7,20,21); *cativeiro* (II Reis 17.5,6); *saque* (II Reis 24.13); *confusão de rosto*, ou seja, *vergonha* (Jeremias 7.19; Salmo 44;15; Lamentações 2.15,16). Todas essas expressões simbolizavam julgamentos da parte de Yahweh.

Os Cativeiros. A revisão da história de Israel-Judá com certeza fala especificamente do *cativeiro assírio* de Israel (o norte, as dez tribos; 722 A. C.); e do *cativeiro babilônico* de Judá (o sul, as duas tribos; 586 A. C.). Ver sobre ambos os eventos no *Dicionário*. Esses cativeiros foram "julgamentos culminantes" contra povos pecaminosos.

Reis Estrangeiros. Sargão II foi o rei da Assíria que se atirou contra as tribos do norte e as levou em cativeiro; e Nabucodonosor foi o rei da Babilônia que levou as tribos do sul para o exílio. Eles foram os instrumentos de terror de Yahweh.

Como hoje se vê. As antigas iniqüidades, que tinham produzido todo aquele mal, estavam voltando. Judá nada tinha aprendido, apesar de todos os seus sofrimentos. O pecado estava presente, e a punição teria, inevitavelmente, de acontecer.

9.8

Agora por breve momento se nos manifestou a graça da parte do Senhor. Um breve momento de *favor divino* tinha restaurado o minúsculo remanescente de Judá a Jerusalém, possibilitando que o Novo Israel se reerguesse das cinzas. Yahweh-Elohim era o autor desse breve momento. Muito ainda tinha de ser feito para criar *boas raízes* ao Novo Israel na Terra Prometida. O povo continuava escravizado a um poder estrangeiro, a Pérsia; e assim Esdras orou para que seus olhos entristecidos e úmidos de lágrimas recebessem algo da Luz Divina para iluminar a carga que eles carregavam. O templo havia sido reconstruído. O Santo dos Santos estava ali novamente. Foi necessário muito poder esforço para que esse trabalho se realizasse. E seria necessário mais poder divino e graça para terminar a tarefa que era agora, essencialmente, fortalecer aquele povo teimoso.

Estabilidade. O original hebraico diz aqui, literalmente, *preso pelos pinos*. O povo nômade de Judá, tão inclinado às perambulações literais e espirituais, tinha posto um único pino de tenda em Jerusalém, quando o templo foi construído, e as

coisas estavam sendo novamente normalizadas naquele lugar. Mas os judeus tinham um domínio precário sobre o seu território.

9.9

Porque somos servos. *Judá* estava na escravidão, no seu cativeiro na Babilônia. E continuavam escravos da Pérsia, uma potência estrangeira, embora tivessem recebido permissão de voltar a Jerusalém. Esdras falava aqui do estado humilde e precário de Judá. É verdade que os persas os estavam favorecendo. Eles estavam de volta à sua terra por meio dos graciosos decretos de Ciro (Esdras 1) e de Artaxerxes (Esdras 7). O templo fora edificado e a construção das muralhas de Jerusalém tinha começado. Mas Judá, de volta a seus antigos pecados, estava à beira de destruir tudo quanto tinha sido feito, revertendo assim a boa maré dos acontecimentos.

Um muro de segurança. A palavra hebraica pode significar um "muro baixo" ou uma cerca em torno de vinhedos. Trata-se de uma palavra posterior e rara que tem deixado os intérpretes perplexos. Ver outros usos em Isaías 5.5 e Salmo 80.12. Em Números 22.24, o termo indica uma estrada marginal. Em Miquéias 7.11, pode apontar para a muralha de uma cidade, mas isso é controverso. A solução simples pode ser que a cidade fora, pelo menos em parte, restaurada. Isso nada contrariaria as lamentações posteriores de Neemias sobre as muralhas arruinadas de Jerusalém (Esdras 4.23). Tentativas anteriores de restaurar as muralhas de Jerusalém naturalmente incluíram rampas e muralhas. As muralhas de Judá e de Jerusalém podem ser uma simples tautologia. Pois aquilo que estivesse em Jerusalém estaria igualmente em Judá. Talvez algumas fortificações também tivessem sido construídas em outros lugares, no território de Judá.

9.10

Agora... que diremos depois disto? O pequeno progresso que fora feito poderia ser facilmente anulado pelo estado pecaminoso e lamentável do povo. Esdras perguntou a Yahweh o que poderia ser feito sobre a questão. Ele estava cansado de calamidades. Os versículos 11 e 12 apresentam uma base espiritual para as reformas radicais que Esdras estava perto de baixar. Yahweh tinha favorecido o remanescente, o que eles não mereciam. Não tinha havido a devida reação positiva dos judeus diante desse fato. Yahweh havia feito a sua parte; Judá fora pesado na balança e encontrado em falta.

9.11

Que ordenaste por intermédio dos teus servos, os profetas, dizendo. *Poluindo e Sendo Poluído.* A terra na qual Israel tinha entrado, sob o comando de Josué, era imunda. Estava cheia das abominações de povos pagãos. Havia formas intermináveis de idolatria, violência constante, pecados de toda sorte e até sacrifícios humanos. E, coroando tudo isso, havia aquela mania de matar e ser morto, em guerras sem-fins. O risco de o povo de Israel *contaminar-se* com tudo isso era muito alto, de modo que Yahweh dera avisos e exortara à *separação*. Havia uma *guerra santa* para eliminar as sete nações que ocupavam a Palestina, e talvez essa norma de terra arrasada mantivesse Israel como um povo limpo e distintivo. Ver sobre *Guerra Santa* em Deuteronômio 7.1-5; 20.10-18. Tudo isso era um *bom ideal*, que, porém, nunca funcionou na prática. *Sincretismo* era a palavra-chave que descrevia Israel, e não *separação*. Israel tinha incorporado os pagãos, e estes tinham incorporado Israel.

Os profetas. A oração de Esdras não citou nenhuma passagem particular, mas dá-nos uma espécie de mistura de idéias que podem ser encontradas nas Escrituras. Cf. Deuteronômio 7.1,3,12 e 23.6 quanto a exemplos. Ver também Levítico 18.24-30. O cronista, embora versado nas Escrituras (e outro tanto sem dúvida poderia ser dito a respeito de Esdras), não estava interessado em citações diretas e verbais. Ele escreveu livremente, e nos deu o centro geral de certas passagens do Antigo Testamento. Chamar esse centro geral de "descuidado e irresponsável", conforme faz uma de minhas fontes informativas, é naturalmente ridículo. "O mesmo estilo é observável no Novo Testamento" (Ellicott, *in loc.*).

9.12

Por isso não dareis as vossas filhas a seus filhos, e suas filhas não tomareis para os vossos filhos. Os vss. 11 e 12 dão a base espiritual para as reformas que Esdras estava prestes a ordenar e pôr em execução. Além de todas aquelas abominações aludidas no versículo 11, uma delas foi especificamente nomeada, e então estabelecida acima das outras: os casamentos mistos com os pagãos eram uma fonte interminável de contaminação da boa conduta. Essa separação tinha sido ordenada por Moisés (ver Deuteronômio 7.3), e Esdras estava prestes a *pôr dentes* nesse aspecto da legislação mosaica. A separação era algo *necessário* para a boa ordenação das famílias da terra, com suas leis inerentes. A terra passaria de pai para filho, e seria preservada para clãs e famílias (dentro das tribos). Como isso poderia ser feito se houvesse casamentos mistos produzidos pelos pagãos nas famílias de Israel? Além disso, havia o culto a Yahweh. Como esse culto seria preservado no nojento sincretismo criado pelos casamentos mistos?

Os judeus que se separassem para Deus teriam uma vida longa, resultado direto da obediência a Yahweh (ver Deuteronômio 4.1; 5.33; Ezequiel 20.11). Essa longa vida seria plena de bênção e prosperidade. *Bem-estar* seria a palavra-chave para os obedientes. Quanto à *paz* e à *prosperidade*, cf. Jeremias 33.9 e Lamentações 3.17. Israel não deveria buscar a paz com seus inimigos (ver Deuteronômio 23.6), mas fazer guerra santa contra eles, para limpar a terra. Eles seriam fortes em sua paz e prosperidade (Deuteronômio 11.8). Comeriam o produto da boa terra (reflexões de Gênesis 45.18,20 e Isaías 1.19). Esses comentários ilustram como as Escrituras foram livremente manuseadas na oração de Esdras. Ver também Levítico 18.24-30.

9.13,14

Depois de tudo o que nos tem sucedido. Estes dois versículos formam uma sentença interrompida abruptamente por um comentário parentético (vs. 13b). Essa expressão incompleta é característica do estilo do cronista" (Raymond A. Bowman, *in loc.*).

A *graça divina* esteve sempre presente. Yahweh-Elohim sempre dera a Israel mais do que esse povo merecia. Por outra parte, finalmente vinha o julgamento divino, o qual, algumas vezes, era de fato devastador. *Grandes transgressões* exigiam *grandes aflições*. A lei da semeadura e da colheita nunca tinha sido anulada, nem poderia sê-lo. Ver Gálatas 6.7,8, no *Novo Testamento Interpretado*, quanto a ilustrações abundantes.

Este restante que escapou. Esdras referia-se ao retorno dos exilados judeus da Babilônia, e à restauração que estava ocorrendo em Jerusalém. Um remanescente tinha escapado (vs. 8). Josefo comentou sobre este versículo: "Pois embora tivessem feito coisas que mereciam a morte, estava em consonância com a bondade de Deus isentar tão grandes pecadores da punição" (*Antiq.* XI.5.3).

Mas outra transgressão contra a lei, depois de tanta misericórdia haver sido demonstrada (vs. 15), pôs Judá bem debaixo do desfavor de Yahweh. Havia a *ira divina*, com a qual os judeus que tinham retornado da Babilônia precisavam tratar, conforme nos lembra o versículo 15. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Ira de Deus*. A ira divina poderia pôr um final no Novo Israel. Quão perto esteve de ser encerrado o livro da história de Israel-Judá! Deus podia fechar esse livro, de uma vez para sempre. Mas, afinal, havia o *Pacto Abraâmico* (comentado em Gênesis 15.18), que não permitia que Deus fechasse o livro. Portanto, a história prosseguiu, com seus ciclos de pecado-calamidade-julgamento-restauração. E a história do povo de Israel continua atualmente, após a terrível dispersão romana ter terminado somente em nossos próprios tempos (1948, ano da formação do moderno Estado de Israel). Essa história tem um grande *poder de permanência*, porquanto a graça e o poder de Deus estão residentes nela. Josué entrou na Terra Prometida com cerca de seis milhões de pessoas. Zorobabel retornou com cerca de cinqüenta mil, e Esdras adicionou outros cinco mil. Veja o leitor como Israel-Judá foi humilhado. Adriano limpou a Terra Prometida dos judeus no ano de 132 D. C. Em nosso próprio tempo outro pequeno remanescente retornou, e a paz nunca foi obtida. Estamos esperando pelo cumprimento de profecias gloriosas, que reverterão o estado humilhado e perturbado do moderno Estado de Israel.

Pitorescamente, *Aben Ezra* pintou Yahweh não como quem registrou todos os pecados de Israel, mas a lançá-los no fundo dos oceanos. Se isso não tivesse sido feito, coisa alguma teria sobrevivido de Israel. Jarchi retratou Yahweh a cobrar menos do que a lei da semeadura e da colheita teria requerido. Se Deus não tivesse feito isso, nenhum judeu teria sobrevivido até hoje. "Esdras estava descrevendo a posição da humanidade inteira diante de Deus" (John A. Martin, *in loc.*).

"As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos porque as suas misericórdias não têm fim" (Lamentações 3.22).

9.15

Ah! Senhor Deus de Israel, justo és. *Em humilhação*, Esdras conduziu a si mesmo e ao minúsculo remanescente da tribo de Judá (que se tornara o Novo Israel) perante o tribunal de justiça divina. Ele não apresentou nenhuma defesa. Lançou-se aos cuidados misericordiosos que vinha operando, até aquele ponto, o propósito divino. Deus é *justo*, e o Seu povo, formando um violento contraste, era *injusto*. Mas não existe tal coisa como justiça *nua*, isto é, uma justiça sem o tempero da misericórdia e do amor divino. A justiça, quando é autêntica, é *eficaz*. E os juízos divinos sempre têm uma força *restauradora*, e não apenas retributiva. Isso é verdadeiro, mesmo no caso do julgamento dos homens perdidos. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos* quanto a uma ilustração desse princípio. Portanto, um homem que busca justiça também busca automaticamente misericórdia e graça, que podem fazer a justiça

tornar-se *eficaz*. Sem isso, seria sempre ineficaz. Erramos quando separamos os atributos de Deus uns dos outros. Podemos dizer: "Agora Deus está sendo justo"; ou então: "Agora Deus é amor". Mas devemos lembrar que até o juízo divino é um dedo da mão amorosa de Deus, porquanto sua finalidade é fazer o bem, uma vez que tenha sido aplicado o devido castigo. Ver I Pedro 4.6, que ensina esse princípio. A cruz foi um julgamento, mas sua finalidade era conseguir a redenção para os pecadores arrependidos.

Se o remanescente não podia permanecer de pé diante da justiça de Deus, contudo poderia e ficaria de pé, por causa de Sua graça.

Tal como sou, sem nenhum apelo,
A não ser que Teu sangue foi derramado por mim;
E que me ordenaste vir a Ti,
Oh, Cordeiro de Deus, eu venho! eu venho!

Tal como sou, Tua vontade acolho,
Receber Tua recepção, perdão, purificação, alívio,
Porque creio na Tua promessa,
Oh, Cordeiro de Deus, eu venho! eu venho!

(Charlotte Elliott)

Capítulo Dez

Os capítulos 9 e 10 do livro de Esdras formam uma só unidade literária, portanto a introdução que ofereci no início do nono capítulo aplica-se também aqui.

O resultado natural da oração de Esdras (no nono capítulo deste livro) foi a confissão dos pecados cometidos pelo povo, bem como o divórcio das esposas estrangeiras, o principal problema que fazia o Novo Israel pecar. Aproximando-se perigosamente do paganismo, Israel tinha-se contaminado uma vez mais. Seu caráter *distintivo* (comentado em Deuteronômio 4.4-8) havia sido violado. e esse erro tinha de ser corrigido. A confissão de pecados produz o perdão (ver I João 1.9), e o perdão produz a restauração. Isso era o que Esdras estava buscando.

"A narrativa do capítulo nono continua, sem interrupção, pelo capítulo 10, mas com uma mudança, após a oração (Esdras 9.6-15) da primeira pessoa (Esdras 7.27-9.15) para a terceira (cf. Esdras 7.1-26). Essa mudança tem sido explicada pela hipótese de que o cronista usou aqui uma edição revisada e ampliada de Esdras, tornando-se assim responsável pela *reformulação*. Mas a existência de tal documento, chamado 'tanto de ilusório como de imaginário', não pode ser demonstrada de outra maneira" (Raymond A. Bowman, *in loc.*).

As *memórias de Esdras* aparecem na seção de Esdras 7.27-9.15, onde é empregada a primeira pessoa do plural e onde encontramos uma testemunha ocular. Esse material foi incorporado pelo cronista em sua unidade geral de Esdras-Neemias. Ver sobre as *memórias de Neemias*, em Neemias 1.1-7.5; 12.27-43 e 13.4-31.

O Povo Reconhece Seus Pecados (10.1-4)

O trecho paralelo é I Esdras 8.91-9.2.

Os *líderes* demonstraram ser os primeiros na sensibilidade quanto aos pecados (ver Esdras 9.1,2). Eles fizeram o povo de Judá sentir esses pecados, e esse foi o começo das mudanças que se faziam necessárias. Os israelitas interessados nas mudanças juntaram-se à tristeza de Esdras sobre a questão. Cf. Esdras 9.5 ss.

Porque a tristeza segundo Deus produz arrependimento para a salvação que a ninguém traz pesar; mas a tristeza do mundo produz morte.

(II Coríntios 7.10).

10.1

Enquanto Esdras orava, e fazia confissão. Esdras, dominado pela tristeza, atraiu para o templo uma multidão com seus altos gemidos. Em pouco tempo a multidão soube a *razão* da tristeza, e o Espírito de Deus também a insuflou no coração do povo. Assim estavam todos lamentando, chorando e confessando seus pecados. Um *reavivamento* tinha começado. Este é um excelente versículo, porquanto mostra-nos que até mesmo corações duros e pecaminosos algumas vezes conseguem vitória espiritual, quando são abrandados e movidos pelo Espírito. Esdras, demonstrando sua profunda tristeza, lançou-se por terra, prostrado (tal como acontecera em sua oração; ver Neemias 8.6), ou ter-se-ia ajoelhado (conforme se vê em Esdras 9.5). Ele orou defronte da casa de Deus, o templo (ver Esdras 4.24; Ezequiel 18.1-9). Esse era um lugar favorito de oração (ver Isaías 56.7; Lucas 18.10; Atos 3.1). *Confissão* era a palavra do dia. A culpa foi admitida (ver Esdras 9.7,13,15). Houve a demonstração da *responsabilidade* do grupo. Cf. Josué 7.24 ss. A multidão (I Esdras) de súbito tinha um só coração, um só espírito, um só propósito. Yahweh olhou do céu e sorriu sobre eles. A cura não estava distante.

De mulheres e de crianças. Infelizmente, muitos deles faziam parte daqueles casamentos mistos, e logo famílias seriam desmanchadas. A maior parte daquelas crianças, dos casamentos mitos, foram com suas mães, mas talvez algumas tenham ficado com seus pais. *Esse* foi o fator mais agonizante de toda a triste questão. Deve ter havido muitas famílias em agonia. Provavelmente muitas daquelas mulheres alegremente tornar-se-iam hebréias pela fé; mas Esdras estava extirpando o câncer sem misericórdia. Ele não permitiria que se continuasse a brincar com a contaminação.

10.2

Então Secanias, filho de Jeiel. Um homem, de nome *Secanias* (ver Esdras 8.3,5) tomou a frente dos outros e tornou-se o porta-voz da multidão. E ele disse: "Sim, pecamos. Eu errei. E muitos outros erraram. Tomamos esposas estrangeiras e transgredimos a lei de Moisés". Naturalmente, devemos entender que esse *ato* resultara em todas as espécies de abominação moral, a maioria das quais derivada da idolatria. Ver Esdras 9.6. O próprio Secanias não era um ofensor, mas filho de um transgressor (vs. 26 deste capítulo). Josefo chamou-o de *cabeça* do povo, mas não há evidência de que ele ocupasse algum posto oficial, e certamente ele não era o governador, que tomara o lugar quando da morte de Zorobabel. *Secanias* (ver a respeito no *Dicionário*) via *esperança* na situação, que ele percebeu que só seria resolvida mediante divórcios em massa. Na verdade, em alguns casos, o divórcio é a melhor solução. Algumas situações desintegram-se de tal modo que nenhuma outra medida pode ser eficaz para endireitar uma condição confusa. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Divórcio*.

10.3

Agora, pois, façamos aliança com o nosso Deus. Essa aliança teria a provisão de despedir as esposas e seus *filhos*, os quais seriam considerados *imundos*; mas estou conjecturando que muitos pais não sacrificaram seus filhos à Babilônia e ao paganismo que ali imperava. O filho de um hebreu era, tradicionalmente, um hebreu, sem importar qual mulher estivesse envolvida. Pelo menos essa prática tem sido típica do judaísmo nos séculos que se seguiram.

O *pacto de divórcio* foi uma reafirmação do *pacto mosaico* (ver a respeito na introdução ao capítulo 19 de Êxodo). Era esse pacto mosaico que fizera Israel tornar-se distinto entre as nações (ver as notas expositivas em Deuteronômio 4.4-8). Seja como for, o remédio era *intragável*, para dizer o mínimo, mas era o medicamento necessário para curar a enfermidade do povo de Israel. Uma de minhas fontes informativas queixa-se aqui da baixa posição que ocupavam as mulheres e crianças, pouco mais do que objetos que eram repelidos à vontade. desconsiderando-se os seus desejos e ignorando-se os seus direitos humanos e sua dor. Acho que devemos anotar esse pensamento. O Novo Testamento trouxe novas luzes e um novo amor. Creio que o apóstolo Paulo teria encontrado uma maneira melhor que a de Esdras, mas esta última estava em consonância com a luz da época. Ver meus comentários no versículo 44 deste capítulo. Os hebreus tinham certa atitude dura para com os estrangeiros, conforme vemos em trechos bíblicos como Josué 9.24-27; 11.20,22,23; I Samuel 27.9,11; II Samuel 8.1 e 11.1. Mas a luz do evangelho mudou tudo isso, e a Igreja de Cristo é uma noiva gentílica, pelo menos quanto à sua maioria, embora, idealmente, seja composta de judeus e gentios convertidos (Romanos 11.30-32). Portanto, as coisas mudaram para melhor, conforme o evangelho espalhou-se por todo o mundo antigo.

Seja como for, em Cristo não existem distinções raciais: "Dessarte não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus" (Gálatas 3.28).

Como é óbvio, Paulo estava falando sobre aqueles que estão *em Cristo*, e não sobre idólatras que contaminariam a Igreja. Não obstante, no evangelho há um amor que ultrapassa o amor do antigo judaísmo, e que, provavelmente, teria provido uma solução melhor para o caso em foco do que aquela recomendada por Esdras. Cf. Malaquias 2.16, onde Yahweh-Elohim declara: "Odeio o divórcio". Naturalmente, os casamentos mistos, de acordo com a mentalidade dos hebreus (em contraste com o que acontece entre os cristãos), nem eram casamentos propriamente ditos.

10.4

Levanta-te, pois esta cousa é de tua incumbência. *Secanias exortou Esdras a* levantar-se, pois este estava de rosto prostrado no chão, e para ter a coragem de fazer o que precisava ser feito, porquanto tinha o apoio do povo judeu. De fato, algumas vezes agir é melhor do que lamentar e orar. É conforme alguém já disse: "Temos de dar pernas às nossas orações por meio de nossos atos". Uma vida de ações corretas de um homem pode ser a sua oração. O decreto de Artaxerxes tinha dado a Esdras um virtual *cheque em branco*. Ele podia escrever ali a quantia que quisesse. Ele podia fazer conforme lhe parecesse melhor, contanto que não pusesse em dúvida a autoridade do império persa. Portanto, Esdras contava com

apoio legal e com apoio moral. Algumas vezes, um homem tem de agir sozinho, enquanto outras pessoas a ele se opõem ou o ignoram; mas nesse caso Esdras tinha muita companhia para ajudá-lo a fazer o que lhe cumpria fazer.

10.5

Então Esdras se levantou. *Obedecendo à exortação de Secanias*, porquanto esse homem assumira *autoridade* momentaneamente, Esdras levantou-se de sua prostração e deu a ordem de divórcios em massa. Naturalmente, o cronista supôs que Yahweh havia falado ao coração de Secanias para dar a Esdras a instrução correta para aquele momento.

Visto que Esdras contava com o apoio do povo, ele pôs seus líderes (os sacerdotes e os levitas), *bem como todo o povo*, sob juramento, de que cumpririam tudo quanto fosse decretado. Eles tinham de provar que estavam ao seu lado. O juramento trouxe Yahweh à questão. Deus requereria o cumprimento do juramento. O julgamento divino poderia ferir a qualquer ofensor do juramento. Entre os hebreus, um *juramento* era uma *promessa* solene feita diante de Deus (ver Juízes 11.10), julgada como obrigatória por parte de todas as pessoas envolvidas. Nenhum judeu jurava superficialmente, porque o Ser divino era considerado envolvido. Alguns juramentos, feitos em boa fé, são desastrosos, e Jesus advertiu-nos contra os juramentos em geral (ver Mateus 5.34). Um homem deveria ter uma integridade tal que se ele dissesse um "sim", então seria "sim"; e se ele disse um "não", então seria "não". Sua palavra deveria ser considerada um juramento. Ele não precisaria jurar por coisa alguma. Naturalmente, poucos homens têm essa integridade. Por outro lado, os juramentos não aumentam a integridade. Ver no *Dicionário* sobre os *Juramentos*.

10.6

Esdras se retirou de diante da casa de Deus. *Jejum e Lamentação.* Esdras estava prestes a baixar um decreto muito sério e socialmente perturbador. Ele se preparou para o fato mediante jejum e oração. Além disso, retornou à sua lamentação e tristeza. As transgressões dos judeus pesavam sobre ele. Esdras estava considerando a maneira de renovação sugerida por Secanias. Deveria ele ou não ordenar o divórcio em massa?

Esdras entrou na câmara de Joanã a fim de jejuar, orar e lamentar, buscando a vontade e a ajuda de Yahweh. Joanã era o neto de Eliasibe, o sumo sacerdote, e, finalmente, tornou-se o sumo sacerdote. Parece que esse homem permitiu que Esdras usasse sua câmara particular, no templo. Ver Neemias 3.1. Joanã tornou-se sumo sacerdote no tempo de Dario II, em cerca de 408 A. C. Ver sobre Joanã em Neemias 12.23.

10.7

Fez-se passar pregão por Judá e Jerusalém. Em primeiro lugar, foi necessário um *decreto preliminar*, requerendo a presença de todo o remanescente de Judá. Todo o território de Judá e Jerusalém recebeu a ordem. Esdras estava pronto para baixar seu decreto solene e socialmente perturbador. A multidão reunir-se-ia na praça aberta (Revised Standard Version), diante do templo. Seria uma assembléia geral. Nenhum varão seria dispensado (vs. 8).

10.8

E que se alguém em três dias não viesse. Aqueles que ignorassem o decreto acerca da assembléia, e não aparecessem dentro de *três dias*, seriam excluídos do Novo Israel, o que foi um ato drástico, realmente. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Excomunhão-Expulsão*. É de presumir que aqueles que fossem excomungados seriam forçados a voltar à Babilônia. Em outras palavras, seriam banidos ou exilados. Note o leitor que Esdras contava com o apoio dos líderes de Israel, os príncipes e os anciãos. Esdras não agiu por conta própria. Ele precisava de toda a autoridade de que pudesse cercar-se, para aquilo que estava prestes a fazer. Esdras tinha a autoridade de fazer o que quisesse (Esdras 7.26), mas também tinha poderes delegados como administrador (Esdras 8.24-29; Neemias 8.4,7,8). Ele estava sob o controle dos persas e sujeito à observação deles (Esdras 4.11 ss.; 5.6-17), mas não é provável que a questão do divórcio criasse problema algum com os oficiais persas.

Qualquer possessão que o homem excomungado perdesse, seria revertida ao tesouro do templo. Assim, sem um único centavo, ele seria enviado de volta para a Babilônia.

10.9

Então todos os homens de Judá e Benjamim. *Com todas aquelas ameaças*, podemos estar certos de que todos os varões hebreus reuniram-se em Jerusalém, na praça que ficava defronte do templo. A multidão se aglomerou ali na praça, esperando pela palavra de condenação. Para piorar as coisas, caiu uma pesada chuva, fazendo todos sentir-se miseráveis. Por assim dizer, os céus choravam, ao verem tal visão. O povo "tremia", pois antecipava más notícias e porque sentia frio debaixo da chuva. O evento foi tão significativo que o cronista registrou o dia exato em que aconteceu. Era o nono mês do ano, no vigésimo dia do mês, ou seja, o mês de quisleu, nosso novembro-dezembro, cerca de cinco meses depois que Esdras retornou com o segundo grupo de judeus para Jerusalém. Quão rapidamente o machado caiu sobre eles! O ano era 457 A. C. Dezembro era a estação chuvosa, de forma que a chuva não foi nenhuma surpresa, mas também não foi nada agradável. Era inverno e estava chovendo, um dia miserável, e Yahweh mostrou o Seu desprazer diante de todos, enviando aquela chuva. A Septuaginta diz que eles tremiam "porque era inverno". Dezembro era o mês mais frio e mais chuvoso do ano em Israel.

10.10

Então se levantou Esdras, o sacerdote. *Esdras Não Desperdiçou Tempo Lendo a Lista de Pecados.* Havia na lista toda espécie de infração contra a lei, mas a mais grave delas era a questão dos casamentos mistos. Esdras nem teve uma introdução para a diatribe contra os judeus. Foi direto ao âmago da questão. A multidão, ansiosa, confusa e tremendo, ouviu as palavras dele como se fossem marteladas sobre seus ouvidos e coração. A chuva deixara-os *desconfortáveis*, mas o discurso de Esdras deixou-os realmente *miseráveis*. Israel vivia adicionando iniqüidades às suas iniqüidades. Estava sempre acumulando iniqüidades. Esdras disse que esse estado de coisas teria de acabar, em algum tempo, em algum lugar; e disse-lhes quando e onde: "Aqui mesmo e agora mesmo". Esdras era um homem severo, que se escudava na autoridade. Ninguém haveria de afrontar seu poder.

"Esdras ergueu-se não como quem estava comissionado por Artaxerxes, mas como o escriba, como o mestre, como o representante de Deus" (Ellicott, in loc.).

10.11

Agora, pois, fazei confissão ao Senhor Deus de vossos pais. *Confissão.* Os pecados dos judeus precisavam ser confessados. Eles precisavam ter contrição no coração; eles precisavam mudar seu curso de ação; eles tinham de desvencilhar-se de todas aquelas mulheres estrangeiras. Yahweh-Elohim estava esperando que eles mudassem de coração. Ele ouviria a confissão: observaria o arrependimento; perdoaria e curaria a terra. *Yahweh* era o Deus dos pais deles. Assim agindo, eles voltariam ao rebanho aprovado de Israel, como descendência de Abraão, Isaque e Jacó. Cf. Esdras 7.27 quanto ao Deus dos pais, onde provi outras referências sobre esse assunto. *Separação* era a palavra do dia, e por diversos dias a seguir, quando os divórcios em massa seriam efetuados. Quem haveria de enxugar as lágrimas das mulheres e das crianças, quando elas fossem separadas de seus maridos e de seus pais? Sem dúvida, haveria uma maneira melhor de resolver a questão. Esdras teve a responsabilidade de tudo. Que Deus resolvesse a questão.

10.12

Respondeu toda a congregação. *A congregação inteira* concordou com o decreto. Ninguém haveria de resistir. Ninguém se rebelaria. Que as mulheres e as crianças retornassem à Babilônia. Talvez alguns poucos pais tenham-se agarrado a seus filhos e não os tenham deixado ir-se. Talvez Esdras fosse liberal o bastante para permitir esse tanto. Adam Clarke espera aqui que às mulheres e às crianças os judeus tenham dado amplo suprimento, para que não fossem despedidas destituídas das coisas. Mas algumas vezes o dinheiro não é suficiente. Diversos anos mais tarde, lemos de mais casamentos mistos (ver Neemias 13.23), o que significa que o problema não fora absolutamente resolvido nos dias de Esdras, e talvez alguns homens, por métodos duvidosos, tenham conseguido conservar em sua companhia suas esposas e seus filhos. Mas podemos estar certos de que houve um grande programa de limpeza social posto em ação.

10.13

Porém o povo é muito. Muitos judeus tinham transgredido, contraindo casamentos com mulheres estrangeiras; era a estação chuvosa, e isso dificultava muito as coisas. Mulheres e crianças teriam de viajar. Haveria bagagens a serem carregadas. O período de transição tomaria algum tempo, pelo que os líderes do povo requereram *paciência*. Conforme as coisas aconteceram, foram necessários *três meses* para cumprir o plano de divórcios em massa (vss. 16 e 17). Alguns estudiosos falam em até quatro meses.

10.14

Ora que os nossos príncipes decidam por toda a congregação. *Cada caso* de casamento misto seria examinado individualmente, nas cidades das pessoas envolvidas, a fim de que os tribunais de Jerusalém não ficassem sobrecarregados. Talvez, como uma de minhas fontes informativas indica, *algumas mulheres*, notórias por sua piedade na adoração a Yahweh, embora estrangeiras, seri-

am aprovadas para permanecer. *Isso salvaria algumas famílias* da separação. Dessa maneira, a ira de Yahweh seria abafada, porque o povo de Israel estava no *processo* da purificação.

10.15

No entanto, Jônatas, filho de Asael, e Jaseías, filho de Ticvá. Alguns judeus da linha dura opuseram-se ao procedimento da demora. Não somos informados por que eles se opuseram ao plano *gradual*, e nem se tinham alguma sugestão alternativa. Houve quatro pessoas contrárias ao plano. Dou artigos sobre eles no *Dicionário*. Alguns eruditos supõem que a oposição era contra o divórcio em massa propriamente dito, e não contra o adiamento da solução. Outros argumentam que este versículo diz que aqueles quatro homens foram nomeados para supervisionar o plano lento. Pelo menos um dos quatro, de nome *Mesulão*, estava envolvido em um casamento misto (vs. 29), e isso poderia mostrar que a verdadeira interpretação é que eles simplesmente se opunham ao plano do divórcio em massa, como muito brutal.

10.16,17

Assim o fizeram os que voltaram do exílio. A grande maioria dos judeus favorecia o plano lento, isto é, o exame dos casos, um por um (vs. 14). "O trabalho começou no mês de tebet (o décimo mês do ano; dezembro-janeiro) e foi completado no mês de nisã (o primeiro mês; março-abril)" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o versículo 16 deste capítulo). As datas exatas foram as seguintes: começo do processo: 26 de dezembro de 398 A. C. Fim do processo: 23 de abril de 397 A. C., cerca de quatro meses depois. O cálculo dos *quatro meses* supõe a *intercalação*, ou seja, a inserção de um mês extra na Palestina, como no calendário babilônico, em 397 A. C. Isso estendeu o processo um mês. Essa inserção serviu para dar ao calendário maior exatidão. O calendário era lunar e, para pô-lo em maior harmonia com o ano solar, um mês era acrescentado ao ano a cada três anos. Quanto a explicações mais completas sobre essa questão, ver o artigo do *Dicionário* chamado *Calendários Babilônio, Assírio e Caldeu.*

E o concluíram. Não a punição dos culpados, mas o término do exame do processo de todos os casos.

Lista dos Transgressores (10.18-44)

Cf. I Esdras 9.21-36.

Caracterização Geral. Os pecadores provinham de todos os níveis da sociedade judaica. Muitos homens de elevada posição, até mesmo sacerdotes e levitas, estavam envolvidos: dezessete sacerdotes (vss. 18-22) e dez levitas (vss. 23,24). Além desses, havia oitenta e quatro outros, que representavam a nação inteira (vss. 25-43). É verdade, conforme foi dito em Esdras 9.1, que alguns líderes estavam envolvidos. Os sacrifícios apropriados foram oferecidos como expiação pelo pecado (ver Levítico 5.14,15). Note o leitor que os nomes das famílias, nesta passagem (vss. 25-43), correspondem de perto aos nomes das listas de Esdras 2.3-20. Havia filhos através dos casamentos mistos. A maioria deles, se não mesmo todos, seriam mandados embora com suas mães. Muitos lares seriam assim desfeitos. Houve grande ruptura social (vs. 44). Depois de toda essa dor, o povo judeu escorregou para a mesma transgressão (ver Neemias 13.23-28). Então a narrativa termina abruptamente. Os que tinham voltado do exílio babilônico, o Novo Israel, deveriam ter a devida adoração no templo (capítulos primeiro a sexto) e viver segundo a legislação mosaica (capítulos sétimo a décimo), pois, do contrário, nada haveria de distintivo quanto a eles, nem haveria bênção especial e orientação da parte de Yahweh.

Quanto ao pouco que se sabe a respeito das pessoas mencionadas, ver os artigos correspondentes no *Dicionário*. Acrescento algumas poucas explicações nos pontos especiais.

10.18-23

Acharam-se dos filhos dos sacerdotes que casaram com mulheres estrangeiras. Os vss. 18 a 23 destacam os membros culpados da família sumo sacerdotal (vs. 18). Quatro famílias sacerdotais estavam representadas na lista dos culpados (cf. Esdras 2.36-39). Os irmãos de Jesua estavam envolvidos (cf. Esdras 3.2). Curiosamente, não há referência ao envolvimento por parte dos *netinim*, ou servos do templo. Eles eram pobres demais para multiplicarem esposas e estabelecerem famílias no exílio. Eram convertidos ao yahwismo, embora fossem estrangeiros, e poderiam ser mencionados, caso estivessem em transgressão. Por outro lado, talvez fossem uma classe social baixa demais para ser citada. Ver a caracterização geral, anteriormente, quanto a algumas explicações detalhadas sobre as classes envolvidas na transgressão dos casamentos mistos.

Com um aperto de mão. No hebraico temos a expressão literal "deram suas mãos", que é o hebraico correspondente a "comprometeram-se a" (Revised Standard Version) despedir suas esposas estrangeiras e renovar a aliança com Yahweh, a saber, o *Pacto Mosaico* (anotado na introdução ao capítulo 19 do livro de Êxodo). Isso foi assim porque, sem a separação do *paganismo*, nenhum sacerdócio poderia operar. "... um solene compromisso usualmente era ratificado prometendo com a mão direita erguida (Provérbios 6.1; Ezequiel 17.18)" (Jamieson, *in loc.*).

Um carneiro do rebanho por sua culpa. Ver Levítico 5.14,15. A oferta pela *culpa* expiaria seus pecados. O erro precisava ser corrigido, como era usual em Israel, mediante os sacrifícios prescritos pela lei mosaica. Ver o artigo de sumário no *Dicionário*, intitulado *Sacrifícios e Ofertas*.

Dos filhos de Pasur. Seus filhos estavam envolvidos na transgressão. "Comparando com Esdras 2.36-39, descobrimos que *todas* as famílias sacerdotais que voltaram com Zorobabel estavam implicadas na ofensa nacional" (Ellicott, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo detalhado chamado *Pasur.*

10.24

Dez levitas eram culpados (vss. 23 e 24), e representavam os vários turnos e tipos de levitas, como cantores, porteiros etc. O ministério, pois, tinha sido completamente poluído e estava imundo para as suas funções. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Limpo e Imundo.*

10.25-33

Os *netinim* ou servos do templo (ver Esdras 2.43-57) foram deixados de fora, ou porque não estavam envolvidos na transgressão, ou porque o envolvimento deles não era digno de ser mencionado. Mas *oitenta e quatro* pessoas, que não pertenciam ao clero, representando todos os aspectos e classes da nação, haviam transgredido. Comparando a lista das famílias dada em Esdras 2.3-20, vemos que muitas famílias estavam representadas na infração. Em outras palavras, a transgressão dos casamentos mistos era *nacional.*

E de Israel. Isto é, o Novo Israel, o fragmento de Judá, que tinha dado a essa nação um novo começo, após o cativeiro babilônico. O fragmento de Judá tomou o lugar das *doze tribos*, mas a massa maior do povo pertencia à tribo de Judá.

Variações nas versões e na passagem paralela, I Esdras 9.21-36, alertam-nos para o fato de que as listas eram um tanto defeituosas, e alguns erros ocorreram ali. Temos encontrado esse reparo como veraz, comparando todas as listas do livro de Esdras com Neemias e I Esdras. Raymond A. Bowman (*in loc.*) tem o trabalho de demonstrar isso quando compara este trecho de Esdras com Neemias 10-12 e com o capítulo 9 de I Esdras, mas não repito aqui essa informação dele. Discrepâncias como essas não têm nenhum efeito sobre alguma sã teoria da inspiração das Escrituras. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Inspiração.*

Mesulão. Foi um dos quatro homens que se opuseram ao divórcio forçado propriamente dito, ou ao método que foi empregado para pô-lo em prática. Ver o vs. 15. O fato de ele estar envolvido na infração parece indicar que se opunha à idéia inteira dos divórcios em massa. Provavelmente ele queria reter sua esposa e seus filhos, e parecia-lhe um terror ver sua família destruída

10.34-44

Estes onze versículos apresentam o maior número de problemas quando comparados às passagens paralelas, e Raymond A. Bowman, *in loc.*, dá-se ao trabalho de apontar um bom número deles. *Vinte e sete* nomes são atribuídos à família de Bani (vss. 34-42), o que parece um exagero, visto que a segunda maior família tinha apenas oito homens envolvidos na transgressão (vss. 30 e 31). Por outro lado, talvez a família de Bani fosse exagerada nesse particular.

O Versículo Patético. O hebraico em que foi vazada a segunda metade do *vs. 44* é obscuro, e não significa, necessariamente, que os *filhos* das esposas estrangeiras foram enviados com suas mães. Mas o paralelo em I Esdras é claro. Os filhos foram mandados embora. Assim, grande levante social foi o resultado: muitos lares desfeitos; muitas lágrimas.

Houve um *expurgo* que alcançou sucesso, mas o seu custo foi alto. "A seqüela imediata, em Neemias 9.1 ss., assevera novamente que os homens de Judá não se separaram completamente de suas esposas estrangeiras e de seus filhos (ver Esdras 10.29-31), nem de todos os *outros* estrangeiros (Esdras 9.2; cf. especialmente com Esdras 9.1 e 10.11)" (Torrey em seu livro *Ezra Studies*, págs. 278 e 279).

"A narrativa de Esdras continua em Neemias 9.1-5, que descreve a confissão requerida por Esdras (vs. 11), e relata a verdadeira separação das famílias mistas" (Raymond A. Bowman, *in loc.*).

"Nem mesmo esse fato patético (acerca dos filhos) impediu que a excisão fosse completa. Mas o livro de Neemias (13.23 ss.) mostra que isso foi completo somente por algum tempo" (Ellicott, *in loc.*).

OS TRÊS ESTÁGIOS DA VOLTA DE JUDÁ DO CATIVEIRO BABILÔNICO

O CATIVEIRO BABILÔNICO
70 ANOS - 597-538 A.C.

Três Voltas

Pessoas Envolvidas	Datas	Profetas	Realizações Principais
Zorobabel	538-515	Ageu (520) Zacarias (520-518)	O Templo Reconstruído
Esdras	458-456		A Volta de um Grupo de Exilados
Neemias	444-432	Malaquias (450-430)	O Muro de Jerusalém Reconstruído
	430		Uma Segunda Volta de Neemias para Fortalecer o Povo

Tempos Posteriores

- Israel continuava como nação na tribo de Judá e assim evitou a sua total destruição.
- O período de intervalo entre o Antigo e o Novo Testamento: 400 anos.
- A produção dos livros Apócrifos e Pseudepígrafos.

*** *** ***

O cativeiro babilônico se realizou em estágios e houve diversas voltas de pequenos grupos de sobreviventes para Jerusalém.

O Novo Israel era mera sombra da velha nação e a glória nunca foi recuperada. Mesmo assim, o propósito de Deus continuava operando.
A Teologia do Messias crescia na face da melancolia, gerando nova esperança.

Os livros apócrifos e pseudepígrafos enriqueceram a teologia hebraica acabando por favorecer o desenvolvimento do Novo Testamento.

A Solução de Paulo. Em uma época de maior iluminação e de maior compreensão do amor de Deus, o que teria feito o apóstolo Paulo? Estou presumindo que ele encontraria uma solução melhor que a de Esdras para uma situação social tão crítica. Ele descobriria uma maneira de manter unidas muitas daquelas famílias, sem infringir o conceito cristão de separação de casamentos mistos (ver II Coríntios 6.15 ss.). Pelo menos, penso que podemos ter certeza de que ele teria tentado outra maneira de resolver o problema. Falando em sua tentativa (tendo salvado somente algumas famílias), ele pode ter seguido a solução radical de Esdras quanto aos demais. Ver comentários adicionais sobre o problema no vs. 3 do presente capítulo.

Casamento e enforcamento andam juntos.
Os casais são feitos no céu.

(Robert Burton)

O primeiro laço da sociedade é o casamento.
O próximo são nossos filhos. Então a família inteira
e todas as coisas em comum.

(Cícero, De Officiis)